



Essas produções são amostras do que os egressos do Concurso Negro e Educação elaboraram.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO**

**CARINA MERKLE LINGNAU**

**(ENTRE)**

**ARTIGOS, ENTREVISTAS, E RELATÓRIOS:  
ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO  
CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO**

CASCADEL

2014

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO NÍVEL DE**  
**MESTRADO/PPGE**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO**

**(ENTRE)**

**ARTIGOS, ENTREVISTAS E RELATÓRIOS:**  
**ESTUDO CRÍTICO DO DISCURSO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO**  
**CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO**

**CARINA MERKLE LINGNAU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Área de Concentração Sociedade, Estado e Educação, Linha de Pesquisa História da Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Sônia Maria dos Santos Marques

CASCADEL

2014

Catálogo na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas - UNIOESTE – Campus Francisco Beltrão

L646 Lingnau, Carina Merkle  
(Entre) artigos, entrevistas e relatórios: estudo crítico do discurso da história da educação no concurso negro e educação. / Carina Merkle Lingnau – Cascavel, 2014.  
130 f.

Orientador: Dra. Sônia Maria dos Santos Marques.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Cascavel.

1. Análise do Discurso. 2. Programas de ação afirmativa. 3. Professores – Formação. 4. Negros – Educação. I. Marques, Sônia Maria dos Santos. II. Título.

CDD – 370.19342

Sandra Regina Mendonca CRB – 9/1090

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**(ENTRE)**

**ARTIGOS, ENTREVISTAS E RELATÓRIOS:**

**ESTUDO CRÍTICO DO DISCURSO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO  
CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO**

Autora: Carina Merkle Lingnau  
Orientadora: Sônia Maria dos Santos Marques

Este exemplar corresponde à Dissertação de Mestrado defendida por Carina Merkle Lingnau, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Data:

Assinatura: \_\_\_\_\_  
(orientadora)

COMISSÃO JULGADORA:

---

Gustavo Biasoli Alves

---

Maria de Lourdes Bernartt

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à equipe espiritual que deu força e energia para escrever e pesquisar o tema.

Agradeço ao Deus da vida, ao Cristo e aos anjos da guarda que estiveram sempre presentes durante a caminhada.

Agradeço à oportunidade de ter recebido a orientação de Sônia Maria dos Santos Marques que entre dificuldades pessoais e muitos afazeres sempre me atendeu com paciência e carinho, quantos telefonemas, quantos e-mails, quantas horas de orientação. Muito obrigada por seu profissionalismo e amor à leitura.

Agradeço ao povo de casa, Helena e Raquel, que compartilharam comigo ideias e foram companheiras na tarefa a ser cumprida. Agradeço ao meu marido querido, Rodrigo Lingnau, por sua ajuda, motivação, dedicação, apoio e torcida.

Agradeço aos professores da Pós-Graduação em Educação da Unioeste Campus Cascavel e Francisco Beltrão pela motivação.

Agradeço à Sandra Koerich pela alegria, bom humor e disposição em ajudar de todas as formas possíveis.

Agradeço aos colegas. Agradeço também pelas caronas, pela ajuda e pelas ideias.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida a partir de abril de 2013.

Agradeço a todos que disponibilizaram dados, entrevistas e contatos para que esse trabalho fosse possível.

Agradeço à Ação Educativa, à Fundação Ford, à ANPED pelo empréstimo de documentação que auxiliou no processo de pesquisa.

Agradeço à minha mãe Erica Merkle e a meu pai Waldemar Merkle (*in memoriam*) pelo esforço em oportunizarem a educação e condições de vida à suas filhas e netos.

**RESUMO:** O Concurso Negro e Educação foi a primeira ação afirmativa de dotação de pesquisa sobre o negro e educação, no período de 1998 até 2007. Foi promovido pela cooperação entre ANPEd, Ação Educativa e teve apoio financeiro da Fundação Ford. Nesse intervalo de tempo foram elaboradas quatro edições do Concurso e cada uma delas gerou uma publicação que reuniu os artigos escritos pelos pesquisadores participantes do Concurso de Dotação para pesquisa. Esta dissertação teve como recorte os artigos publicados pelo Concurso sobre a história da educação do negro resultantes das pesquisas nas edições dos livros 1, 3 e 4 do Concurso Negro e Educação. O objetivo geral do trabalho foi analisar os textos escritos nos livros do Concurso Negro e Educação, centrados na história da educação do afro-brasileiro e os objetivos específicos consistiram em: conhecer o processo de formação dos sujeitos que escreveram textos nos livros produzidos pelo Concurso Negro e Educação centrados no tema história da educação do negro; relacionar os artigos do Concurso Negro e Educação com a formação de pesquisadores voltada para a História da Educação e conhecer o contexto de produção das pesquisas e do Concurso Negro e Educação. Para o desenvolvimento teórico-metodológico nos valem das contribuições de Fairclough (1989, 2001), Van Dijk (1993), entre outros, para analisarmos os artigos com base na Análise do Discurso Crítica (ADC); nas discussões utilizamos Hall (1997), Certeau (1982), Ricoeur (1984), Bhabha (1990, 1998), Munanga (2004), entre outros. Para termos acesso a versões do Concurso que estavam fora dos relatórios, documentos, artigos e livros foram elaboradas entrevistas semi-estruturadas em formulários via email assim como entrevistas narrativas utilizando a concepção de Bauer e Gaskell (2002) com os sujeitos que escreveram os textos nos livros do Concurso Negro e Educação, centrados no tema História da Educação. Também entrevistamos outras personalidades envolvidas no processo do Concurso Negro e Educação. Fizemos pesquisa documental e levantamento bibliográfico. Os resultados da investigação demonstram traços ideológicos hegemônicos nos discursos dos artigos analisados. Na investigação percebemos o significado do Concurso Negro e Educação como política de ação afirmativa para formação de pesquisadores na temática étnico-racial. Isso é expressivo, pois verificamos que dos 61 egressos do Concurso, 38 atualmente estão inseridos profissionalmente em instituições de ensino superior, dos quais 10 orientam em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, o que indica a ocupação de um espaço discursivo privilegiado, antes dominado pelas elites simbólicas. A totalidade do material coletado e analisado permite afirmar que o Concurso Negro e Educação ampliou as possibilidades de produção de pesquisas sobre a temática.

**Palavras-chave:** pesquisa étnico-racial, ações afirmativas, formação de pesquisadores, ADC.

**ABSTRACT:** The Black and Education Contest was the first affirmative action allocation research about education and the black which lasted from 1998 to 2007 and was promoted by the cooperation among ANPEd, Ação Educativa and had financial support from the Ford Foundation. During this time it had been promoted four editions of the contest and each generated a publication that brought together articles written by researchers participating in the Black and Education Contest. This dissertation has as research excerpt the articles written in the publications about Black and Education Context focused on the history of black education resulting from research compiled in the editions of books 1,3 and 4 of the Black and Education Contest, since Publication 2 had no article on this theme. The general objective of the study was to analyze the texts produced in the publication books of the Black and Education Contest focused on the history of black education and the specific objectives were: to understand the process of formation of subjects who wrote texts in books produced by Black & Education Contest centered on history of black education; relate productions of the Black & Education Contest with the formation of researchers focused on the history of education and knowing the context of the research and production of the Black & Education Contest. As methodology we used Fairclough (1989, 2001), Van Dijk (1993), among others, to analyze the articles based on Critical Discourse Analysis (CDA). In the discussions we used Hall (1997), Certeau (1982), Ricouer (1984), Bhabha (1990, 1998) Munanga (2004), among others. To have access to the versions that were out of the contest reports, articles and books we prepared semi-structured forms via email as well as narrative interviews using the concepts of Bauer and Gaskell (2002). We interviewed the researchers who wrote the texts in the publications of Contest Black and Education centered on the theme History of Education. We also interviewed other persons involved in the Contest Black & Education. We conducted documental research and bibliographical survey. The results of the work were new versions of the history of education of african-brazilians as well as remnants of hegemonic discourses ideological traces of the analyzed articles. Furthermore, we found that of the 61 graduates from Contest, currently 38 are inserted professionally in higher education institutions of which 10 are advising in post-graduate studies, indicating the occupation of a privileged discursive space by symbolic elites and the need of affirmative actions for the entry of these researchers in academic spaces, which can collaborate with research on ethnic and racial themes.

**Keywords:** ethno-racial research, affirmative action, training of researchers, CDA.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> Bolsistas NE por região.....	41
<b>Quadro 2</b> Egressos NE 1.....	77
<b>Quadro 3</b> Egressos NE 2.....	82
<b>Quadro 4</b> Egressos NE 3 .....	88
<b>Quadro 5</b> Egressos NE 4 .....	95
<b>Quadro 6</b> Instituições de ensino superior em que candidatos atuam no momento por região brasileira .....	104

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> Bolsistas por grau de instrução .....	37
<b>Gráfico 2</b> Orientadores NE por região.....	40
<b>Gráfico 3</b> Bolsistas NE e sua distribuição regional.....	41
<b>Gráfico 4</b> Inserção de trabalho atual candidatos NE 1 .....	81
<b>Gráfico 5</b> Inserção de trabalho atual candidatos NE 2.....	87
<b>Gráfico 6</b> Inserção de trabalho atual candidatos NE 3.....	93
<b>Gráfico 7</b> Inserção de trabalho atual candidatos NE 4.....	101
<b>Gráfico 8</b> Candidatos hoje orientadores em curso de pós-graduação <i>stricto sensu</i> .....	102
<b>Gráfico 9</b> Cursos de pós-graduação <i>stricto sensu</i> em que candidatos selecionados orientam.....	105

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ABPN** – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros

**ADC** – Análise do Discurso Crítica

**ANPEd** – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

**CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CEAFRO** – Centro de Estudos Afro-Orientais, Unidade de Extensão da UFBA – Universidade Federal da Bahia

**CEEA**: Centro de Estudos Afro-Asiáticos

**CEAO** – Centro de Estudos Afro-Orientais

**CEERT** – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades

**NE** – Concurso Negro e Educação

**CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológica

**COPENE** – Congresso de Pesquisadores Negros

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**FAPEMIG** – Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais

**FAPESP** – Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo

**FCC** – Fundação Carlos Chagas

**FEBEM** – Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor

**FHC** – Fernando Henrique Cardoso

**FIES** – Fundo de Financiamento ao Estudante de Nível Superior

**FINEP** – Financiadora de Estudos e Projetos

**FIOCRUZ** – Fundação Oswaldo Cruz

**FNB** – Frente Negra Brasileira

**FNDE** – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

**GE** – Grupo de Estudo

**GEPHE** – Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação

**GTs** – Grupos de Trabalho

**IDDHA** – Instituto de Defesa dos Direitos Humanos

**IFP** – Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação

**INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

**IUPERJ** – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**LOA** – Lei Orçamentária Anual

**RNFF** – Relatório Narrativo da Fundação Ford

**SECADI** – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Inclusão

**SEDUC-PE** – Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco

**SEPPIR** – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

**UCB/DF** – Universidade Católica de Brasília/Distrito Federal

**UCDB** – Universidade Católica Dom Bosco

**UDESC** – Universidade Estadual de Santa Catarina

**UEG** – Universidade Estadual de Goiás

**UEM** – Universidade Estadual de Maringá

**UENF** – Universidade Estadual do Norte Fluminense

**UESC** – Universidade Estadual de Santa Cruz

**UFBA** – Universidade Federal da Bahia

**UFC** – Universidade Federal do Ceará

**UFF** – Universidade Federal Fluminense

**UFGD** – Universidade Federal da Grande Dourados

**UFJF** – Universidade Federal de Juiz de Fora

**UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais

**UFMT** – Universidade Federal de Mato Grosso

**UFOP** – Universidade Federal de Ouro Preto

**UFPI** – Universidade Federal do Piauí

**UFPR** – Universidade Federal do Paraná  
**UFPB/JP** – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa  
**UFPA** – Universidade Federal do Pará  
**UFPE** – Universidade Federal de Pernambuco  
**UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
**UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
**UFRN** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
**UFPB** – Universidade Federal da Paraíba  
**UFRPE** – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
**UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina  
**UFSCAR** – Universidade Federal de São Carlos  
**UFSM** – Universidade Federal de Santa Maria  
**UFT** – Universidade Federal do Tocantins  
**UNB** – Universidade de Brasília  
**UNEB** – Universidade do Estado da Bahia  
**UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas  
**UNIFAL** – Universidade Federal de Alfenas  
**UNIOESTE** – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
**UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
**UNIMONTES** – Universidade Estadual de Montes Claros  
**UPE** – Universidade de Pernambuco  
**USP** – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>PRIMEIRAS CONVERSAS</b> .....	16
<b>CAPÍTULO I- A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO SER NEGRO NO CONTEXTO BRASILEIRO DOS ANOS 2000</b> .....	25
1.1 Política e discurso afro-brasileiro nos anos 2000.....	26
1.2 De preto a afro-descendente .....	30
1.3 De pesquisado a pesquisador.....	33
<b>CAPÍTULO II- AS NARRATIVAS A RESPEITO DO CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO</b> .....	36
2.1 Concurso Negro e Educação: primeira ação afirmativa no Brasil .....	37
2.2 Seleção e desenvolvimento dos projetos enviados para o NE .....	39
2.3 Bastidores do NE: o cotidiano dos candidatos selecionados .....	46
<b>CAPÍTULO III- ARTIGOS SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO AFRO-BRASILEIRO NO CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO: ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO</b> .....	52
3.1. Análise do artigo “As primeiras práticas educacionais com características modernas em relação aos negros no Brasil” .....	55
3.2. Análise do artigo “A Colônia Orfanológica Isabel de Pernambuco (1874-1887)” .....	59
3.3. Análise do artigo “Compassos Letrados: Profissionais Negros Entre a Instrução e o Ofício em Pernambuco (1830-1860)” .....	65
3.4. Análise do artigo “A Escola Primária da Frente Negra Brasileira em São Paulo (1931-1937)” .....	70
<b>CAPÍTULO IV- PRÁTICA SOCIAL – O TRIPÉ ‘ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO’ DOS EGRESSOS DO CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO</b> .....	75
4.1 Ações em pesquisa, ensino e extensão dos egressos do NE 1.....	78
4.2 Ações em pesquisa, ensino e extensão dos egressos do NE 2.....	83
4.3 Ações em pesquisa, ensino e extensão dos egressos do NE 3.....	89
4.4 Ações em pesquisa, ensino e extensão dos egressos do NE 4.....	96

4.5 O poder e o discurso: redes de pesquisadores.....	104
<b>CONVERSAS FINAIS</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	118
<b>APÊNDICES</b> .....	129

## PRIMEIRAS CONVERSAS

[...] o tema eu já tinha, eu já estava estudando muito, eu já estava tendo muito contato com a escola primária, era uma opção minha, trabalhar com a escola primária e com a educação de crianças negras na escola primária. A primeira informação que se tem é que poucas crianças ou crianças negras estudaram no período de 1920 e 1930, então isso estava me chamando atenção e eu apresentei então o projeto de pesquisa para falar de escolarização de crianças negras. (Márcia Luíza Pires de Araújo, 05/06/2013)<sup>1</sup>.

Como aconteceu a história da educação das crianças afro-brasileiras? É o que também comecei a me perguntar ao iniciar as leituras dos artigos do Concurso Negro e Educação (doravante NE). Embora o NE tenha abarcado uma grande diversidade de assuntos, os da história da educação foram os que mais me atraíram, justamente por não ter conhecimento sobre os assuntos que os artigos do NE discutiram nesse aspecto. A entrevistada Márcia Luíza Pires de Araújo (05/06/2013), percebeu que de modo geral as pessoas atribuíam pouco estudo às crianças negras nos anos 20 e 30 e por isso decidiu estudar a Escola da Frente Negra Brasileira. Ao lado desse artigo teremos acesso a mais três ao longo do trabalho.

Como estaremos nos relacionando com nomenclaturas específicas da área étnico-racial durante a pesquisa, esclarecemos que nesse trabalho a palavra negro é utilizada para caracterizar os afrodescendente e os afro-brasileiros<sup>2</sup>. A palavra raça é compreendida como construção social (Munanga, 2004), pois o que existe é uma só raça, a raça humana. Historicamente a palavra raça sofreu mudanças de significado (Munanga, 2004) e junto com ela a sociedade assumiu sentidos diversos a partir do momento histórico e do local social (Certeau, 1982) que o sujeito se encontrava. Nesse trabalho assumimos os conceitos de raça e etnia de acordo com Munanga (2004, p.11), que afirma: “O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias.” Nesse sentido, ao tomarmos de Munanga (2004) essa nomenclatura esclarecemos que para nós essa discussão

---

<sup>1</sup> Todas as pessoas entrevistadas são citadas no formato nome do entrevistado e data da entrevista. Quando os entrevistados coincidirem com os artigos por eles formulados nós utilizaremos o formato sobrenome, ano e página, se for o caso.

<sup>2</sup> Para Munanga (2004) o conceito afrodescendente foi idealizado para encontrar harmonia com os pardos com o objetivo de alcançar maior força política.

é importante já que os artigos analisados são sobre a área das relações étnico-raciais.

O meu contato com a temática étnico-racial, na trajetória pessoal e profissional chegou mais tarde. Licenciada em Letras Português e Inglês não tive acesso aos conteúdos e discussões sobre a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Na época, não se cogitava essa discussão nos cursos de graduação.

A percepção da história dos afro-brasileiros está sendo construída aos poucos e a compreensão de que essa história também é minha ainda está em construção, pois tive acesso à história demarcada pela ausência de livros didáticos com informações sobre personalidades negras influentes na história do país, professoras e professores despreparados nessa questão. Assim, na descoberta de um assunto novo para mim e para tantos outros, comecei a trilhar um percurso de leitura e escrita que ensaiam anúncios de pesquisa a partir de sugestões de minha orientadora que tem incontáveis possibilidades de reunir temáticas importantes e sérias para serem pesquisadas.

No percurso de investigação, temos a intenção de estabelecer diálogo entre autores que julgamos interessantes para colaborar na discussão sobre a história da educação do afro-brasileiro presente no NE e que movimentam palavras que tomadas de energia vital constroem imagens sobre o tema, desestabilizam certezas naturalizadas e enraizadas sobre afro-brasileiros que reestruturam novas versões de si, reposicionando-os para a historiografia da educação brasileira. Para reforçar a importância do diálogo no trabalho convém lembrar Freire (1980, p.70) quando diz que “a história do Brasil não se desenvolveu nas práticas do diálogo, muito pelo contrário, foi gestada via autoritarismo”.

Ao dialogarmos com os candidatos selecionados no NE que escreveram sobre história da educação encontramos trechos narrativos que demonstram a importância do NE em suas trajetórias quando, por exemplo, na entrevista de Márcia Luíza Pires de Araújo (05/06/2013), candidata selecionada pelo NE4 afirma que devido ao NE passou no processo seletivo para iniciar seus estudos em programa de mestrado. A candidata enfatiza, “Foi assim, imediatamente após o ingresso no

Concurso que eu consegui também a vaga na Universidade de São Paulo, isso também foi muito importante.” Da mesma forma, Adlene Arantes (01/08/2013), outra contemplada com bolsa chama a atenção para a formação dos pesquisadores negros e seminários de formação da ANPEd durante o NE, Adlene Arantes (01/08/2013) declara que “foram espaços singulares de formação pessoal e profissional. Aprendi, entre outras coisas, o rigor necessário para ser um pesquisador competente e engajado com as causas sociais”. Dessa maneira, visualizamos já no início do trabalho as consequências do NE na vida acadêmica e pessoal dessas pesquisadoras.

Assim, buscamos nos comunicar com o discurso acadêmico elaborado nas edições do NE, acreditamos que na escrita e leitura de produções acadêmicas percebemos e produzimos através do poder do discurso um local cultural para o Outro<sup>3</sup>. Este Outro que perpassa os espaços escolares e acadêmicos nessa dissertação incita o olhar para o problema da pesquisa: Como está representada a prática social<sup>4</sup> nos discursos pronunciados nos artigos sobre história da educação no NE? Junto ao problema formam-se outras questões de pesquisa: Como foi o processo de formação dos sujeitos que investigaram a temática história da educação no NE? Quais foram as redes de pesquisadores que se formaram a partir do NE?

Para responder a essas questões damos sequência ao processo investigativo mostrando que o NE foi um evento que teve quatro edições que motivaram pesquisas sobre o negro relacionando-o à educação. Uma das questões que diferenciam esta pesquisa é a análise de artigos acadêmicos sobre o negro e a educação. Van Dijk (2008b, p.14) nos diz que grande parte das pesquisas, até mesmo na América Latina, enfatizam o preconceito, diferenças sociais e econômicas, porém ainda que seja fato que o racismo na América Latina tenha sua origem no colonialismo, Van Dijk atenta para as práticas cotidianas discursivas que ensinam e reforçam o preconceito, o racismo.

---

<sup>3</sup>Utilizamos o pensamento de Bhabha (1998) que vê neste Outro a diferença, um outro lugar cultural. Esse Outro, escrito com letra maiúscula revela o desejo do Eu em ser o Outro; o rompimento da totalidade entre o Eu e o Outro; a angústia em perceber as diferenças entre o Eu e o Outro; o Outro como possibilidade de traçar limites e avanços nas relações entre o Eu e o Outro.

<sup>4</sup> Prática social para Fairclough (2001, p.22) cuida de questões de interesse na análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/construtivos referidos no discurso.

Assim, na investigação tomamos como objeto os artigos elaborados e publicados nos livros do NE. No entanto, à medida que fazíamos a leitura da totalidade do material percebíamos que era necessário delimitar, estabelecer recortes. Decorre daí a decisão de analisarmos os artigos que centralizam suas pesquisas na história da educação, de um lado por ser a linha de pesquisa a qual estamos vinculados no Programa; de outro pelas indicações de Cruz (2005) quando afirma que devido à carência de informações sobre a história da educação étnico-racial em épocas mais antigas e diante das omissões nos conteúdos oficiais da disciplina História da Educação, é necessário e urgente o incentivo a pesquisas na área.

Nesse sentido podemos notar mudanças na prática discursiva em relação ao lugar ocupado pela (o) negra (o) na História da Educação brasileira, atentando para autores como Certeau (2011, p.35) que nos alerta sobre a existência do discurso historiográfico e sua construção baseada em valores ou ilusões, verificando assim as diversas possibilidades dos discursos a serem (re) elaborados a respeito da história da educação dos afro-brasileiros e as relações que essa história estabelece com o discurso vigente.

Assim, o objetivo principal da dissertação é analisar os textos produzidos nos livros do NE centrados na temática história da educação do negro. Nos objetivos específicos compreendemos o processo de formação dos sujeitos que escreveram nos livros produzidos pelo NE centrados na temática história da educação do negro; relacionar as produções do NE com a formação de pesquisadores voltada para a História da Educação e conhecer o contexto de produção das pesquisas e do NE.

Para alcançarmos esses objetivos utilizamos a seguinte estratégia metodológica, buscamos os livros 1, 2, 3 e 4 do NE elaborados nas quatro edições, sendo cada uma delas resultado dos trabalhos pesquisados por bolsistas contemplados pelo Concurso nos anos de 2001, 2003, 2005 e 2007. Nas publicações encontram-se um total de 53 artigos. Como critério de escolha, como já foi mencionado, elegeram-se os trabalhos centrados na história da educação do Brasil. Dessa forma, respeitando a temática pesquisada foram encontrados no livro 1: um artigo, dos quatro publicados, escrito por Marcus Vinicius Fonseca que tem como título *As primeiras práticas educacionais com características modernas em*

*relação aos negros no Brasil*. No segundo livro não houve trabalhos relacionados ao critério estabelecido na pesquisa, por isso não utilizamos este material para fins de análise.

O terceiro livro com 20 artigos registrou um trabalho elaborado por Adlene Silva Arantes intitulado *A Colônia Orfanológica Isabel de Pernambuco (1874-1888)*. E no quarto livro dois artigos de um universo de 16 versam sobre a história da educação do negro, Márcia Luiza Pires de Araújo escreveu sobre *A escola primária da Frente Negra Brasileira em São Paulo (1931-1937)*. O último trabalho foi produzido por Itacir Marques da Luz que trabalhou com *Compassos Letrados: Profissionais Negros entre a instrução e o ofício em Pernambuco (1830 -1860)*.

As questões de história da educação enquanto disciplina voltada aos conteúdos do país aliada à ideia da mudança do discurso em relação às práticas desta disciplina leva à teoria que conduz a análise dos textos da pesquisa: a Análise do Discurso Crítica (doravante ADC) cunhada por Norman Fairclough que se destaca como representante na ADC, a qual apresenta também outros estudiosos que realizaram importantes trabalhos nessa perspectiva, como Ruth Wodak (1999, 2011), Teun Van Dijk (1977, 1993,1997, 2008a, 2008b, 2013), entre outros.

Para fins desse trabalho nos deteremos às reflexões de Teun Van Dijk (1977,1993, 2000, 2008a, 2008b) que apresenta como contribuição vários livros publicados e vasta experiência na questão discursiva relacionada ao poder e aos afrodescendentes. Para Van Dijk (2008a) a ADC procura desvelar no texto escrito ou na oralidade como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade aparecem e se articulam perpetuando ideologias e estabelecendo a hegemonia de determinados grupos. Van Dijk (1993) também chama a atenção para as marcas de resistência que são encontradas em determinados momentos e que estas lentamente constroem outras possibilidades de discursos.

Nesse sentido, discutimos algumas questões que fazem parte das reflexões críticas acerca do discurso e que constituirão os caminhos da interpretação e análise dos artigos na dissertação. Buscaremos nos textos as relações de poder estabelecidas pela linguagem evidenciando quem é o sujeito que elabora esse discurso, a historicidade da sociedade constituída no momento da escrita do texto, aspectos como hegemonia, ideologia, poder, domínio e controle que aparecem

entrelaçados nos discursos assim como o discurso elaborado a partir destas relações. Para esclarecer o uso que faremos destes itens no decorrer das análises conceituaremos cada um deles.

Van Dijk. (2000, p.7) conceitua ideologia como “crença fundamental de um grupo e seus membros”.<sup>5</sup> Mais adiante (p.8), o autor posiciona a ideologia como “base das práticas sociais” e afirma que influencia essencialmente o uso da linguagem e o discurso, os quais persuadem o modo como assumimos, compreendemos ou transformamos ideologias. Muito do que está em nosso discurso, especialmente quando nós falamos como membros de grupos, manifestamos opiniões com base ideológica.

Assim, já que como base das práticas sociais temos a ideologia, a ideologia dominante segundo Van Dijk (2008a) é a hegemonia, que se constitui como na visão gramsciana no poder dos grupos dominantes junto às leis, regras, normas, cultura, hábitos e consenso geral.

O poder para Van Dijk (2008a, p.117) é fundamental para os estudos críticos do discurso, já que está associado ao poder social de grupos ou instituições que por sua vez relacionam o poder com o nível de controle, que pode ser maior ou menor, porém dificilmente este poder, este nível de controle é absoluto. Van Dijk (2008a) ainda atenta para o controle do discurso como um dos modos preponderantes de exercer o poder dos grupos mais influentes e assim controlar o que as pessoas acreditam como aceitam ou reagem às situações. Dessa maneira povoa-se o imaginário de grupos, instituições, nações. Esta temática foi debatida com Michel Maffesoli em Silva (2001, p.76) e o sociólogo na entrevista define o imaginário como algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. [...] Não é a imagem que produz o imaginário [...]. Sobre a questão é importante considerar que “existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado” (MAFFESOLI, 2001, p.76).

Este imaginário pode ser percebido inconscientemente. Na intenção de compreendermos novas imagens trazidas pelos artigos analisados decidimos optar

---

<sup>5</sup> Todas as citações desse autor, diretas ou indiretas são traduções realizadas pela autora dessa dissertação.

por um determinado nível de análise que constitui a ADC. Esses níveis estão distribuídos de modo a formar um modelo tridimensional composto pelo texto, prática discursiva e prática social, que estão agrupadas assim de acordo com Fairclough (2001). O texto, em uma perspectiva estrutural da língua, a prática discursiva, traz os elementos que compõem os discursos e a prática social, que em última instância é o efeito do texto como prática discursiva e formuladora das ideias que perpassam o imaginário das sociedades. Dessa forma, os estudos críticos do discurso que nos propomos a realizar estão na perspectiva do discurso como prática social, uma vez que foi preciso fazer um recorte das possibilidades discursivas de análise.

Procuramos acessar informações relacionadas aos autores-pesquisadores dos artigos para investigar como aconteceu o processo de formação por meio da entrevista narrativa que na concepção de Bauer e Gaskell (2002, p.93) “tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (informante) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social”.

Em um universo de quatro livros envolvendo 53 autores-pesquisadores, quatro escolheram o tema história da educação do negro, por isso é fundamental entender a trajetória que levou esses sujeitos a trabalharem com esse recorte. As entrevistas foram realizadas com os sujeitos que escreveram os textos nos livros do NE centrados no tema História da Educação via *Skype*<sup>6</sup> utilizando para a gravação do áudio software *MP3 Skype Recorder 3.1*. Para as entrevistas realizadas via telefone foi acoplado gravador cassete Marantz PMD-222.

A questão central da entrevista foi baseada na seguinte formulação: “Olá, sou Carina Merkle Lingnau, mestranda do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e estou pesquisando os artigos do Concurso Negro e Educação que tratam sobre a história da educação do negro. Como já conversamos antes gostaria de contar com sua narrativa a respeito de sua trajetória no Concurso Negro e Educação. Nós pedimos que esta narrativa seja gravada em áudio”.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> *Skype* é um software de comunicação via *Internet*, que possibilita a comunicação de voz e vídeo de forma gratuita entre seus usuários.

<sup>7</sup> Recebemos a aprovação do projeto no Comitê de Ética, conforme anexos G e F.

Usamos também entrevistas semi-estruturadas com pesquisadores que fizeram parte do Concurso como autores-pesquisadores ou como atuantes no processo de organização, para desenharmos elementos centrais sobre a ação afirmativa do NE. Neste sentido, as entrevistas narrativas e semi-estruturadas tiveram a intenção de compreender a relação dos pesquisadores com o objeto de seus trabalhos escolhidos como temática importante para auxiliar a discutir temas naturalizados no discurso vigente.

Em uma entrevista, recebemos a colaboração de uma candidata selecionada que escreveu sobre o tema relações raciais nas escolas de Belo Horizonte, tema diferente do recorte desta pesquisa, Patricia Santana (11/09/2012) diz que o NE foi muito importante para sua vida pois conviveu com vários pesquisadores da área da Educação e relações raciais. A candidata também afirma na mesma entrevista que, “graças a essa convivência pude construir minha identidade de pesquisadora negra e meu compromisso social e acadêmico com a inclusão social [...]. A entrevistada afirmou que continua “pesquisando questões que envolvem a história da educação do negro no Brasil, e mais especificamente, no meu estado, Pernambuco”.

O compromisso de Patricia com a temática étnica vai além da academia, atualmente doutoranda em Educação na UFMG, já escreveu vários livros infantis pela editora Mazza, tais como: *Entremeio sem babado* (2007), *Minha mãe é negra sim* (2008), *Cheirinho de neném* (2011). Além da literatura infantil Patrícia se aventurou em 2004 a publicar também pela editora Mazza o título *Professoras Negras, Trajetórias e Travessias*. Nesse sentido, fica uma pequena apresentação do que o NE proporcionou enquanto dotação para a pesquisa além da motivação e orientação para que os selecionados pudessem, com qualidade, elaborar suas pesquisas e contribuições na prática social das mais diversas formas.

Assim, com o objetivo de trazer para o leitor outras narrativas, análises, ações dos egressos do NE e, por conseguinte suas memórias e trajetórias, apresentamos a organização da dissertação. Primeiramente, expomos uma introdução chamada de Primeiras Conversas para depois articulamos o texto em quatro capítulos: o primeiro considerou a construção do discurso sobre o ser negro,

sobre as políticas educacionais e sobre os militantes e pesquisadores antirracistas. Neste capítulo através de fundamentação teórica e das entrevistas conduzimos a pesquisa ao momento histórico anterior ao NE. No capítulo 2, dialogamos sobre o discurso da memória elaborada sobre o NE. Ao coligarmos documentos, entrevistas e base teórica, estabelecemos sintonia com a importância dessa ação afirmativa para os sujeitos envolvidos e para a produção de investigações na área.

No terceiro capítulo, analisamos os artigos que discutiram a história da educação de afro-brasileiros à luz da Análise do Discurso Crítica (ADC) deixando questionamentos e reflexões sobre a prática social representada nesses discursos em contraponto com o legado de versões dos discursos educacionais que tivemos acesso na escrita da história nacional. Como último capítulo agregamos ações em pesquisa, ensino e extensão dos egressos do NE 1,2,3 e 4. Por meio de quadros com informações dos candidatos selecionados, título do artigo elaborado no NE, Curso de graduação, mestrado e doutorado, além de instituição de trabalho e ações desenvolvidas na universidade. Para as considerações finais utilizamos o título *Conversas Finais*, uma vez que a dissertação teve como proposta estabelecer diálogo entre autores que discutissem a prática social representada no discurso, a temática da história da educação dos afro-brasileiros e as narrativas dos sujeitos envolvidos no NE. Neste momento da dissertação encaminhamos o texto para novas pesquisas e estabelecemos relações entre as análises e possibilidades de elaborarmos outros discursos para comporem a historiografia da história da educação dos afro-brasileiros.

## CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO SER NEGRO NO CONTEXTO BRASILEIRO DOS ANOS 2000

[...] Então, até pouco tempo eu era o único pesquisador negro do GEPHE e o único com projeto sobre a temática da história da educação do negro no Brasil. Então é basicamente essa a minha trajetória do Negro e Educação para cá, quer dizer, desde aquela época até aqui tem sido essa a experiência com o Negro e Educação que me constituiu como pesquisador e que tem me ajudado, ou me sinalizado nos caminhos que eu tenho tomado até agora. Eu tenho sido consultor dessas questões em algumas coisas sobre história da educação, eu sou um dos membros fundadores do NEAB aqui da UFPE, colaborador do NEAB da Federal Rural de Pernambuco também, participo de algumas mesas redondas.

(Itacir Marques da Luz, 05/06/2013).

Uma narrativa, um pesquisador afro-brasileiro descrevendo sua atuação como militante e investigador das questões relacionadas à história da educação do negro, um tempo histórico: o ano de 2013. Um tempo em que se construíram possibilidades de discutir sobre as questões acadêmicas e a inserção de pesquisadores afro-brasileiros nos espaços em que o conhecimento é elaborado e legitimam-se linhas de pesquisa, políticas, acessos aos discursos invisibilizados, entre outras questões. Nesse contexto, surgiu no final dos anos 90 a discussão sobre a primeira ação que relacionou a pesquisa sobre educação e afro-brasileiros: o NE. Para conceituarmos esse tipo de ação tomamos o conceito do sítio da Fundação dos Palmares<sup>8</sup> que diz,

por Ação Afirmativa entende-se o conjunto de políticas públicas adotadas com o objetivo de promover a ascensão de grupos socialmente minoritários, sejam eles étnico-culturais, sexuais ou portadores de necessidades especiais. Em síntese, a ação afirmativa tem como objetivo combater as desigualdades sociais resultantes de processos de discriminação negativa, dirigida a setores vulneráveis e desprivilegiados da sociedade.

Nessa perspectiva, tomamos eventos e ações que motivam a compreensão do momento histórico em que o NE esteve inserido.

---

<sup>8</sup> [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)

## 1.1 Política e discurso afro-brasileiro nos anos 2000

Historicamente a discussão sobre as questões afro-brasileiras na educação contemporânea brasileira entram na pauta das reivindicações por grupos organizados, empreitadas solitárias entre outras atividades formais e não formais até que se cheguem às conquistas como atos legais tal como a criação de Fundação Cultural Palmares e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir); ações e parcerias entre o Ministério da Cultura e temas que promovam a cultura afro-brasileira, formação de Ongs e associações que apresentam atividades e cooperações para fortalecer e implementar atividades que apoiam as questões étnico-raciais. Sobre a questão Rosemberg (2010, p.13) afirma que

as ações dos movimentos negros brasileiros foram impulsionadas, nos anos 1980/2000, por três eventos significativos: a movimentação social pela nova Constituição (1988), a comemoração do Centenário da Abolição (1988) e, mais recentemente, a III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada em Durban, em 2001.

Neste trabalho, para contextualizarmos o que em certa medida se tornou o discurso do ser negro, elegemos acontecimentos do Governo Fernando Henrique Cardoso (FHC)<sup>9</sup>, do Governo Luiz Inácio Lula da Silva (Lula)<sup>10</sup> e do Governo Dilma Rousseff<sup>11</sup>. Para esclarecermos qual conceito de raça utilizaremos no decorrer da pesquisa recorreremos à Munanga (2004, p.52) quando diz que o “conteúdo da raça é social e político. Se para o biólogo molecular ou o geneticista humano a raça não existe, ela existe na cabeça dos racistas e de suas vítimas”. Assim, tomamos como ponto de partida o reconhecimento por parte do Governo FHC da presença do racismo no Brasil. Sobre tal questão, Van Dijk (2008a, p.155) ao falar sobre o discurso e a negação do racismo afirma que “uma das características centrais do racismo contemporâneo é a sua negação”, assim através da declaração pública de

---

<sup>9</sup> Fernando Henrique Cardoso teve dois mandatos consecutivos como presidente do Brasil no período de 1995 até 2003.

<sup>10</sup> Luiz Inácio Lula da Silva foi presidente do Brasil logo após FHC também com dois mandatos consecutivos no período de 2003 até 2011.

<sup>11</sup> Dilma Vana Rousseff iniciou seu mandato em 2011 e continua seu mandato até o presente momento, ano de 2014.

FHC confirmando a presença do racismo, mesmo que isso tenha vindo a partir da Marcha Zumbi em 1995 em meio às pressões e reivindicações do Movimento Negro. A partir dessa constatação temos a presença do Brasil na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata em Durban, África do Sul. Com o objetivo de preparar as delegações dos países integrantes da conferência existiram discussões internas em cada um dos estados. Assim, o debate sobre racismo e o discurso de ser negro fortaleceu vários grupos ao redor do Brasil. Da preparação da conferência queremos demarcar a função de mobilizar um conjunto social que se dispõe a discutir a questão e de organizar e aprofundar o debate nacional sobre o tema.

Como se pode verificar foi nesse contexto de debate e participação dos intelectuais e militantes acerca das questões étnico-raciais que se concretiza o NE. De acordo com Marcus Vinicius Fonseca (28/05/2013)<sup>12</sup> e Ana Toni (03/07/2013)<sup>13</sup>, o NE foi a primeira ação afirmativa para o eixo da pesquisa na educação em relação aos negros. Nesse sentido, a participação do Brasil na Conferência de Durban fortaleceu as discussões sobre ações voltadas para os afro-brasileiros. Esta conferência ocorreu dias antes do ataque às torres gêmeas do World Trade Center em setembro de 2001, fato que influenciou a continuidade do NE conforme aponta a narrativa de Itacir Marques da Luz (05/06/2013).

De acordo com Maria Malta (11/09/2012), depois do NE outros programas de ação afirmativa surgiram financiados por órgãos e instituições não-governamentais. Em 2001 criou-se o Programa Internacional de Bolsas de Pós-graduação (IFP) da Fundação Ford, no Brasil coordenado pela Fundação Carlos Chagas. Para Ana Toni (03/07/2013) este programa operou como continuidade do NE, em maior escala, pois eram 50 bolsas e teve duração de dez anos. A mesma entrevistada afirmou que posteriormente, em 2011 realizou-se o Programa chamado Equidades, também gerenciado pela Fundação Carlos Chagas, que ofereceu

---

<sup>12</sup> Marcus Vinicius Fonseca, pesquisador que participou da primeira edição do Concurso Negro e Educação e atualmente é referência em história da educação dos afro-brasileiros.

<sup>13</sup> Ana Toni economista social, foi representante da Fundação Ford no Brasil, de 2003 até 2011. Trabalhou para a ActionAid (na Grã Bretanha e no Brasil), Greenpeace Internacional (na Holanda e Alemanha) e TV Globo (na Grã Bretanha). Desde março de 2011, é assumiu a presidência do Conselho do Greenpeace Internacional e é também membro do Conselho do Fundo Baobá para Equidade Racial.

dotações para 12 ou 13 universidades para uma Formação Pré-Pós, que ajuda estudantes a entrarem, através de ação afirmativa, nas universidades para fazer mestrado e doutorado. Esse programa continua vigente.

Já no que se refere a programas governamentais, em 2003, no início do Governo Lula, assinou-se a Lei 10639/2003<sup>14</sup> e também criou-se a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Em 2004, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) foi criada e atrelada ao Ministério da Educação (Mec) para em 2011 tornar-se a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Inclusão (Secadi).

O Programa Universidade para Todos (Prouni) teve em 2004 através de Medida Provisória parte de suas bolsas destinadas a estudantes negros e indígenas. No mesmo ano o Fundo de Financiamento ao Estudante de Nível Superior (Fies) por meio de portaria incluiu o item 'cor' ao selecionar seus candidatos. Em 2008 foi instituído através do Mec via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) por intermédio de resolução o Programa de Ações Afirmativas para a população negra nas instituições federais e estaduais de educação superior (Uniafro). No ano de 2009 foi aprovado o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PLANAPIR) e em 2010, ainda no Governo Lula, foi outorgado o Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288. No Governo Dilma, as políticas de ação afirmativa foram em 2013 endereçadas para o funcionalismo público. Outra novidade foi o quesito raça/cor inserido na plataforma *lattes*, este fato ainda polêmico, em notícia no sítio da Revista Ciência Hoje<sup>15</sup> apareceu com posicionamentos bastante divergentes, mas para questões como o NE e sua inserção nos grupos de pesquisa no Brasil o acréscimo desse quesito pode dar mais elementos no momento de discutir questões como fomento para grupos minoritários.

Rosemberg (2010, p.4-5) ao referir-se às ações afirmativas no ensino superior brasileiro faz um questionamento: “De onde surgem tais processos de mobilização? Por que a agenda educacional brasileira, a partir dos anos 1990, incluiu o tema do acesso a negros, indígenas e egressos da escola pública no

---

<sup>14</sup> Esta lei obrigou o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas brasileiras.

<sup>15</sup> <http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2013/05/qual-a-sua-raca-cor>

ensino superior?” Na sequência do texto a autora responde que é devido ao fato do sistema de ensino ser seletivo que a criação de cursinhos pré-vestibulares para negros e carentes demonstrou ser ação eficiente de ingressos de estudantes afro-brasileiros no ensino superior. Tais ações fazem ver que o valor atribuído à educação pelos movimentos negros e as ações do governo federal foram eficientes no sentido de promover mudanças na educação.

Nesse contexto, pensar as estratégias políticas e discursivas em relação à cultura afro-brasileira na questão de pesquisa e educacional é dirigir o olhar para os momentos explicitados por Stuart Hall (2011). O autor pontua três eixos quando trata da identidade e da cultura negra: primeiramente cita o deslocamento dos modelos europeus como sujeito universal; como segundo eixo sugere o despontar dos EUA como potência mundial e no terceiro aponta a descolonização do Terceiro Mundo, ou seja, toma como centro desse eixo os movimentos sociais negros em favor da ‘descolonização das mentes dos povos da diáspora negra’. Dessa forma, refletir sobre o NE, a formação de várias ações afirmativas pós NE e as discussões em torno da reparação histórica à população afro-brasileira, é refletir sobre os eixos propostos por Hall (2011) e sobre os discursos elaborados a partir dessas relações.

Nessa linha de pensamento, temos na obra de Van Dijk (2008a, p.42) um alicerce quando diz que existem graus variáveis de liberdade e resistência daqueles que estão subjugados pelo exercício do poder. O autor referindo-se ainda à resistência diz que

grupos dominados e seus membros raras vezes se mostram totalmente impotentes. Sob condições socioeconômicas, históricas ou culturais específicas, tais grupos podem envolver-se com várias formas de resistência, ou seja, com o exercício de um contrapoder, o que, a seu turno, pode tornar o poderoso menos poderoso, ou até mesmo vulnerável. Portanto, o exercício do poder não se limita simplesmente a uma forma de ação, mas consiste em uma forma de interação social (VAN DIJK, 2008, p.43).

Nesse sentido, tanto Hall (2011) como Van Dijk (2008a) contribuem para tecermos reflexões sobre os sentidos de pesquisarmos este evento cultural em torno do poder do discurso que ele irradia. Desse modo, assim como Hall (2011, p.65) nota que a palavra ‘etnicidade’ foi inserida no vocabulário doméstico britânico, a palavra ‘afrodescendente’ também faz parte do cotidiano dos brasileiros.

Discutiremos a questão da semântica que envolve essa nomenclatura na próxima seção.

## 1.2 De preto a afrodescendente

‘De preto a afrodescendente’, título da obra editada em 2003, resultado de trabalhos apresentados no II Congresso de Pesquisadores Negros (COPENE) é a discussão que faremos nessa parte do trabalho. Iniciamos com um questionamento: Por que utilizar tantas nomenclaturas para um grupo de pessoas? Preta (o), negra(o), afro-brasileira(o), afrodescendente, são várias possibilidades de acionarmos nossa memória social<sup>16</sup> em relação aos afro-brasileiros. Pena e Bortolini (2004, p.45-46) declaram a partir de comunicação pessoal de Munganga que

estamos vivendo um momento importante de reavaliação das relações entre os grupos de identidade em nosso país. O crescimento da consciência negra e a discussão em torno dos temas relacionados a políticas de cotas no Brasil têm causado mudanças, inclusive na nossa própria etnosemântica, com uma crescente popularização da expressão afrodescendente, a qual desloca o eixo de discussão da aparência física para a ancestralidade.

Envolvendo a ancestralidade com o uso do termo afrodescendente, a nomenclatura ascende para o lado do belo, da sabedoria e experiência de vida que circunda a ideia da memória social que está associada à palavra. Nesse sentido, relacionar a identidade afrodescendente com o uso desse termo parece embelezar e reafirmar as qualidades e vantagens de ser afrodescendente. Rocha (2010) afirma que as palavras ‘preto’ e ‘negro’ por muito tempo carregaram semanticamente um viés negativo e que isso fez com que fosse gerado uma revisão por parte dos movimentos sociais negros e linguistas no sentido de combater o racismo e o uso pejorativo desses termos. Além disso, Rocha (2010, p.5) sustenta que

---

<sup>16</sup> Para Van Dijk (1993, p. 39) memória social consiste em um esquema estruturado de opiniões compartilhados por um grupo e não tão específico como opiniões pessoais.

o termo negro vai aos poucos recebendo novas significações. Os tabus vão sendo quebrados e a carga de pejoratividade que envolvia a terminologia vai sendo removida. Os grupos de combate ao racismo vão se multiplicar na sociedade brasileira e com isso se dá o crescimento da aceitabilidade terminológica. A evocação da origem diferente dos negros vai fundamentar tal discurso. Ser negro no Brasil é ter uma origem africana.

Munanga (2004) afirma que a designação de quem é negro no Brasil não é fácil, uma vez que isso envolve uma auto identificação, questão de identidade que está além da cor da pele, uma vez que no Brasil existiu uma estratégia política e ideológica de branqueamento e muitas pessoas negras internalizaram essa ideia e não se veem como tal. Teles (2004) aponta que no IBGE existem as seguintes possibilidades léxicas: branco, preto, pardo, amarelo e indígena; já no dia a dia há preto, mulato, marrom, entre outras palavras para designar o afrodescendente. Além disso, a nomenclatura do Movimento Negro também é utilizada por alguns: brancos e negros. Na academia, pretos e pardos estão na categoria dos negros. Para Teles (2004, p.4) as palavras preto e negro

são pertinentes na etiqueta das relações sociais para os grupos sociais que as utilizam. Por exemplo: tornou-se politicamente incorreto falar-se *preto* a partir do ressurgimento dos movimentos negros, principalmente na Bahia, na segunda metade da década de 1970. A palavra *negro* tornou-se uma reivindicação de orgulho e *preto* caiu em desuso. É óbvio que a palavra *preto* continua sendo usada, mas a carga política positiva recai na palavra *negro*.

Nesse sentido, ficam definidas acepções de cunho político e ideológico que desempenham função semântica diferenciada de acordo com o contexto em que são utilizadas. Silva (2003, p.189) ao tratar dos significados atribuídos à condução da própria vida entre afrodescendentes e africanos fala sobre o uso das palavras. E ao desenvolver esse tema anuncia que “é preciso paciência para chegar à boa palavra, para distinguir o que as palavras escondem. É preciso juntar o visto, o vivido, o meditado, para pronunciar a boa palavra”. Pensando nisso, utilizamos nesse trabalho as palavras negro, afrodescendente e afro-brasileiro, pelas razões já expostas.

Outra questão abarcada pela semântica é o assunto sobre as cotas, pois

estabelece uma escolha política e identitária. Munanga (2004, p.3) também afirma que estudos de genética colaboram com essa questão ao dizer que

por meio da biologia molecular, mostrando que muitos brasileiros aparentemente brancos trazem marcadores genéticos africanos, cada um pode se dizer um afro-descendente. Trata-se de uma decisão política. Se um garoto, aparentemente branco, declara-se como negro e reivindicar seus direitos, num caso relacionado com as cotas, não há como contestar. O único jeito é submeter essa pessoa a um teste de DNA. Porém, isso não é aconselhável, porque, seguindo por tal caminho, todos os brasileiros deverão fazer testes. E o mesmo sucederia com afro-descendentes que têm marcadores genéticos europeus, porque muitos de nossos mestiços são euro-descendentes.

Assim, a identidade para as cotas está além da cor da pele e da nomenclatura utilizada. Munanga (2004) ainda afirma que a questão das cotas precisa ser mais discutida. Para o autor,

A questão não é a existência ou não das cotas. O fundamental é aumentar o contingente negro no ensino superior de boa qualidade, descobrindo os caminhos para que isso aconteça. Para mim, as cotas são uma medida transitória, para acelerar o processo. No entanto, julgo que não somente os negros, mas também os brancos pobres têm o direito às cotas. Se as cotas forem adotadas, devem ser cruzados critérios econômicos com critérios étnicos. Porque meus filhos não precisam de cotas, assim como outros negros da classe média. Ao menos que o país diga que tem hoje uma outra proposta emergencial melhor, que não abra mão de uma política universalista com vistas ao aperfeiçoamento do nível do ensino básico. É bom lembrar que a escola pública já apresentou melhor qualidade, mas o negro e o pobre não entravam nela.

Então, além de considerar as cotas como estratégia emergencial Munanga (2004) também diz que antes de pensar em um sistema de cotas é preciso verificar o que aconteceu nos países que já utilizaram esse sistema. Ele menciona as experiências dos EUA, Canadá, Austrália e Índia. Dessa maneira, Thomas Sowell (2004, p.198) ao examinar as políticas de ação afirmativa ao redor do mundo declara que

inúmeros princípios, teorias, hipóteses e declarações têm sido utilizados para justificar programas de ação afirmativa – alguns comuns ao redor do mundo e outros específicos à países em particular ou comunidades. O que é digno de nota é quão raro essas noções têm sido testadas empiricamente, ou têm sido até mesmo

definidas claramente ou examinadas logicamente, muito menos pesadas em oposição ao grande e frequente custo doloroso que implicam. Apesar das reivindicações radicais feitas em favor dos programas de ação afirmativa, uma verificação de suas consequências torna difícil apoiar essas reivindicações, ou até mesmo dizer que esses programas foram benéficos em saldo líquido - A não ser que se esteja preparado para dizer que qualquer quantidade de reparação social, por menor que seja, vale qualquer quantidade de custos e perigos, mesmo que grandes.

Nesse sentido, a nomenclatura utilizada tanto para fins de combate ao racismo, quanto para auto identificação política e ideológica o debate está posto e o objetivo dessa seção foi apresentar e contextualizar esse aspecto para esclarecimento sobre o uso da terminologia ao longo do trabalho.

### **1.3 De pesquisado a pesquisador**

Durante muito tempo afrodescendentes foram objeto de pesquisa. Nos anos 2000 a partir da pressão dos Movimentos Negros e por consequência ações governamentais, um contingente maior de pesquisadores negros passou a pesquisar tanto assuntos relacionados aos afrodescendentes como demais temas que envolvem a produção do conhecimento científico.

Historicamente o número de intelectuais negros aumenta e a tendência é de crescer cada vez mais. Sales (2011) comenta sobre os negros intelectuais, que diferem dos intelectuais negros, pois além de intelectuais são afrodescendentes que de algum modo foram influenciados pelos Movimentos Sociais e são levados a pesquisar relações étnico-raciais brasileiras e suas consequências. De acordo com Itacir essa influência ainda é muito importante já que

desde a iniciação científica até o doutorado e os *Concursos*, a presença dos negros é muito baixa. E é muito baixa porque eles não têm tempo para se dedicar a isso, não tem uma formação que direcione para isso, porque não têm uma formação, até uma preparação psicológica que dê conta desse tipo de situação, são uma série de fatores, são obstáculos sociais, institucionais que se interpõem para eles seguirem esse rumo, e aí a gente volta para velha discussão do século XIX, do racismo científico, como o negro não pensa, negro não é dotado de racionalidade, então a academia e

a produção de conhecimento não é lugar para negro (ITACIR MARQUES DA LUZ, 05/06/2013).

Nesse sentido, Silva (2011, p.156) faz um questionamento: “Como educar cidadãos, para uma sociedade justa, por meio das relações étnico-raciais?” Ao que responder o questionamento, tece a seguinte consideração,

impelida por este turbilhão de indagações, tenho aprendido a ser professora, pesquisadora, militante, tratando de fazer da produção de conhecimentos e da docência instrumentos e formas de luta contra o racismo e qualquer sorte de discriminações.

A militância e pesquisa de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, cuja fala se faz presente acima, teve atuação destacada na realização do NE, além de outras funções de liderança no Movimento Negro, no ambiente acadêmico e em instituições que fomentam os debates e ações a favor da temática étnico-racial.

Assim, outros negros intelectuais fazem pesquisa e militância em espaços como o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia, local importante para o fortalecimento de grupo de estudos étnico-raciais. Este centro também é responsável por projetos como a Fábrica de Ideias, ação que coordena seminários e cursos. Um dos cursos promovidos pela Fábrica de Ideias é o Curso Avançado em estudos étnico-raciais que teve início em 1998 e está vigente até hoje. Este curso traz professores brasileiros e da comunidade internacional para fomentar pesquisa e intercâmbio entre docentes e alunos da pós-graduação interessados na temática étnica; uma ação pioneira e única para interessados em aprofundar sua formação como pesquisadores nessa área.

Outro apoio para pesquisadores negros e não-negros interessados nas questões étnico-raciais é a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) que é responsável pela Revista da ABPN, publicada desde 2010 com foco nas temáticas étnico-raciais. A associação também promove o Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (COPENE) desde o ano 2000. De acordo com os dados mostrados por Sales (2011, p.12) através do COPENE o número de pesquisadores negros está aumentando e como consequência nas palavras do autor “há um processo irreversível de disputa discursiva”. Nesse sentido, compreendemos essa

disputa não como competição, mas como abertura de espaço discursivo, acesso ao poder simbólico<sup>17</sup> através da palavra.

Desse modo, percebemos um crescimento de ações que desenvolveram e estimularam a formação de pesquisadores negros e a dispersão dos discursos elaborados a partir de suas pesquisas. Para acessarmos as narrativas de alguns pesquisadores acerca do NE atentaremos para entrevistas e documentos disponibilizados para essa pesquisa.

---

<sup>17</sup> Para Van Dijk (2008a, p.23) poder simbólico é uma forma de poder contemporâneo, em termos de acesso preferencial , controle sobre o discurso público.

## CAPÍTULO II – AS NARRATIVAS A RESPEITO DO CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO

Vale ressaltar que a organização do Concurso era responsabilidade da ANPEd e da Ação Educativa. Com o objetivo de construir um aporte teórico para os bolsistas, considerados pesquisadores iniciantes. Não posso deixar de mencionar os nomes dos professores que tive contato ao longo do processo de formação: além da professora Petronilha, os professores Henrique Cunha, Regina Pain, Iolanda Oliveira, Moema Di Polli, Luiz Alberto Gonçalves, André Brandão, Marli André, Kabenguele Munanga, Marcia Ângela Aguiar, Nilda Alves, Nilma Lino Gomes, entre outros. Aprendi muito com esses pesquisadores por meio de suas palestras, conversas e textos.

(Adlene Arantes, 01/08/2013).

Pollak (1992, p.203) afirma que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Assim, os nomes que Adlene Arantes escolheu para a entrevista são resultado daquilo que sua memória selecionou sobre o Concurso. Bauer e Gaskel (2002, p.91) declaram que por meio da narrativa, são elaboradas as lembranças, a ordem das experiências, os eventos que compõem a vida do indivíduo e da sociedade. Desta maneira, o trecho acima da narrativa de Adlene Arantes destacou o NE como parceria entre a Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em educação (ANPEd) e Ação Educativa, deixando para mencionar o apoio financeiro da Fundação Ford em outro momento da narrativa. A própria escolha da pesquisadora em relação aos nomes dos professores que fizeram parte das memórias de orientação da candidata mostra as referências da área étnico-racial que estiveram presentes e muitos ainda estão trabalhando e fortalecendo grupos de pesquisa nessa temática.

Sobre a questão é conveniente lembrar Le Goff (1990, p.6) quando afirma que atualmente “os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto. Constituem-se *arquivos orais*; são coletados *etnotextos*<sup>18</sup>. O próprio processo de arquivar os

---

<sup>18</sup> Enotexto segundo Jean-Claude Bouvier (1997) são os textos orais produzidos nos trabalhos de pesquisa literárias ou não literárias, exprimindo o discurso que uma comunidade produz e mantém sobre si mesma.

documentos foi revolucionado pelo computador.” Dessa maneira, narramos o NE construindo uma sequência de trechos que possam representar as memórias do NE e dos pesquisadores envolvidos. O material analisado tem como suporte as entrevistas narrativas e os documentos coletados.

## **2.1 Concurso Negro e Educação: primeira ação afirmativa no Brasil**

A discussão sobre ações afirmativas começava a ganhar uma dimensão mais ampla no final da década de 90, e eu tenho quase certeza que foi a primeira vez que se efetivou uma política de ação afirmativa, e surpreendentemente era uma política de ação afirmativa para formar pesquisadores no campo da educação especificamente (FONSECA, entrevista, 28/05/2013).

Marcus Vinicius Fonseca (28/05/2013) abre um espaço narrativo para trazer a informação que direciona historicamente as ações afirmativas para afrodescendentes no Brasil. Ana Toni, entrevistada para esta dissertação ao declarar sua participação no NE através do apoio financeiro da Fundação Ford trouxe informações que divergem de relatórios e de outras narrativas. Nesse sentido, ao referir-se ao NE Ana Toni (03/07/2013), questiona: “Este programa foi absolutamente pioneiro, era de formação de acadêmicos negros na área de mestrado, não é?”

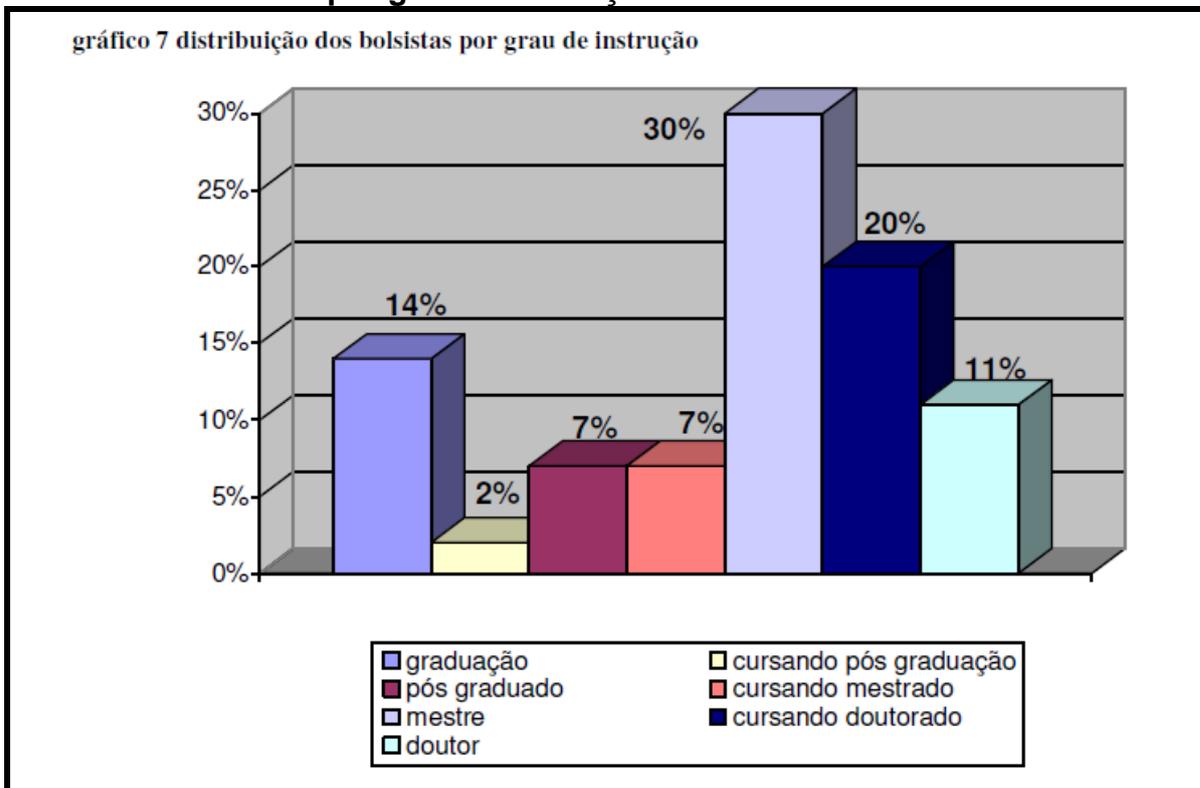
A entrevistada ao lembrar quem eram os candidatos do NE utiliza o que Chauí (2000, p.161) afirma, “a memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo).” Talvez por isso os candidatos e professores envolvidos no cotidiano do NE puderam lembrar com mais precisão quem de fato era alvo do NE. Maria Malta Campos, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, professora da PUC/SP, presidente da ONG Ação Educativa e ex-presidente da ANPEd, explica que,

o Concurso teve como objetivo fornecer a pesquisadores iniciantes um estímulo para realizarem estudos sobre afrobrasileiros. Naquele período eram poucos os trabalhos que focalizavam esse tema. Não havia a exigência de que os candidatos estivessem matriculados na pós-graduação, pois sabíamos que muitos interessados, inclusive

ligados aos movimentos sociais, não estavam na universidade (CAMPOS, entrevista, 11/09/2012).

Assim, é possível verificar que os sujeitos não precisavam estar matriculados nos programas de pós-graduação para candidatarem-se ao NE. Outra entrevista apresenta essa informação, Itacir Marques da Luz (05/06/2013) ao discorrer sobre a forma como entrou no NE declara que não existia requisito como formação para enviar seus projetos para o NE, os candidatos podiam ser pesquisadores iniciantes, graduados, mestrandos, doutorandos, todos podiam participar, vinculados ou não a instituições de ensino ou de pesquisa. Itacir Marques da Luz (05/06/2013) ainda afirma que mesmo em fase de término de graduação ele passou no NE. Em relação ao grau de instrução dos candidatos selecionados Rocha (2007, p.21) mostra um gráfico sobre a distribuição dos bolsistas por grau de instrução.

**Gráfico 1 – Bolsistas por grau de instrução**



Fonte: Rocha, 2007, p.21.

Como este gráfico foi publicado após as quatro edições do NE e temos nele o grau mínimo de instrução “graduação”, inferimos que casos como o de Itacir Marques da Luz (05/06/2013), em que o candidato ao ser selecionado para o NE estava concluindo a graduação podem ter ocorrido com maior frequência já que apenas em 2007 o relatório de atividades finais em que o gráfico aparece foi elaborado.

Assim, ao observarmos as narrativas sobre o que foi o NE e quem eram os candidatos que poderiam tentar uma vaga, podemos acessar logo abaixo na próxima seção o documento entregue a um dos finalistas selecionados na última edição do NE, em 2005. Neste documento, no item Atividades Desenvolvidas, temos a parte de Elaboração de Projeto de Pesquisa referente às relações étnico-raciais no Brasil. Para verificarmos como aconteceu a seleção desses projetos nos dedicaremos às narrativas sobre o processo de escolha dos candidatos.

## **2.2 Seleção e desenvolvimento dos projetos enviados para o NE**

Os 135 projetos foram distribuídos a 68 pareceristas ad hoc, pesquisadores experientes na área das relações raciais em sua interface com a educação. Os pareceres foram redigidos em ficha especialmente elaborada, contemplando a avaliação a ser enviada ao candidato; sugestões e informações adicionais ao Comitê Científico; pontuação do projeto quanto à relevância acadêmica e social, consistência teórica e potencialidade crítica, adequação e viabilidade da metodologia; recomendações quanto a aceitação ou não do projeto. Cada projeto recebeu nessa fase dois pareceres independentes. A seguir, a Comissão Organizadora examinou os pareceres *ad hoc*, com a finalidade de encaminhar, para a segunda fase, unicamente os projetos que houvessem recebido recomendação favorável dos dois pareceristas, sendo que no caso de avaliações altamente discrepantes, os projetos foram objeto de um terceiro parecer. Um conjunto de projetos selecionados segundo esse critério foi encaminhado para julgamento e seleção final. O Comitê Científico, em reunião realizada em junho, com base nos pareceres recebidos, bem como em suas próprias ponderações, avaliou e classificou cada um desses projetos. Para a seleção final, além da qualidade científica do projeto, levou-se em conta a possibilidade de orientação, a originalidade da temática, a

localização regional do proponente, bem como seu grupo racial<sup>19</sup> e de gênero (FUNDAÇÃO FORD, 2000, p.55-56).

Conforme o Relatório Narrativo da Fundação Ford 1, o processo de julgamento e seleção dos projetos passou por três fases. Nos livros elaborados pelo NE e nos relatórios disponibilizados *online* as informações não apresentam esse processo de seleção de forma detalhada. Assim, as entrevistas narrativas e documentos representam a reconstituição do NE a partir das memórias, o que de certa forma sistematiza uma história até então não contada.

Adlene Arantes (01/08/2013) relata em sua entrevista o percurso de ingresso no NE. Ao falar sobre o contrato que os bolsistas assinavam, podemos compreender o processo ao nos reportarmos ao Contrato de Outorga e Aceitação de Bolsa de Estudos com as obrigações do bolsista, o prazo de vigência e as condições de pagamento da bolsa.

Logo que saiu a aprovação tivemos que participar de um evento que aconteceria em São Paulo onde assinaria o contrato para receber a bolsa que ajudaria na realização da pesquisa. No momento de assinar o contrato estavam presentes todos os bolsistas e os respectivos orientadores (era o caso de quem já estava em algum programa de pós-graduação) e os futuros orientadores (para os participantes que ainda não conheciam seus orientadores). Também fiquei sabendo que cada bolsista teria além de um orientador, um outro professor(a) que acompanharia o desenvolvimento de sua pesquisa. No meu caso, a professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva desempenhou essa função. No plano de trabalho ficamos sabendo que participaríamos de seminários teóricos no Rio e em São Paulo, e das reuniões da Associação Nacional de pesquisa e pós-graduação (ANPEd). Vale ressaltar que a organização do Concurso era responsabilidade da ANPEd e da Ação Educativa. Com o objetivo de construir um aporte teórico para os bolsistas, considerados pesquisadores iniciantes (ARANTES, entrevista, 01/08/2013).

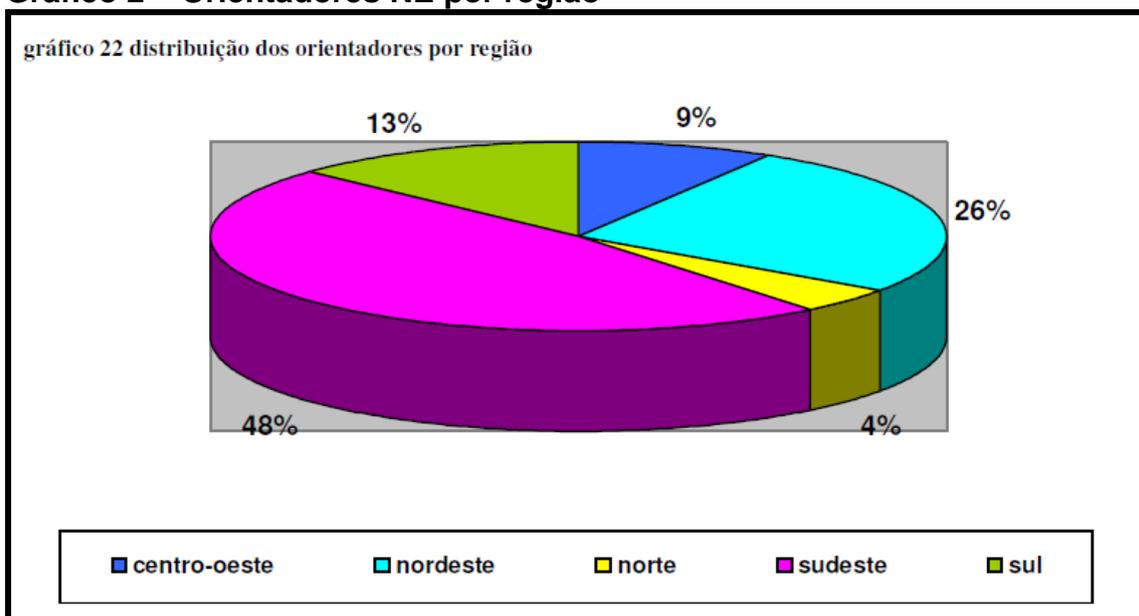
---

<sup>19</sup> Rocha ( 2007 ) ao discorrer sobre o NE afirma que “Do ponto de vista do dado racial, constata-se que 68% são negros, 15% são não negros e 17% não forneceram a informação. Nesse caso o acentuado número de negros se justifica, uma vez que se trata de uma Ação Afirmativa voltada, ainda que não exclusivamente, para os afro-descendentes.”

Como é possível perceber, a entrevistada ressalta que já de início participou de um evento em que houve a cerimônia formal de assinatura do contrato e encontro com possíveis orientadores e tutores, aqueles professores que acompanhariam/orientariam as pesquisas da (o) bolsista. Outra informação importante nesse trecho é a inserção dos bolsistas em seminários teóricos assim como reuniões na ANPEd.

Adlene Arantes (01/08/2013) menciona os acompanhantes e orientadores da pesquisa que os candidatos selecionados receberam para a orientação de suas investigações. De acordo com Rocha (2007, p.50) “Com relação à representação de orientadores segundo região, podemos observar que 48% eram da região sudeste, 26% do nordeste, 13% do sul, 9% do centro-oeste e norte, 4%”. O autor também disponibiliza gráfico para as informações acima.

**Gráfico 2 – Orientadores NE por região**



Fonte: Rocha, 2007, p.50.

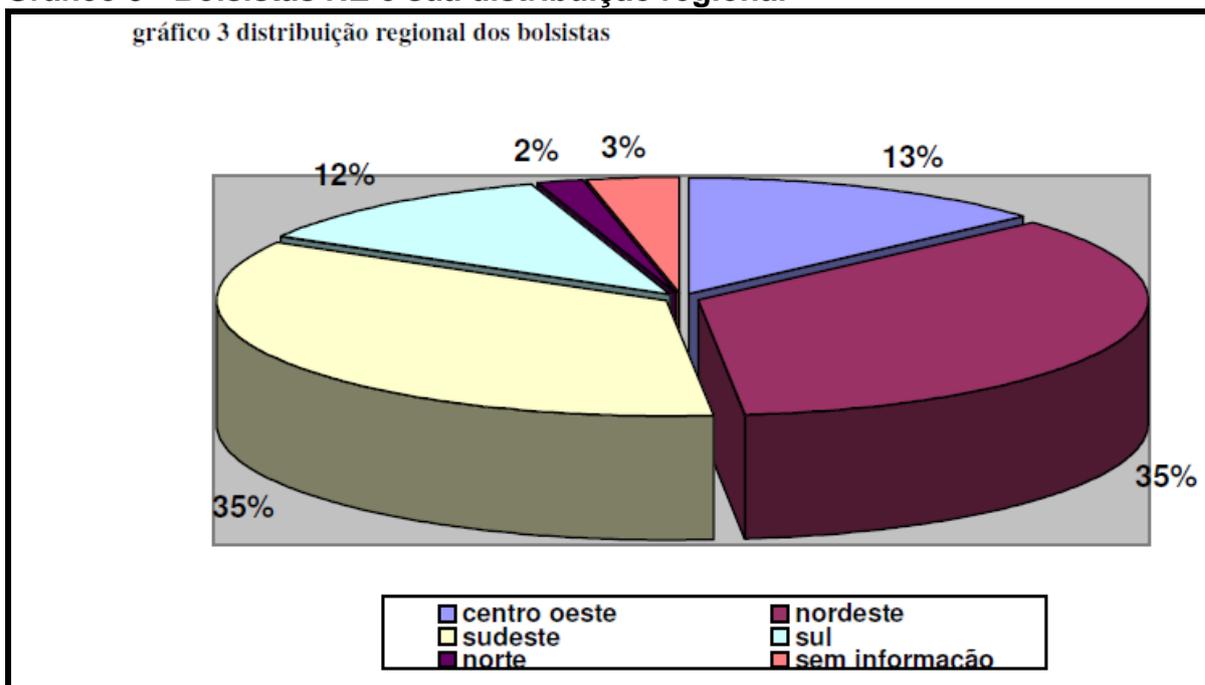
Podemos notar que a maior parte dos orientadores do NE estavam concentrados na região sudeste, região que aglutina um grande número de instituições de ensino superior. Quanto à disposição dos bolsistas por região, Rocha (2007, p.17) organiza um quadro e um gráfico, como mostramos a seguir.

### Quadro 1 - Bolsistas NE por região

Região	Edições				total
	Primeira	Segunda	Terceira	Quarta	
Centro-Oeste	1	2	4	1	8
Norte	0	1	0	0	1
Nordeste	2	4	8	8	22
Sudeste	5	6	4	6	21
Sul	1	1	4	1	7
Sem informação	1	1	0	0	2
Total	10	15	20	16	61 <sup>2</sup>

Fonte: Rocha, 2007, p.17

### Gráfico 3 - Bolsistas NE e sua distribuição regional



Fonte: Rocha, 2007, p.17

No quadro acima verificamos que a maior parte dos bolsistas estava na região nordeste, vindo logo com uma diferença de apenas um bolsista a região sudeste. Essas informações são equivalentes em termos percentuais como mostra o gráfico. Esses dados corroboram com as informações percentuais dos orientadores, uma vez que as duas regiões de destaque foram sudeste e nordeste.

Nesse sentido, verificamos pesquisadores em várias partes do Brasil na área étnico-racial, que motivaram os candidatos selecionados, que na época eram pesquisadores iniciantes, a trilhar um caminho de autonomia e segurança na pesquisa. Vale lembrar que o NE era composto por orientadores e tutores que ora desempenhavam orientação de pesquisa fora do NE ora eram tutores dos candidatos selecionados orientando os pesquisadores a elaborarem suas pesquisas de forma mais autônoma para completarem suas etapas do processo de pesquisa no NE e publicarem seus artigos nos livros finais elaborados como resultado das pesquisas no NE. Marcus Vinicius Fonseca (28/05/2013) conceitua didaticamente a função do tutor no NE quando diz que “a função do tutor era de gerir o pesquisador no interior do Concurso”. Ao falar sobre a função do orientador Marcus Vinicius Fonseca (28/05/2013) declara que

a função do orientador era efetivamente orientar. Acho que havia uma preocupação muito grande de ficar muito clara qual que eram esses papéis para que não entrassem em conflito. Eu não sei se chegou haver, no meu caso pelo menos não houve.

Assim, independentemente da função, a orientação teve papel fundamental tanto no NE como nas outras experiências de pesquisa dos egressos do NE. Itacir Marques da Luz (05/06/2013) ao falar sobre o NE e sua importância na área da educação relacionada à temática étnico-racial diz que

o programa Negro e Educação , foi um dos principais programas de ação afirmativa no que se refere ao ensino superior e ao programa de formação de pesquisadores no Brasil. O retrato dessa positividade do Negro e Educação está no que se deu com os egressos, muitos deles são doutorandos, a maioria são doutores ou doutorandos, professores e pesquisadores permanentes da temática, orientam outros trabalhos sobre esse tema, então eu acho que ele foi um programa, entre os programas de ação afirmativa que houve voltados para universidade, para o ensino superior e para formação de pesquisadores, eu acho que foi fundamental (LUZ, entrevista, 05/06/2013).

Destarte, a exigência de que Itacir Marques da Luz (05/06/2013) fala é tanto do processo seletivo para ingressar no NE, como no desenvolvimento da pesquisa até a publicação (ou não) do artigo, pois como o autor-pesquisador afirma,

Uma coisa importante no Negro e Educação é que era um Concurso de dotação de pesquisa, então veja, era um Concurso voltado para uma temática específica, mas que tinha um nível de exigência muito grande, o que mostra que além de contemplar uma demanda social que sempre existiu, ou que já existe há muito tempo, ele contribuiu também para manter a qualidade da formação e da produção dos pesquisadores das universidades brasileiras (LUZ, entrevista, 05/06/2013).

A consequência dessa exigência é a rede de pesquisadores formados por essa ação afirmativa que até hoje dissemina orientações, projetos de extensão e ensino com centralidade na área étnico-racial. Podemos coligar o descrito com Pollak (1989, p.5) ao afirmar que “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”. Talvez a partir de ações como NE esse silêncio sobre o passado começou a ser quebrado através da elaboração de discursos diferentes dos vigentes até aquele momento.

Ainda sobre o processo de formação do bolsista, Márcia Luíza Pires de Araújo (05/06/2013) menciona uma caixa de livros que recebeu para auxiliar sua formação teórica, além do material sobre os seminários de pesquisa. Sobre os seminários podemos ver que a programação do evento que ocorreu no Rio de Janeiro com apresentações subdivididas nos seguintes eixos temáticos: O negro no ensino superior; Arte e educação; Cotidiano escolar; História da educação do negro; Linguística e literatura; Educação e museu. Além da divisão por eixos com a apresentação e debates dos respectivos trabalhos, houve momento de orientação para elaboração de relatório e artigo final. A seguir a fala de Márcia Luíza Pires de Araújo (05/06/2013):

Então fiz a inscrição do Concurso, fui aprovada e comecei a receber o material de formação teórica, recebi uma caixa de livros, recebi informações de seminários que estariam acontecendo aqui em São Paulo, um seminário de formação também aconteceu no Rio de Janeiro e fui participando do processo. Logo no início do processo nós recebemos uma bolsa de R\$15.000,00, para apoio financeiro, para o desenvolvimento da pesquisa, e o tema eu já tinha, eu já estava estudando muito, eu já estava tendo muito contato com a escola primária, era uma opção minha trabalhar com a escola primária e com a educação de crianças negras na escola primária, e a primeira informação que se tem é que poucas crianças ou crianças

negras estudaram no período de 20 e 30 (ARAÚJO, entrevista, 05/06/ 2013).

No certificado que os candidatos selecionados recebiam ao participar do seminário de formação. No segmento da entrevista acima aparece o valor de R\$15.000,00 para a dotação dos candidatos no início do processo. Ana Toni ao manifestar sua posição sobre uma possível estratégia da Fundação Ford ao apoiar financeiramente o NE afirma que

as pessoas sempre pensam que tinha uma estratégia maior, absolutamente já planejada, pensada dentro das fundações, pelo menos dentro da Fundação Ford, eu acho que não. Havia muita demanda, desde aquela época até hoje era muita demanda de pesquisadores negros querendo fazer pesquisa específica, então eu acho que a Fundação Ford respondeu de uma maneira estratégica a uma demanda já colocada aí na sociedade (TONI, entrevista, 03/07/2013).

Nesse sentido, essa dissertação não tem a intenção de aprofundar os elementos que levaram a Fundação Ford a patrocinar o NE. Ao comentar sobre o motivo da não continuidade do apoio financeiro da Fundação Ford para outras edições do NE, Nigel Brooke afirmou que

o apoio financeiro da Fundação Ford a este projeto não foi renovado após o quarto Concurso. Os responsáveis devem ter achado que o projeto já tinha atingido seus objetivos e que já havia outras alternativas para o financiamento deste tipo de pesquisa (BROOKE, entrevista, 11/09/2012).

Ao dizer que os responsáveis já tinham realizado sua parte e outros apoios seriam possíveis, Nigel Brooke (11/09/2012) não deixa margem para outras possibilidades, no entanto Itacir Marques da Luz (05/06/2013) aponta outra versão para este problema ao afirmar que

essa coisa do edital dos egressos, foi um outro processo complicado, por que, você sabe que o Negro e Educação acontece mais ou menos da época do 11 de setembro, não é isso? Então os recursos foram reduzidos pela Fundação Ford e um dos argumentos deles, pelo menos o que apresentaram como argumento lá em São Paulo é que o principal motivo da redução dos recursos tinha sido a baixa da Bolsa de Valores das ações por causa do 11 de setembro e aí eles iam reduzir o recurso na América Latina em algumas áreas e uma das principais delas foi a educação. Então veja, havia previsão,

porque o Negro e Educação era Ação Educativa, ANPEd, Fundação Ford, havia precisão de mesmo, já naquela época, de uma política de formação continuada para os egressos, só que esse projeto, não se concretizou como havia sido sinalizado, o que foi que houve depois, não houve mais recursos, a gente fez um abaixo assinado na época, para que não fosse a última edição do Negro e Educação, inclusive, nós fizemos um abaixo assinado junto com outros pesquisadores de outras edições mas não adiantou, e o projeto de formação continuada só aconteceu porque na verdade não foi formação continuada, a ANPEd, não sei exatamente através de que recurso, abriu um edital que foi focalizado só para os pesquisadores das três edições anteriores (LUZ, entrevista, 05/06/2013).

Assim, percebemos nas memórias de Itacir Marques da Luz (05/06/2013) acerca dos motivos pelos quais uma política de formação continuada para os egressos do NE não continuou por razões financeiras. O único edital que abriu para egressos que Itacir Marques da Luz (05/06/2013) aponta não saber a procedência do recurso, veio do Mec/Secad, como mostra o relatório de atividades da 29ª Reunião anual da ANPEd quando afirma que firmou Convênio ANPEd/SECAD/MEC e uma das metas do convênio era “apoiar a formação continuada dos egressos do NE”.

De qualquer forma podemos inferir que duas questões foram centrais para o início das ações do NE: a presença e militância de intelectuais negros em instâncias de poder e um contexto que exigia a implementação de políticas de ação afirmativa. De outro lado, podemos entender que fatores similares fazem com que novas edições não tivessem ocorrido: contexto econômico que exigia a alocação de recursos em novas demandas sociais e a ampliação de investigações centradas na temática.

### **2.3 Bastidores do NE: o cotidiano dos candidatos selecionados**

Nas seções anteriores apresentamos o caráter de ação afirmativa do NE e do processo de seleção e desenvolvimento do Concurso. Na sequência verificamos particularidades dos candidatos que não envolvem o processo do NE, mas que reforçam suas escolhas por ações como o Concurso para auxiliarem nas questões

de formação e autonomia em pesquisa das candidatas (os). Márcia Luíza Pires de Araújo (05/06/2013) em sua entrevista afirma que,

na escola, enquanto professora negra, a gente tem algumas dificuldades que são aí, inerentes ao preconceito, ao racismo que ainda existe na educação e também academicamente eu achei que fosse um caminho muito bom de trabalhar numa área de pesquisa que ainda é pouco explorada...

Nesse sentido, a fala da candidata é relacionada à identidade e à influência desta nas questões de pesquisa. Stuart Hall (1997) discorre sobre três concepções de identidade as quais referem-se ao sujeito do Iluminismo, sociológico e pós-moderno<sup>20</sup>. O trecho da fala da candidata relaciona-se com a identidade do sujeito pós-moderno, definida historicamente e não biologicamente, pois dependendo do ambiente essa identidade assume novas formas. O autor ainda diz que o conflito de identidades está presente nos sujeitos pós-modernos e que assim essa tendência de pensarmos na possibilidade de uma identidade uniforme e imutável é imaginativa.

Assim, se refletirmos sobre a questão que Hall (1997) aprofunda podemos relacionar pelo menos três tipos de situações em que as identidades assumem posições diferenciadas: a candidata mulher, a candidata professora e ainda a candidata negra. Essas identidades ainda podem se multiplicar em diversas outras, assim como se moldarem às situações em que encontrarem a partir das noções culturais e discursivas dos sujeitos. Para Hall (1997, p.59) 'raça é uma categoria discursiva e não biológica', o autor ainda diz que a partir da noção de raça, os sujeitos organizam os modos de falar, suas práticas sociais, ou seja, seus discursos para marcarem simbolicamente diferenças físicas para representarem seus grupos sociais. Nesse sentido, a escolha realizada pela candidata em torno de seu objeto de pesquisa contribui para marcar discursivamente novas versões para o processo de escolarização dos afro-brasileiros nos anos 30.

---

<sup>20</sup> Para Stuart Hall (1997) o sujeito do Iluminismo era o sujeito integral que continuava o mesmo até o fim da vida, o sujeito sociológico era aquele ser humano que já vivenciava as complexidades do mundo moderno, enquanto o sujeito pós-moderno para Hall é o sujeito que tem mais de uma identidade, que se constrói e reconstrói de acordo com as vivências do sujeito, relações essas que nem sempre são harmônicas.

Adlene Arantes (01/08/2013) em sua narrativa, ao descrever sua participação na obra comemorativa de 10 anos do GT21<sup>21</sup> afirma que

uma conquista que marcou a participação no Negro e Educação foi a criação do GT 21 da ANPEd. Essa conquista eu acompanhei de perto, eu estava lá quando o referido GT foi criado. Pude voltar às reuniões da ANPEd e a participar desse GT que já comemora 10 anos de existência. E eu estou na obra comemorativa desse aniversário lançada na ANPEd que aconteceu em minha cidade, Recife em 2012 (ARANTES, entrevista, 01/08/2013).

Desse modo, ao identificar o momento da criação do GT21 como conquista, quando ainda estava no NE e sua efetiva participação no livro que comemora os dez anos de existência do GT, a candidata, agora professora de uma instituição universitária fala de um lugar social: instituição que é docente, pesquisadora sobre a temática e demarca posicionamento ideológico no qual situa o significado de envolver-se em tais práticas de pesquisa. A autora-pesquisadora estabelece relação orgânica entre as ações que empreende hoje e à participação ativa no NE. Nessas ações mobiliza sua identidade e fortalece o desenvolvimento como pesquisadora o que pode ser associado ao que Hall (1997) e Certeau (1982)<sup>22</sup> designam como lugar social a partir do qual o sujeito se manifesta e demarca sua ação no mundo.

Itacir Marques da Luz (05/06/2013) apresenta outra situação, o pesquisador, na época candidato selecionado para o NE, discorre sobre as dificuldades enfrentadas para permanecer no curso de graduação e o modo como iniciou sua história como pesquisador. Em sua narrativa afirma,

eu fui parar na iniciação científica. Porque antes da iniciação científica eu já tinha entrado na faculdade, mas eu tinha que trabalhar paralelamente, eu procurava adiantar disciplinas na universidade, então eu era aluno noturno, mas eu fazia disciplinas à tarde. Para conciliar isso eu tive que arrumar um emprego que me ocupasse só a manhã. Então durante um tempo eu trabalhei num lugar em que eu tinha que dar seis horas de trabalho. Bom, matematicamente você sabe que não tem condições de você dar seis horas de trabalho, ter aula de tarde, fazer outros cursos e ter

---

<sup>21</sup> GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais, foi o grupo de trabalho criado na ANPEd em 2003 para agregar as discussões e debates sobre as relações étnico-raciais nas reuniões anuais da Anped..

<sup>22</sup> Certeau (1982) discorre sobre o lugar social do sujeito, aponta para as especificidades de cada um como local de trabalho, relações sociais, influências que exerce ou sofre para determinar como percebe a sociedade e a partir daí tecer suas reflexões e práticas.

aula à noite. Então o que acontecia, eu acordava às quatro horas da manhã para trabalhar das seis ao meio dia, para almoçar correndo, voltar para UFPE, ter aula à tarde, ter um intervalo e ter aula à noite até 10 da noite. Então todo dia eu acordava às 4 da manhã e chegava quase meia noite em casa (LUZ, entrevista, 05/06/ 2013).

Podemos complementar a discussão com Bhabha (1998) quando reflete sobre a teoria como possível apenas para a elite social e cultural e que este lugar de crítica na academia está reservado aos arquivos eurocêntricos. Nesse sentido, quando Itacir Marques da Luz (05/06/2013) afirma ser o ‘azarão’ entre os outros bolsistas está se posicionando no espaço do Outro, conceituado por Bhabha, na posição daquele acadêmico que ‘*a priori*’ não tem espaço reservado para vagas nos locais que detêm o poder simbólico como descrito por Van Dijk (2008a). Neste contexto, convém acessar o que Cunha Jr.(2003, p.2), ao discorrer sobre a necessidade de formação de pesquisadores negros, refere que

A seleção para os programas de pós-graduação está intimamente ligada ao pertencimento a classes sociais historicamente incrustadas no poder local e aos caminhos dados por estes as formações científicas e universitárias, destacando a correlação histórica destas classes com as etnias. Pertencimento privilegiado fornece outra dificuldade para o crescimento espontâneo do número de pesquisadores afrodescendentes.

Nesse sentido, ao falar sobre os obstáculos materiais vindos das condições sociais, Itacir Marques da Luz (05/06/2013) corrobora com Cunha Jr. (2003), no momento em que este declara o sistema seletivo e a relação social e racial na academia. Outra narrativa que permeia esses aspectos é a de Marcus Vinicius Fonseca (28/05/2013), pois falou sobre a dificuldade em sua inserção na pesquisa devido aos problemas em sua vida pessoal relacionada às questões materiais. Marcus Vinicius Fonseca (28/05/2013) afirmou que esses obstáculos existiram até seu ingresso no mestrado que então foi amenizado pela sua entrada no NE. Pelos exemplos, podemos perceber que tanto o autor como o entrevistado, os programas de formação de pesquisadores sobre a temática foram ativos no processo de formação de massa crítica sobre educação para as relações étnico-raciais. Sobre a questão Cunha Jr.(2003, p.2) afirma que

os programas de bolsas de pesquisa feitos com enfoque das ações afirmativas pela Fundação Carlos Chagas e pela ANPEd e Ação Educativa, nos têm dado uma amostra significativa da existência desta grande demanda reprimida. Ambos os programas apresentam um número significativo de exigências para a inscrição de candidatos, mesmo assim, o número de inscritos e a qualidades dos projetos têm surpreendido as expectativas dos propositores [...] Ressaltamos que tais programas são de caráter privado, financiado pela Fundação Ford, sendo extremamente limitados quanto aos recursos financeiros e quanto à abrangência de formulação por não se constituírem em políticas do estado. Mas têm sido de grande importância em alavancarem à formação de pesquisadores afrodescendentes.

Através de ações como NE pesquisadores, mesmo que em número reduzido, puderam se beneficiar de condições materiais e acadêmicas para desenvolverem investigações e ocuparem espaços anteriormente esvaziados da temática étnico-racial. Nesse sentido, Patrícia Maria de Souza Santana (11/09/2012) afirma que atualmente integra

o Núcleo de Relações Étnico-Raciais e de Gênero da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte–MG, Fórum Estadual Permanente de Educação Para as Relações Étnico-Raciais, é parecerista dos Prêmios Educar para a Igualdade Racial CEERT e desenvolve pesquisa de doutorado com a temática da infância quilombola e organização de atividades para os 10 anos da Lei 10639/03 (SANTANA, entrevista, 11/09/2012).

Assim, Oliveira (2010, p.216) ao ser questionada sobre a importância de uma agenda relacionada aos negros no Brasil afirma que

somente as determinações legais mais recentes provocaram um impacto significativo, principalmente nas escolas. Esta constatação é preocupante porque nos permite inferir que a universidade não está cumprindo o seu papel social no sentido de disseminar os conhecimentos por ela produzidos que contribuem para fortalecer a argumentação da sociedade civil na reivindicação de políticas públicas para promover a equidade racial.

Destarte, compreender as inserções de Patrícia Maria de Souza Santana (11/09/2012) na secretaria municipal de Belo Horizonte, MG e sua pesquisa de doutorado sobre infância quilombola e os dez anos da Lei 10.639/2003 auxiliam o fortalecimento das práticas mencionadas por Oliveira (2010) para trabalhar a educação para as educações étnico-raciais (bases das políticas públicas como a lei

das cotas, projetos, eventos, fortalecimento de organizações quilombolas, capacitação de lideranças negras), assim como criação de legislação para promover a igualdade nas relações étnico-raciais.

Outra possibilidade de discutir a identidade está na entrevista de Adlene Arantes (01/08/2013), que além de reafirmar a importância do NE em sua vida e a convivência com pesquisadores de renome na temática étnico-racial e educacional assume sua identidade como pesquisadora afrodescendente. O trecho abaixo mostra essa posição quando a pesquisadora diz,

reafirmo que foi fundamental para minha vida ter sido bolsista do III Concurso Negro e Educação. Pude conviver com pesquisadores de diversos locais do Brasil e entre eles, com ícones da área de Educação e relações raciais (destaco os professores Henrique Cunha, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Marcia Ângela Aguiar e Iolanda Oliveira que participaram diretamente da minha formação). Graças a essa convivência pude construir minha identidade de pesquisadora negra e meu compromisso social e acadêmico com a inclusão social, pois continuo pesquisando questões que envolvem a história da educação do negro no Brasil, e mais especificamente, no meu estado, Pernambuco (ARANTES, entrevista, 01/08/2013).

Desse modo, Certeau (1982) discorre sobre o lugar social de onde o pesquisador fala Adlene Arantes (01/08/2013) do estado em que personifica como dela, quando diz 'meu estado' em que visualiza a possibilidade de continuar suas pesquisas sobre a história da educação do negro no Brasil. Certeau (1982, p.51) estabelece que "a partir do lugar 'socio-econômico, político e cultural' a pesquisa historiográfica é articulada". Assim a partir de um local de pesquisa étnico-racial que Adlene Arantes (01/08/2013) visualiza suas possibilidades de articulações acadêmicas. Pois como Certeau (1982, p.51) afirma "é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam".

Nesse sentido, ao verificarmos as particularidades do NE, sua estrutura e história partindo das memórias de egressos, documentos e referências nas questões étnico-raciais encaminhamos a dissertação para as análises dos artigos elaborados no NE sobre a história da educação, o que pode contribuir para que o significado dessas pesquisas adentre no universo escolar.

### **CAPÍTULO III – ARTIGOS SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO AFRO-BRASILEIRO NO CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO: ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO**

[...] sobretudo para quem estava na história da educação, você não tinha interlocutores constituídos para debater um tema, e tinha sim, uma desconfiança muito grande dessa temática em relação aos próprios objetos de pesquisa, sobretudo se você estava remontando isso ao século XIX. Havia uma desconfiança muito grande, havia uma percepção na educação na época que os negros chegaram muito tardiamente à escolarização e que não existiam escolas para negros em períodos como século XIX e início do século XX.

(Marcus Vinícius da Fonseca, 28/05/2013).

A característica central dos discursos elaborados nos quatro artigos que analisamos através dos estudos críticos é ocupar um espaço para outras versões sobre a história do processo de escolarização dos afro-brasileiros. Como Marcus Vinícius Fonseca aponta em sua entrevista, na época do NE não existiam interlocutores para discutir questões como essa e a desconfiança sobre o assunto era constante entre os membros da academia.

Assim, verificamos o pioneirismo das ações dos sujeitos na produção de suas pesquisas. Deste modo, evocamos o texto de Van Dijk (1993) no momento em que referindo-se ao discurso acadêmico, dá ênfase às palavras que empoderam e aos discursos que temos para analisar: academia e raça, os quais irradiam sua força semântica ao longo deste texto.

Uma análise superficial assumiria que a maioria dos estudiosos tem poder relativo em seu domínio acadêmico de ensinar e pesquisar, de modo que eles teriam apenas status de elite marginal. Entretanto, uma análise mais aprofundada mostra que nas sociedades atuais, a influência indireta e o poder dos estudiosos é muito grande: Suas ideologias, alunos, resultados de pesquisas, relatórios, e consultoria tem um papel fundamental nos avanços tecnológicos e gerenciamento de corporações e do Estado. Isso também é verdade para o gerenciamento das questões sociais e políticas, por exemplo, no domínio das relações étnicas. Cientistas sociais formulam filosofias e mais especificamente teorias de relações étnicas que são multiplamente aplicadas em muitos comitês, instituições, e estruturas burocráticas que organizam tomadas de decisões étnicas praticamente em todos os domínios sociais, incluindo imigração,

políticas para refugiados, moradia, trabalho, educação, e cultura (VAN DIJK, 1993, p.158).<sup>23</sup>

A prática social representada nos discursos elaborados e legitimados no ambiente da academia valida e/ou (re)valida um discurso hegemônico ou pode colaborar instaurar abordagens discursivas diferentes das hegemônicas. Magalhães (2011, p.68) compartilha um exemplo, quando afirma que “os textos acadêmicos reconhecem a cientificidade dos discursos levando a comunidade científica a corroborar com outras possibilidades de leituras”.

Nesse sentido, Van Dijk (1993, p.21) afirma que “a dominação definida como controle social tem uma dimensão cognitiva e social”. Além de seu controle sobre o acesso aos valores sociais, os grupos dominantes podem regular indiretamente o modo de pensar dos outros. Tal fato acontece por meio da influência do discurso e por formas, como reportagens tendenciosas, sistema educacional ruim, dentre outros..Nesse processo, produz-se limites a aquisição e o uso de conhecimento relevante e criam-se entraves para o agir independentemente e de acordo com seus interesses.

Assim, utilizamos as palavras de Butchard (2010, p.ix) do prefácio de seu livro *Schooling the Freed People: Teaching, Learning, and the Struggle for Black Freedom, 1861-1876*<sup>24</sup>, o qual afirma que se existe uma constante na escrita da história esta é a revisão.

Afirmamos novamente que para estes estudos críticos nos detivemos na prática social propriamente dita, não detalhamos o texto em suas complexidades linguísticas e tampouco nos alongamos na prática discursiva, já que tivemos que optar por um nível de análise da ADC.

Destarte analisamos a prática social representada nos artigos analisados. Partindo de quatro artigos que nascem da versão contra-hegemônica da história da educação através da ação afirmativa NE, temos quatro sujeitos envolvidos em uma

---

<sup>23</sup> Todas as traduções apresentadas nesta dissertação são de nossa autoria.

<sup>24</sup> Educando pessoas libertas: Ensinando, Aprendendo, e o esforço pela Liberdade dos Negros, 1861-1876.

opção de pesquisa inovadora para a época do NE no campo da educação. Além disso, reafirmamos o argumento de que do poder do discurso acadêmico em que as pesquisas estão inseridas.

Vale lembrar que ao iniciarmos o processo de busca por fontes para além dos artigos analisados percebemos as limitações do acesso ao poder e domínio das informações quando a Fundação Ford, por exemplo, nos concedeu relatórios narrativos do NE, porém não autorizou a publicação destes nos anexos da dissertação, mostrando resistência em que a totalidade do material fosse conhecido. Sabemos que no processo de fragmentar o texto e usar enxertos de acordo com os objetivos e necessidades da pesquisa pode levar a perda da integralidade que o conjunto documental oferece.

Além disso, ao recorrermos às entrevistas narrativas como forma de acessarmos informações que não estavam escritas ou descritas nos artigos ou relatórios, nos deparamos com impossibilidade de atingirmos certos pesquisadores considerados de referência na educação para as relações étnico-raciais no Brasil. Por outro lado, estudiosos e outras personalidades envolvidas no processo do NE forneceram dados que trouxeram consistência aos temas que ainda encontravam-se lacunares nas discussões realizadas na dissertação.

Ao pensarmos o processo de obtenção das informações para a investigação, mergulhamos em um universo metalinguístico em que o cotidiano dos pesquisadores acadêmicos encontra-se delimitado pelos controles que demarcam os domínios do permitido, ou que instituem as fissuras que precisam ser encontradas ou construídas para atingirmos outras versões dos processos de construção do conhecimento e no teor dos textos finais dos trabalhos desenvolvidos nos cursos de pós-graduação.

Os artigos elaborados no NE na área de história da educação oportunizaram a busca por um espaço hegemônico e às versões da história sobre momentos do processo de escolarização dos afro-brasileiros.

### **3.1. Análise do artigo “As primeiras práticas educacionais com características modernas em relação aos negros no Brasil”**

Marcus Vinícius Fonseca é o sujeito social<sup>25</sup> que elabora a pesquisa A1 nos anos de 1999 até 2000. Na época do NE estava desenvolvendo seu projeto de mestrado e afirma na entrevista que mesmo já sendo ativista e militante das causas raciais e professor, não tinha experiência com pesquisa. Argumenta que a consistência da pesquisa na dissertação de mestrado tem relação com sua participação e no NE uma vez que as práticas de pesquisa experimentadas na composição do trabalho final para o concurso de dotação ajudaram a conferir densidade a pesquisa de mestrado. Outra questão a verificarmos sobre Marcus Vinícius Fonseca são as condições que esse sujeito apresentava na época da primeira edição do NE. Em sua narrativa declara que tinha limitações materiais para conseguir dedicar-se exclusivamente a pesquisa. Assim, a dotação de pesquisa oportunizou um conjunto de elementos que criaram as condições financeiras e de pesquisa e que ampliaram as possibilidades de formação. Nesse sentido, observamos o significado das condições objetivas para a constituição de um pesquisador orientar suas ações com autonomia. Vemos pois, que o financiamento e o acompanhamento por docentes com larga experiência na área foram decisivos para seu processo formativo.

Assim, Marcus Vinícius Fonseca escolheu dirigir seu olhar para o momento da ruptura homem afro-brasileiro escravizado para homem afro-brasileiro ingênuo<sup>26</sup> e necessitado de um processo educacional. Aproveitamos para esclarecer que todas as vezes que nos referirmos à palavra escravizado tomamos a reflexão de Harkot-de-la-Taille e Santos (2012, p.3) quando dizem que “a substituição do termo corrente ‘escravo’ pelo termo ‘escravizado’ pode produzir “nas ressonâncias semânticas do pressuposto de responsabilização e de opressão deste, no lugar do efeito de sentido de naturalização da condição cativa do primeiro””. Dizemos também que o artigo

---

<sup>25</sup> Sujeito social neste trabalho é visto como aquele que forma sua identidade, influencia e é influenciado em seu cotidiano, modifica e é modificado através da prática social.

<sup>26</sup> Ingênuo, filho de mulher afro-brasileira escravizada nascido a partir da Lei do Ventre Livre.

utiliza o termo escravizado evitando o equívoco do termo escravo empregado frequentemente nos discursos que tratam sobre o assunto ainda nos dias de hoje.

O artigo escrito por Marcus Vinicius Fonseca tem por título: “As primeiras práticas educacionais com características modernas em relação aos negros no Brasil”. O autor ao iniciar seu texto chamou a atenção para as primeiras práticas educacionais em relação aos afro-brasileiros com características modernas, ou seja, uma educação que acontece em um espaço diverso do privado.

Ao verificarmos o texto percebemos a relação que o autor-pesquisador estabelece com a Lei 2040/1871, ou Lei do Ventre Livre, que no imaginário do povo brasileiro e até mesmo da academia está relacionada às questões da liberdade para os afro-brasileiros nascidos de mães escravizadas a partir da data da Lei, ou ainda às questões relacionadas aos debates em torno da Abolição do processo de escravização dos afro-brasileiros.

No entanto, fugindo das concepções do discurso vigente sobre a compreensão dos debates em torno da Lei do Ventre Livre e estabelecendo novas relações com documentos do poder legislativo do Império e do Ministério da Agricultura, Marcus Vinicius Fonseca insere nova possibilidade de leitura desse momento histórico em relação à necessidade de um debate educacional em torno dos afro-brasileiros que nascessem a partir da Lei do Ventre Livre. Em seu artigo Fonseca (2011, p.12) afirma que,

Foi também Perdigão Malheiros o primeiro a perceber as implicações da relação entre a abolição da escravidão e a educação. Já em 1867, formulava a seguinte pergunta: “que educação devem receber essas crianças que se tornarão os futuros cidadãos do Império?”

Marcus Fonseca em seu artigo relaciona professores, escolas, alunos e projetos associados aos afro-brasileiros e ao mundo educacional. A partir desta seleção aponta para a novidade de seu texto quando relaciona educação ao tema crianças e escravizados, há uma quebra de paradigma no qual o escravizado deveria estar desvinculado da prática educacional.

Nesse sentido Ricoeur (1984, p.179-180) indica que

a intencionalidade da história questiona o que ele deve focar sobre o caráter da história, faz lembrar o significado intelectual que forma o caráter histórico e o preserva de dissolver-se nas ligações que a história estabelece com a economia, geografia, demografia, etnologia e a sociologia das mentalidades e das ideologias.

Este recorte do pensamento de Ricoeur (1984) nos dá pistas sobre as dificuldades e barreiras na pesquisa histórica sobre a educação dos negros. Assim, no embate entre o momento histórico do NE, no qual “ações afirmativas começavam a ganhar uma dimensão mais ampla” (Marcus Vinicius da Fonseca, 28/05/2013). O artigo estabelece diálogo com os fatores responsáveis pela guerra de forças que estabeleceram discursos e manobras políticas que suscitaram avanços e retrocessos na concretização de políticas públicas voltadas para a educação dos afro-brasileiros.

Na organização do texto o autor-pesquisador contextualiza a importância do processo de escolarização dos afro-brasileiros para a população da época e os debates em torno da Lei do Ventre Livre trazendo para o artigo o recurso da literatura. Através de Joaquim Manoel de Macedo, autor da obra *As Vítimas-algozes: quadros da escravidão*, Marcus Vinicius Fonseca utiliza duas histórias presentes no livro<sup>27</sup> para evidenciar como a discussão já estava presente na ficção e como os perigos de uma falta de escolarização atingiriam a sociedade. Neste momento é conveniente lembrar a fala de Chartier (2007, p. XX) ao ser entrevistado pela Revista de História responder sobre as razões pelas quais o Brasil se interessou pela aproximação entre a História e Literatura dizendo que “no Brasil, a convergência das ciências sociais, como a sociologia e a antropologia, a dimensão histórica e a importância central do tema para a educação criaram este interesse pela história das práticas de leitura”.

---

<sup>27</sup> O título das histórias com as quais Marcus Vinicius Fonseca estabelece diálogos com a Lei do Ventre Livre e a importância do processo de escolarização para afro-brasileiros são: *Simeão – o crioulo* e *Lucinda – a mucama*.

O que fica explícito através da obra literária no artigo é a consequência do uso excessivo do poder e opressão aos escravizados pelos escravizadores<sup>28</sup> e a falta de possibilidade educacional ampla e concreta para esses afro-brasileiros.

Outras vozes representativas do texto e que indicam o movimento do autor-pesquisador em acessar discursos em torno do debate educacional para afro-brasileiros pós Lei do Ventre Livre foram as do Ministério da Agricultura com nos relatórios de Perdigão Malheiros e Justino Magalhães. Na escolha destas vozes como centrais para a discussão de seu texto o autor-pesquisador articula as fontes primárias encontradas no arquivo do Ministério da Agricultura para dar consistência em sua discussão.

Jurista, político e historiador Perdigão Malheiros, cujo livro *A Escravidão no Brasil* escrito em 1867 teve papel significativo na propagação das questões pré Lei do Ventre Livre. O outro autor, Justino Magalhães, trabalhou com o tema da cultura escolar na história da educação. Três vozes constituem as bases do texto do autor-pesquisador para conduzir polaridade positiva à discussão das primeiras marcas das incursões da população afrodescendente no curso dos bancos escolares.

Desse modo, ao desvelar a lacuna entre a discussão em torno da necessidade de educação para os afro-brasileiros nascidos pós 28 de setembro de 1871 e a efetiva consolidação desta, o autor-pesquisador embasa metalinguisticamente a necessidade de ações como o NE, ações que Van Dijk (2008a, p.43) chama de “formas de resistência, exercícios de contrapoder, que pode tornar o poderoso menos poderoso ou até mesmo vulnerável”. Ações estas que o autor-pesquisador ao longo de suas investigações materializou em ações concretas como a publicação de livros, projetos de pesquisa e de extensão, cursos ministrados além de orientações na área da história da educação de afro-brasileiros. Apesar das restrições ao acesso dessas ações à população em geral, é possível compreendermos o valor desse tipo de discussão nas esferas acadêmicas para que gerem-se reflexões e mudanças de concepção acerca de temas como a história da educação afro-brasileira.

---

<sup>28</sup> Para esta dissertação utilizamos o termo escravizadores ao invés de senhores para evitarmos o equívoco histórico do uso do pronome de tratamento inadequado e auxiliarmos no povoamento de novas imagens para a leitura da História.

Dessa forma, uma das questões também levantadas pelos relatórios descritos no artigo é a crítica a não efetivação do processo de escolarização para os afro-brasileiros, mas ao mesmo tempo o autor-pesquisador evidencia e nomina os espaços escolares, sem os descrever, que encontram-se nos documentos que ele escolhe para o texto. Essa nominação vem a despertar interesse para outros projetos de pesquisa, as instituições que Marcus Vinicius Fonseca nomina como instituições para a educação de afro-brasileiros a partir da Lei do Ventre Livre são: Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara, Piauí; Colégio Nossa Senhora do Amparo e Instituto dos Educandos Artífices, ambos no Pará; Colônia Orfanológica Cristina, Ceará; Colônia Orfanológica de Nossa Senhora do Carmo do Itabira, Minas Gerais; Asilo Agrícola Isabel, Rio de Janeiro. Colônia Orfanológica Blasiana e Colônia Orfanológica Isabel, Pernambuco. A última dessas colônias mencionadas pode ser encontrada no artigo escrito por Adlene Silva Arantes, o qual passaremos a analisar.

### **3.2. Análise do artigo “A Colônia Orfanológica Isabel de Pernambuco (1874-1887)”**

Adlene Silva Arantes participou do NE no período de 2003 até 2004, terceira edição do NE. Como Marcus Vinicius Fonseca, a autora-pesquisadora desse artigo também participou do NE enquanto mestranda do programa de pós-graduação da UFPE.

O livro final com as publicações dos artigos foi veiculado em 2005, conforme relatório narrativo final do III NE fornecido pela Fundação Ford, a Comissão Organizadora do NE decidiu publicar todos os vinte artigos elaborados e aprovados naquela edição, diferentemente da primeira e segunda edição do NE. Nesse sentido, temos uma Comissão Científica selecionando e dando acesso aos temas pesquisados naquela edição, porém nas duas edições anteriores oito trabalhos não foram publicados pelos mais diversos motivos.

O artigo que Adlene Arantes escreveu tem como título: “A Colônia Orfanológica Isabel de Pernambuco (1874-1887)” e apresenta seu objeto de pesquisa através da análise de documentos oficiais, o que faz referenciar autores como Michel Foucault e Jacques Le Goff para, a partir dos quais ressalta a ideia da realidade construída e questiona a ideia de documento-verdade.

No artigo, a autora-pesquisadora apresenta um embate constante entre duas questões: a ideia hegemônica sobre a dificuldade dos afro-brasileiros inserirem-se na sociedade civil nos anos seguintes à Lei do Ventre Livre e no tipo de instituição educacional que lhes era destinada e a ideia do detalhamento de aspectos do cotidiano escolar da Colônia que apresenta novos elementos historiográficos sobre a situação escolar de afro-brasileiros nesse período histórico.

Adlene Arantes denuncia a falta de acesso e o encaminhamento educacional dos afro-brasileiros da Colônia, mas ao mesmo tempo anuncia leituras que eram acessadas, a possibilidade de entrar em contato com o universo musical e as opções de oficinas disponíveis para afro-brasileiros e outros que estivessem na Colônia.

Em seu artigo Arantes (2005, p.15) afirma que

a maior parte do corpus documental no qual a pesquisa se baseou é composta, portanto, de documentos oficiais. Nesse sentido, é preciso compreender em que contexto de produção foram elaboradas as fontes com que se quer trabalhar para não torná-las verdades absolutas e incontestáveis. Como afirma Michel Foucault, todo documento é o resultado daquilo que as sociedades da época se esforçaram para deixar, voluntariamente ou não, para as sociedades futuras; é uma realidade construída (Foucault, apud Le Goff, 1990, p. 545). Ou, nas palavras de Jacques Le Goff (1990, p. 564), “não existe um documento-verdade. No limite, todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo”. No caso dos livros escolares, os estudiosos da história do livro e da leitura no Brasil<sup>7</sup> apontam as dificuldades em se utilizar esse tipo de fonte de pesquisa, por ser considerada efêmera e pouco digna de catalogação e guarda, raramente ocupando as prateleiras dos acervos públicos. Mesmo assim, na pesquisa, os livros foram utilizados como fontes complementares de análise.

Esse embate reproduzido no artigo demonstra a complexidade de ser parte de um conjunto de “verdades” produzidas e reproduzidas sobre a história da

educação de afro-brasileiros e quando inserido em oportunidade contra-hegemônica de uma ação afirmativa como o NE não sair completamente do imaginário coletivo que posiciona o afro-brasileiro em local pré-estabelecido, Adlene Arantes, estabelece sua reflexão a partir da leitura das obras de Foucault<sup>29</sup>, de uma oportunidade de escolarização vigiada e punitiva, trazendo os limites de fazer parte do processo de escolarização de afro-brasileiros no final do século XIX, o que torna o artigo, em parte, agente reprodutor do sistema de controle das ideias hegemônicas do século XXI.

Nesse sentido, essa denúncia é feita e refeita em outros autores como Mary Priore (1999) ao narrar a *História das Crianças no Brasil* no qual já na introdução do livro menciona o destino de crianças que em dada época foram prisioneiras da escola, da Igreja, da legislação, do sistema econômico e em outro momento aprisionadas por instituições como a FEBEM para trabalharem muitas vezes bem mais do que os adultos. Dessa maneira, a ideologia que marca e denuncia o tratamento despendido às crianças e em especial para a criança afro-brasileira na época da Colônia Isabel, justifica a necessidade que o artigo apresenta em reiterar um discurso do que já está posto, mas que serve de argumento para ações como o NE.

Outro fator a ser considerado para o tempo histórico em que a Colônia Santa Isabel está inserida são os dados do primeiro e único censo que ocorreu no Brasil Império, encomendado em 1872 com seus resultados publicados somente em 1876. O professor da USP Hélio de Seixas Guimarães (2008) afirma que o censo apontava que apenas 16% dos brasileiros eram alfabetizados na época, além disso, os dados do censo ainda mostravam que 12 mil pessoas estavam inseridas no ensino secundário e o país tinha somente oito mil bacharéis, o que para 10 milhões de habitantes não era significativo. Ainda segundo Guimarães (2008) Machado de Assis escreveu uma crônica sobre o censo criticando o fato da maior parte da população estar privada de qualquer aproximação com a palavra escrita.

---

<sup>29</sup> Adlene Arantes discute a questão do vigiar e punir discutida por Foucault (1987) nos espaços escolares e tece reflexões acerca da forma com a qual os afro-brasileiros estavam atravessando o processo de escolarização.

Assim, para o contexto da época, o artigo inaugura um detalhamento acerca da educação para afro-brasileiros que até a época da publicação do artigo estava encerrado nos documentos oficiais. Desse modo, a busca por espaço na versão da história oficial da educação brasileira faz com que o artigo mostre através dos documentos considerados oficiais que a população afro-brasileira estava envolvida no processo educacional assim como tantos outros brasileiros, e para além disso, como demonstra o censo, em muitos aspectos olhando para a Colônia Orfanológica Isabel de Pernambuco, a população afro-brasileira estava em condições mais favorecidas do que muitos outros brasileiros do final do século XIX como o artigo verifica demonstrando que a Colônia “não era só um espaço de recolhimento e assistencialismo” (Arantes, 2005, p.26).

Como as próprias entrevistas de Marcus Vinicius Fonseca (28/05/2013), Itacir Marques da Luz (05/06/2013) e Ana Toni (03/07/2013) registraram, no final dos anos 90 começou-se a falar sobre ações afirmativas e o NE vem justamente no movimento de provar a necessidade histórica de ações como para a população afro-brasileira. Nesse sentido justifica-se o olhar de Adlene Arantes em perceber e estabelecer relações mais intensas com universo da população afro-brasileira, mesmo assim o artigo aponta no espaço institucional da Colônia a existência de crianças negras (ingênuas, libertas e pardas) e crianças brancas. Corroborando com o censo de 1872, o artigo afirma que a Colônia Isabel foi “importante para a sociedade da época por ser um espaço de educação e instrução em que escolas primárias ainda estavam se estruturando e por isso não absorviam grande parte das crianças das camadas populares na época” (Arantes, 2005, p.26). Neste trecho a expressão “e por isso” não encerra todas as questões sociais, culturais e políticas que estavam em questão na absorção das crianças das camadas populares da época, porém o artigo não desconsidera a questão do contexto da época.

O artigo também aborda a questão das crianças da Colônia Isabel receberem uma educação profissional e agrícola. Desse modo, esta informação está inserida no discurso da profissionalização das camadas populares, como Ciavatta (2010) discute na obra intitulada *Celso Suckow da Fonseca sobre a História do ensino industrial no Brasil*. Ciavatta (2010, p.48) afirma que o engenheiro e educador

Celso Suckow da Fonseca “descrevia e criticava processos discriminadores da formação da sociedade brasileira, as diferenças de classe e de etnia, o desprezo pelo trabalho manual e sua destinação aos escravos, aos negros e aos pobres”. Mais adiante, Ciavatta (2010, p.79) relembra ao leitor a inclusão do artigo 254 no Projeto de Constituição para o Império do Brasil, tecendo comentários.

Art. 254 – Terá igualmente cuidado de criar estabelecimentos para a catequese e civilização dos índios, emancipação dos índios, emancipação dos negros e sua educação religiosa e industrial’. Assim, nos primórdios de nossa independência, continuava o espírito dos legisladores a destinar aos negros a educação industrial.

Destarte, a denúncia da educação reservada aos afro-brasileiros no período do Brasil Império e confirmação da necessidade de ações como NE além de elaborar outras versões para o discurso oficial da história, motiva pesquisadores afro-brasileiros a ocuparem seus espaços na prática social do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão. Van Dijk (1993, p.161) discute a questão da pesquisa, reprodução de ideias e hegemonia abrindo o questionamento:

Em outras palavras, quais são as contribuições dos intelectuais e das bolsas de estudo na reprodução da hegemonia branca ocidental relacionadas aos países e pessoas do sul? Na verdade, como a ciência apoia a existência da dominação cultural, econômica e do poder político, e militar tanto no próprio país como internacionalmente? Mais especificamente, como os intelectuais representam outras raças ou pessoas e seus julgamentos sobre as relações interétnicas e internacionais, servem para manter a hegemonia?

O texto do artigo ao discutir a questão do ensino profissional amplia a discussão dos percursos históricos da educação profissional no Brasil e conduz o leitor a pensar sobre o NE e a questão da pesquisa sobre afro-brasileiros e principalmente, a pesquisa no espaço acadêmico ou não, desenvolvida por afro-brasileiros.

Além disso, a entrevista de Marcus Vinicius Fonseca (28/05/2013) também se posiciona em relação a esta discussão quando afirma que

como historicamente os sujeitos que ocupam as cadeiras dos docentes nas universidades não estão interessados em produzir

conhecimento sobre essa parcela da população, ou você muda o quadro docente, deixa ele mais heterogêneo ou então esse tipo de pesquisa, esse tipo de produção do conhecimento, esse tipo de ensino, essas coisas também não vão mudar. Porque os agentes produtores do conhecimento continuam os mesmos. Então nesse sentido que eu acho que o *Negro e Educação* é positivo, como vem acontecendo agora com a recente política de afirmação na pós. Programas de preparação, financiados pela Ford, para preparar o pessoal para se candidatar ao mestrado, tem sido feito em vários lugares do Brasil. São cursos preparatórios financiados basicamente com recursos da Ford para durante um período, você se submete a uma seleção e se for selecionado você recebe uma bolsa, que é pequena, mas daí você tem um conjunto de aulas que envolvem desde metodologia científica, discussões teóricas sobre esse tema para o desenvolvimento de projetos candidatos ao mestrado. Qual o objetivo desse tipo de programa? É aumentar a quantidade de negros e de pesquisadores sobre o tema étnico-racial na pós-graduação *stricto sensu*, porque ainda é muito baixo.

Nesse sentido, Adlene Arantes, autora-pesquisadora defendeu em 2010 sua tese sobre história da educação dos afro-brasileiros, pesquisa sobre o tema e é professora efetiva da Universidade de Pernambuco (UPE) desde 2007.

Outro assunto discutido em seu artigo foi o destino das crianças da Colônia Isabel de Pernambuco que indica a Marinha ou o Exército para aqueles considerados “incorrigíveis que não tivessem parentes ou tutores para impedir que isso ocorresse” (Arantes, 2005, p.26). Além disso, o artigo também discute a nomenclatura que na época se dava à pigmentação da pele. Quanto a esses dois elementos discutidos no artigo Almeida (2006, p.76) informa que,

no início do século, instituições como a Marinha contavam com grande participação de negros e mestiços. Na primeira iniciativa de identificação, com a criação do Gabinete de Identificação da Marinha em 1908, consta que 71% dos identificados como soldados navais naquele ano eram classificados como negros ou pardos, havendo 27% de brancos, dentre os quais brancos “claros” ou “corados”. Essas identificações não eram fixas, no entanto. Um mesmo indivíduo identificado duas vezes, em 1908 e 1912, poderia passar de “negro” para “pardo” ou “moreno”, ou vice-versa, de acordo com os critérios do classificador do dia. Da mesma forma, dentre os brancos, alguns soldados poderiam ser identificados como “branco corado” ou “moreno corado”. A categoria “mulato” não aparece citada. Isso indica que a questão da cor não era assim tão fácil de ser identificada no Brasil do início do século XX.

Logo, o discurso sobre a educação profissional e espaços como as forças armadas para cidadãos afro-brasileiros perpassou o artigo como centralidade, o que leva à reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem dos afro-brasileiros no final do século XIX. Nesse sentido, outra experiência ligada ao ensino-aprendizagem, mas em espaço não formal de ensino aconteceu no artigo escrito por Itacir Marques da Luz, o próximo artigo a ser analisado.

### **3.3. Análise do artigo “Compassos Letrados: Profissionais Negros Entre a Instrução e o Ofício em Pernambuco (1830-1860)”**

O autor-pesquisador, Itacir Marques da Luz, é o sujeito social que pesquisa e discute a história da educação dos afro-brasileiros no Livro 4 do NE. O título do artigo é “Compassos Letrados: Profissionais Negros Entre a Instrução e o Ofício em Pernambuco (1830-1860)”. Esse artigo desperta o discurso que mostra associações entre o ensino noturno que era feito em casa e o esforço de afro-brasileiros com a leitura e escrita para garantirem um espaço de trabalho em meio à competição da época. Itacir Marques da Luz preocupa-se em mostrar que embora as ideias hegemonicamente construídas acerca dos afro-brasileiros os posicionassem em local de trabalho e distanciados do conhecimento intelectual, outras versões são possíveis para a história da educação dos afro-brasileiros, versões como essa discutida no artigo.

Itacir Marques da Luz discute a questão do sujeito social afro-brasileiro como símbolo de inteligência e detentor de estratégias complexas para acessar o mundo das letras em um contexto que propicia(va) condições desiguais. Como afirma em seu artigo

Além de discutir os processos de distinção e exclusão que pesam sobre esse grupo social no campo educativo, interessam também suas ações e expressões, agora ou em outra época, para reivindicar ou promover a própria educação, de maneira a se afirmar como sujeito e agente transformador do contexto em que está inserido (LUZ, 2008, p.56).

Nesse sentido, o autor analisa o Liceu de Artes e Ofícios: a sociedade dos artistas e mecânicos e liberais de Pernambuco por meio de documentos referentes à instituição, apresenta a dificuldade de encontrar uma linha de condução nos registros documentais, uma vez que hegemonicamente a história encontra-se alicerçada em outras vozes, outras fontes documentais que não relacionam o que as camadas populares tinham a dizer. O artigo cruza informações com documentos oficiais da Província para verificar o que apresentam de similaridade e diferença.

Esse movimento que o texto do artigo define conduz a uma tentativa de dialogar com uma versão oficial da história da educação de afro-brasileiros que já está posta e hegemonicamente aceita e sedimentada. O autor discorda dessa versão e demonstra através da pesquisa vinculada ao NE, outro momento histórico no Brasil para as discussões da educação dos afro-brasileiros e outro ponto de vista. Ana Toni (03/07/2013) ao falar sobre a importância do início das discussões sobre ações afirmativas considera que

também criou uma rede muito forte de pesquisadores através do *Negro e Educação*. E até hoje eu encontro pessoas que foram parte desse programa em posições muito importantes, então mostra que ter proporcionado não só o programa de dotação para uma bolsa para esses pesquisadores, mas talvez a coisa mais importante foi a rede que foi formada entre eles e a discussão. Vamos lembrar, isso foi muito no começo, o Brasil não discutia ação afirmativa naquele momento, não havia essa discussão pública, esse debate público no Brasil, então nesse sentido o programa foi muito inovador, ele precedeu a discussão pública brasileira sobre o tema relações raciais e negros pesquisadores na universidade, ele precedeu tudo isso. Então quando as ações afirmativas começaram de uma maneira muito mais forte isso já em 97, 98... Havia um grupo que havia discutido isso, um grupo de pesquisadores negros que havia discutido isso, que estavam discutindo esse tema: negro, educação e relações raciais já há bastante tempo, 5 anos que demorou o programa junto, neste sentido eu acho que o programa foi muitíssimo inovador, acho que abriu para milhões de coisas, essas pessoas se tornaram fundamentais depois de uma discussão mais pública sobre ação afirmativa no Brasil.

A entrevistada destacou o significado da formação de uma rede de pesquisadores, sujeitos que estabelecem uma relação orgânica com os temas investigados, que tem trajetória de vida similar e que compartilharam um momento de formação que permitiu adensar ideias de pesquisa, criar dinâmicas de trocas,

possibilidades de diálogo sobre a temática e ocupação (como temática e como presença física) de espaços acadêmicos qualificados.

Apesar de o artigo mostrar a importância do autor-pesquisador levar em conta o contexto oitocentista e as implicações da compreensão do movimento da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais para aquela realidade, Itacir Marques da Luz ainda utiliza o discurso com o item lexical escravo, o que em não ocorre nos artigos de Fonseca (2001) e Arantes (2005), os quais utilizam a concepção semântica diferenciada passando a ser escrita como escravizado. Isso não diminui o valor da discussão, porém a reflexão quanto ao valor ideológico impregnado nessa palavra é considerável, uma vez que a intenção de NE é renovar os discursos ou pelo menos provocar novas versões para temas hegemonicamente consolidados.

Silva (2001, p.3) ao ser entrevistada pelo Jornal da Unicamp refere-se ao livro didático ao situá-lo na posição de escravo e não de escravizado. A autora na entrevista afirma que “parece que seria da natureza dos negros serem escravos. E não há esclarecimentos sobre isso”. Mais adiante Silva (2001) diz que no século XVI a África tinha ao menos três universidades e narra de modo a expressar o quanto “o conhecimento ancestral faz diferença nas concepções do sujeito, pois ao saber sobre universidades na África nesse tempo histórico, uma professora negra chorou”.

A reflexão sobre como questões dessa grandeza naturalizam-se até mesmo em eventos como o NE mostram como discursos hegemônicos estão impregnados no imaginário e nas concepções de todos, até mesmo daqueles que tencionam outros olhares para as versões da história e discursos vigentes.

Itacir Marques da Luz opta por dar centralidade ao discurso de Izídio de Santa Clara, pernambucano de cor parda que sabia ler e escrever, e ao ter esse conhecimento ensina aos colegas de trabalho as primeiras letras no período noturno. Ao escolher esse sujeito formula hipóteses sobre possíveis formas de escolarização dos afro-brasileiros adultos daquela associação da época a partir dessa única pessoa. Ainda que no texto Luz (2008) o autor-pesquisador justifique a impossibilidade de aprofundar informações sobre outros membros da associação,

muito embora o discurso seja consistente, permanece a lacuna do traçado do perfil de pelo menos alguns outros trabalhadores da associação<sup>30</sup>.

Luz (2009, p.59) em seu artigo afirma que,

De acordo com alguns relatos existentes sobre a origem do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco, a própria Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais teria surgido dessa maneira, ou seja, um pequeno grupo de carpinteiros que trabalhavam juntos numa obra de um dos bairros próximos ao centro do Recife organizou, em 1836, uma associação que atendesse aos interesses dos profissionais dos ofícios mecânicos que atuavam na cidade, tomando como eixo central o campo educacional. Tal idéia teria partido de um dos membros do grupo, que posteriormente se tornaria o primeiro diretor da associação, o carpinteiro Izídio de Santa Clara. Graças ao seu suposto hábito de ler em voz alta no trabalho, ele despertou o interesse dos seus companheiros para o aprendizado da leitura e da escrita, o que se efetivou quando eles aceitaram o convite para participar das aulas de primeiras letras que Santa Clara ministrava todas as noites em sua casa.

A relação estabelecida entre a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais e a Irmandade de São José do Ribamar é demonstrada em Luz (2008) pelas relações profissionais e necessidades sociais dos afro-brasileiros em reunirem-se como grupo e angariarem força política para organizarem manifestações além de outras ações beneficiando os membros e demais agregados. Desse modo, Itacir Marques da Luz reúne elementos para destacar essa relação com o recurso da estilística para envolver o afro-brasileiro frequentador da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais e da Irmandade em cenário de religião e profissão como arte quando expressa a denominação que estes profissionais recebiam: “artistas do compasso”, o que retorna ao imaginário como processo de escolarização e valorização profissional e pessoal dos afro-brasileiros envolvidos nesta associação e instituição religiosa.

As artes também são destacadas por Luz (2008) no momento de associar instrução e ofício, enfocando geometria e mecânica adaptadas às artes. Nesse sentido, o profissional ao ser relacionado às artes é posicionado em local de

---

<sup>30</sup> Luz (2008) ao buscar a fonte de Izídio de Santa Clara nos livros de matrículas de sócios da associação encontra vários associados, porém Izídio de Santa Clara aparece em outras fontes históricas sobre o Liceu.

destaque e quando o autor apresenta o problema social do ingresso de trabalhadores estrangeiros e a disputa pelo espaço profissional. O que é visto é que os afro-brasileiros artistas já se encontravam no espaço artístico do Recife nesse período. Para esta questão a sequência das sentenças favorece outro tipo de controle sobre o artigo, um controle que demarca a empatia ao afro-brasileiro e suas estratégias de resistência na Recife oitocentista.

Luz (2008) também faz menção à Revolta dos Malês para reforçar o domínio das letras dos afro-brasileiros na Bahia, o que exige do leitor a acessibilidade ao contexto social e cultural dos malês. Os malês eram muçulmanos, em sua maioria africanos escravizados, que forçados a saírem de seus países foram coagidos a viverem em terras brasileiras. Van Dijk (1977) faz referência ao contexto como cenário que possibilita aos sujeitos compreenderem ou resistirem aos discursos que lhes são apresentados. Mais uma vez o artigo utiliza a resistência como suporte para valorizar os esforços dos afro-brasileiros para conquistarem espaços sociais e culturais nas letras e nas profissões.

O sujeito Itacir Marques da Luz (05/06/2013) apresenta como atua em seu campo de estudo.

Então até pouco tempo eu era o único pesquisador negro do GEPHE e o único com projeto sobre a temática da história da educação do negro no Brasil. Então é basicamente essa a minha trajetória do *Negro e Educação* para cá, quer dizer, desde aquela época até aqui tem sido essa a experiência com o *Negro e Educação* que me constituiu como pesquisador e que tem me ajudado, ou me sinalizado nos caminhos que eu tenho tomado até agora. Eu tenho sido consultor dessas questões em algumas coisas sobre história da educação, eu sou um dos membros fundadores do NEAB aqui da UFPE, colaborador do NEAB da Federal Rural de Pernambuco também, participo de algumas mesas redondas quando, por exemplo: Agora, ontem eu estava na reunião para discussão com o Conselho Municipal de Igualdade Racial para organização do Congresso Municipal, do Seminário Municipal e Estadual de Igualdade Racial que vai ser agora em agosto e setembro e que também vão ser etapas anteriores para a ida do pessoal daqui pro Nacional que vai ser em novembro. Então ontem eu estava na reunião como representante do NEAB da UFPE, daí nosso papel entre outras coisas é de consultor sobre algumas questões, eles vêm consultando a gente sobre diversos aspectos, seja de religiosidade até políticas de ação afirmativa e etc. No meu caso, particularmente, porque eu faço uma discussão pouco comum, eu faço uma discussão sobre essa experiência educativa da população negra num

período pouco comum para essa discussão, porque do século XIX para trás é pouco comum e eu faço isso num aspecto não escolar, pelo menos o não estatal. Porque naquela discussão que você viu no *Negro e Educação*, o foco está na organização social e não exatamente na construção do espaço escolar e é o que a associação faz no final do século XIX quando cria o Liceu de Artes e Ofícios, só que eu não estava interessado na instituição, eu estava interessado no movimento social. Então esse tipo de discussão é pouco comum no Brasil todo, e aí envolve também uma discussão que é mais comum na área de história *stricto sensu* do que em história da educação como um objeto de pesquisa. Porque eu trabalho também entrelaçado com a questão das irmandades negras e aí é por isso que meu projeto de doutorado tem a ver com essa discussão. É uma discussão sobre esses espaços, mas não sobre escola. Mas eu continuo no mesmo período topando com o mesmo desafio, é mais difícil mas se conseguir localizar alguma coisa, a contribuição é muito grande.

Destarte Itacir Marques da Luz está bastante envolvido nas discussões e práticas referentes às questões afro-brasileiras nos espaços acadêmicos e sociais em geral, o que demonstra um elo atuante que saiu do NE. Um dos fatores que aponta é de ter sido o único negro no grupo de pesquisa em que estava, e, além disso, trabalhando com a história da educação do negro no Brasil. O egresso também discute a necessidade de profissionais que atuem nessa área já que é frequentemente solicitado para acompanhar grupos que necessitam de apoio na temática. O que ainda se destaca nesse trecho da entrevista de Itacir Marques da Luz é seu interesse em torno dos Movimentos Sociais e seu envolvimento com a escolarização dos afro-brasileiros. Nesse sentido, esse autor-pesquisador lidera e faz parte de um grupo de pesquisadores ainda incipientes, mas que como afirma “pode fazer a sua parte nessa linha de pesquisa” (Itacir Marques da Luz, 05/06/2013).

#### **3.4. Análise do artigo “A Escola Primária da Frente Negra Brasileira em São Paulo (1931-1937)”**

Outra pesquisadora que continua trabalhando com as questões étnicas e ainda traz marcas do NE é a de Márcia Luíza Pires de Araújo, pesquisadora que

trouxe para o NE 4 o discurso da história da educação do afro-brasileiro através da pesquisa “A Escola Primária da Frente Negra Brasileira em São Paulo (1931-1937)”, que foi um registro sobre a Escola Primária da Frente Negra Brasileira na cidade de São Paulo, momento em que o movimento escola novista se instaurava no Brasil e que na história oficial da educação brasileira este tipo de experiência educacional não estava visibilizada. Por isso, a investigação da autora-pesquisadora através de fontes como o jornal *A Voz da Raça*, *O Estado de São Paulo* e Diário Oficial do Estado de São Paulo possibilitaram o acesso a um momento de nossa história que demonstra as preocupações com a coletividade afro-brasileira e ações concretas da Frente Negra Brasileira (FNB) face ao processo educacional dos afro-brasileiros.

O fato do uso de fontes como jornais e documentos oficiais apresenta o cuidado da pesquisadora em lidar com possíveis informações tratadas para determinados grupos sociais e culturais, nesse caso Márcia Luíza Pires de Araújo atenta para Jacques Le Goff para refletir sobre o papel do historiador junto aos documentos, lacunas e silêncios apresentados por eles. Nesse sentido, Van Dijk (2008a, p.237) percebe que a “manipulação exercida por jornalistas ou professores é uma das práticas sociais discursivas de grupos dominantes que servem para a reprodução do seu poder”. Assim, utilizando de fontes elaboradas por grupos dominantes Márcia Luíza Pires de Araújo se apodera do discurso elaborado nesses documentos, faz o tratamento dos dados através do filtro que fala da história vista de baixo, contribuição da voz do teórico Peter Burke (1992), para nutrir uma memória afro-brasileira escolar sedenta por outras versões da história.

Um dos problemas levantados na pesquisa realizada em Araújo (2008) é a falta de sistematização dos arquivos escolares da cidade de São Paulo nos anos 30. A autora observa que historicamente a educação brasileira nesse período foi marcada pelo crescimento do número de escolas públicas e privadas. O que nos chama atenção é o uso da palavra ‘especialmente’ (Araújo, 2008, p.41) quando Márcia Pires de Araújo refere-se à falta de sistematização daqueles arquivos escolares relacionados à escolarização de crianças afro-brasileiras. O questionamento que aventamos é o que leva Araújo (2008) à consideração sobre a

diferença entre a sistematização escolar de 30 do município de São Paulo como um todo e dos documentos relacionados à escolarização das crianças afro-brasileiras?

Discursivamente como está em ambiente científico a palavra empregada sem o uso de dados que evidenciem esta escolha lexical mostra da autora uma crença pré-concebida de que o material relacionado aos afro-brasileiros está em condições menos favoráveis, o que pode ser uma conclusão um pouco precipitada e reproduz a ideologia vigente que de modo geral não insere as versões contadas por outros sujeitos que não aqueles que escrevem as versões oficiais.

Em outro momento do texto a voz do advogado Milton Santos, reconhecido internacionalmente por sua contribuição na área da geografia, é evocada para refletir sobre as questões de ocupação dos espaços no município de São Paulo do século XIX para o século XX. Nesse sentido a evocação da mostra a opção por uma voz respeitada de um afro brasileiro para discutir a criação de uma escola a partir da FNB e o espaço em que ocorreram as discussões e a concretização das aulas propriamente ditas no período de 1931 até 1937.

Destarte, outro aspecto que envolve a discussão e traz mais dados para o texto é o marco da localização geográfica dos afro-brasileiros no município de São Paulo no fim do século XIX. Márcia Luíza Pires de Araújo traz a voz de Milton Santos para justificar a questão da divisão do território, da urbanização e métodos eugênicos empregados no município na época em questão. Nesta realidade em que a disputa por acesso à escolarização e mercado de trabalho envolve além dos afro-brasileiros outros grupos étnicos, Araújo (2008) apresenta a inserção da escola da FNB como suporte educacional, cultural e da identidade afro-brasileira em momento histórico em que outras escolas relacionadas à diversas nacionalidades eram instituídas para fortalecerem a identidade, cultura e condições escolares.

Para refletirmos ações como essas da escola da FNB podemos adentrar no universo teórico de Stuart Hall e observarmos o conceito de identidade cultural que aprofunda a necessidade e importância da criação de ações como essas na historiografia escolar afro-brasileira. Para o autor,

identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formação históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um 'posicionamento', ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades (HALL, 2003, p.433).

Desse modo, ao pensarmos uma escola como a escola primária da FNB percebemos a necessidade de um espaço que promova reflexão e discussão a partir da história dos afro-brasileiros com objetivo de fortalecer e preparar esse cidadão nas questões culturais, escolares e políticas em um contexto repleto de situações complexas para os afro-brasileiros. O texto do artigo de Araújo (2008) identifica outras escolas para afro-brasileiros na década de 1910: Escola da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e outra fundada e mantida por um afro-brasileiro. Esta inserção, apesar de pouco numerosa, dá indícios de ações até então invisibilizadas para a historiografia escolar brasileira.

Outro aspecto que Márcia Luíza Pires de Araújo denuncia é a questão da falta de visão dos governantes no tocante à abolição e ao processo de escolarização 'do elemento negro' no momento que deseja referir-se aos afro-brasileiros, porém ao usar a expressão "elemento negro" (Araújo, 2008, p.44) despersonaliza a relação do afro-brasileiro enquanto sujeito de sua história. Esse termo está presente em outros autores que discutem a questão, fato que demonstra a impregnação ideológica e despersonalização dos afro-brasileiros em discursos correntes.

Ao especificar aspectos da escola primária da FNB no artigo, a autora demonstra a importância da leitura na escola evocando o valor da biblioteca e destacando os materiais que bibliográficos que eram consultados por estes estudantes. Araújo (2008, p.52) destaca um livro bastante indicado pelo bibliotecário da escola: 'Antônio Bento e a abolição', obra relacionada no artigo como significativa para valorar a ancestralidade e o (re)conhecimento da história dos antepassados. Nesse sentido, Silva (2011, p. 24) faz uma retrospectiva de sua vida de estudante e ao falar sobre o livro 'Seleta em Prosa e Verso' do autor Clemente Pinto, evoca suas avós para lembrar que elas se valeram do mesmo material bibliográfico. Silva (2011,

p.24) declara “Minha avó materna e paterna também estudaram na Seleta, o que era raridade entre mulheres negras nascidas lá nos anos 1880. Estudar no mesmo livro que minhas avós, sempre me orgulhou”. Desta feita, Silva (2011) corrobora com Araújo (2008) ao enfatizar a importância da ancestralidade como base para a afirmação da identidade afrodescendente no que se refere às alunas (os) da escola primária da FNB.

Utilizando quase um trocadilho Fonseca (2008, p.53) afirma que a pesquisa elaborada não quer “construir uma história específica do negro, mas perceber como o negro participou da história da cidade”. Nesse sentido, os estudos críticos do discurso ao lançar um olhar mais atento a partir da ADC aos quatro artigos sobre história da educação, não quis construir uma única versão das análises propostas, mas abrir uma possibilidade interpretativa. Pois como afirma Certeau (1982, p.53),

a história se refere a um *fazer* que não é apenas o seu ("fazer história"), mas aquele da sociedade que especifica uma produção científica. Se ela permite a um agir comum dar-se uma linguagem técnica própria, remete a esta práxis social como àquilo que torna possíveis os textos organizados por uma nova inteligibilidade do passado.

Assim, na intenção de refletir sobre a práxis social que os candidatos selecionados no NE desenvolveram na academia e em outros espaços sociais, deixamos a leitora e o leitor com a fala de Márcia Pires de Araújo (05/06/2013) na qual demarca o percurso profissional e o significados que o NE teve na educação afirmando que

na última década ele foi um dos principais programas de ação afirmativa no que se refere ao ensino superior e ao programa de formação de pesquisadores no Brasil. O retrato dessa positividade do Negro e Educação está no que se deu com os egressos, muitos deles são doutorandos, a maioria são doutores ou doutorandos, professores e pesquisadores permanentes da temática, orientam outros trabalhos sobre esse tema, então eu acho que ele foi um programa, entre os programas de ação afirmativa que houve, voltados para universidade, para o ensino superior e para formação de pesquisadores, eu acho que foi fundamental. Uma coisa importante no Negro e Educação é que era um Concurso de dotação de pesquisa, então veja, era um Concurso voltado para uma temática

específica, mas que tinha um nível de exigência muito grande, o que mostra que além de contemplar uma demanda social que sempre existiu, ou que já existe há muito tempo, ele contribuiu também para manter a qualidade da formação e da produção dos pesquisadores das universidades brasileiras.

Nesse sentido, buscamos encontrar os egressos das quatro edições do NE nas instâncias de ensino, pesquisa e extensão registradas na plataforma lattes ou em outros sítios e/ou documentos. Dessa forma, nos encaminhamos para o capítulo IV em que teremos a dimensão do alcance das práticas sociais desses sujeitos.

## **CAPÍTULO IV – PRÁTICA SOCIAL – O TRIPÉ ‘ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO’ DOS EGRESSOS DO CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO**

Sigo professora do PPGEDUC e, tanto na História da Educação como nos estudos sobre relações raciais no Brasil, estamos sempre diante de um duplo desafio: aprofundar os estudos para o entendimento dos processos de exclusão na sociedade brasileira; bem como na aproximação das causas históricas desses processos. Sob a nossa responsabilidade direta, nestes 12 anos, já formaram-se mais de 20 mestres e agora inicia-se a formação de doutores: este ano saem as duas primeiras doutoras do grupo. É uma alegria ver, a cada ano, o brilho no olhar dos que chegam, bem como, e de que modo daqueles que vão concluindo seus cursos.

(Jaci Menezes, 11/08/2013).

Fairclough (1989, p.26) ao conceber linguagem como discurso e prática social, percebe relações entre eles não só como análise de textos ou processos de produção e interpretação textual, mas como a interconexão entre os textos, interações e contexto no qual os discursos são elaborados. No capítulo 4 queremos demonstrar as interações e a prática social dos egressos do NE no ambiente acadêmico.

Nesse sentido é interessante nos reportarmos à capa dessa dissertação onde apresentamos capas de obras publicadas por egressos do NE, além das capas dos livros elaborados e publicados como resultado das edições do NE. Reunimos capas dos livros infanto-juvenis da egressa do NE1 Patrícia Santana: Entremeio sem babado; Cheirinho de neném; Minha mãe é negra sim (que além da capa mostramos uma imagem de uma página do livro); também agregamos capas de livros de Marcus Vinícius Fonseca, egresso do NE1 cujos títulos são: Relações étnico-raciais e Educação no Brasil; População negra e Educação: o perfil racial das escolas mineiras no século XIX, além de apresentarmos obras organizadas em que mais de um egresso colaborou.

Assim, percebemos a relação concreta entre a prática desses egressos e o discurso por eles proferido. Dessa forma é importante nos lembrarmos que historicamente com a Lei 5540, de 1968, ocorreu a Reforma Universitária, que trouxe um novo conceito ao ensino superior, introduzindo o tripé: ensino, pesquisa e

extensão como componentes indissociáveis. Assim, ao relacionarmos a prática social e o ambiente acadêmico incluímos esses pesquisadores em um grupo chamado por Van Dijk (2008a) de elite simbólica, que tem na expressão grupos de professores, acadêmicos, jornalistas, escritores, artistas, diretores, entre outros, que têm certa liberdade, e por isso, poder para acionar determinados discursos nos espaços de influência. O autor também afirma que esse poder simbólico

não se limita à articulação em si, mas também inclui o modo de influência: eles podem determinar a agenda de discussão pública, influenciar a relevância dos tópicos, controlar a quantidade e o tipo de informação, especialmente quanto a quem deve ganhar destaque publicamente e de que forma. Eles são fabricantes de conhecimento, dos padrões morais, das crenças, das atitudes, das normas, das ideologias e dos valores públicos (VAN DIJK 2008, p.45).

Nesse sentido, as elites simbólicas formadas a partir do NE deram margem diversas práticas que levaram ao espaço acadêmico e civil debates e discussões na temática étnico-racial. Para esclarecer o conceito que fazemos do termo elite, tomamos o significado utilizado por Van Dijk (2008) que este “envolve o controle social exclusivo de um pequeno grupo”. O autor também acrescenta a este conceito o fato de que

ao lado das elites política, militar e econômica, as elites simbólicas desempenham um papel essencial ao dar sustentação ao aparato ideológico que permite o exercício e a manutenção do poder em nossas modernas sociedades da informação e da comunicação (VAN DIJK, 2008, p.46).

Assim, ao atentarmos para a prática social da elite simbólica que fez parte do NE verificamos de alguma forma, quais são as práticas sociais, não só dos egressos do NE que pesquisaram sobre o tema história da educação, mas também dos outros pesquisadores selecionados para as quatro edições do NE. Ao traçarmos as ações desses egressos realizamos uma busca na plataforma *lattes* e outros arquivos disponíveis. Para deixarmos as informações organizadas de forma didática elaboramos quadros<sup>31</sup> com as seguintes informações: nome da (o) candidata (o) selecionada (o), o curso de graduação, o título do artigo publicado ou não nos livros

---

<sup>31</sup> Os quadros foram elaborados nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2013.

elaborados pelo NE<sup>32</sup>, o curso de mestrado e doutorado<sup>33</sup> que a candidata (o) frequentou e a atuação profissional nos últimos anos até a atualidade. Os quadros estão organizados por afinidades de cursos de graduação, portanto não seguem ordem alfabética ou periódica. Assim, iniciamos a demonstração dos quadros e debates que surgem a partir desses.

#### 4.1 Ações em ensino, pesquisa e extensão dos egressos do NE 1

O NE 1 teve 172 projetos inscritos, destes dez foram selecionados. O quadro de NE 1 mostra as informações geradas sobre o destino dos egressos da primeira edição, ano 1999-2001.

**Quadro 2- Egressos NE 1**

NE 1	
Candidato 1	Eliete Aparecida de Godoy
FORMAÇÃO	
Graduação	Pedagogia
Artigo NE 1	NP – As relações étnico-raciais e o juízo moral
Mestrado	Mestrado em Educação pela Unicamp – A Representação Étnica por Crianças Pré-Escolares - Um Estudo de Caso à Luz da Teoria Piagetiana (1996).
Doutorado	Doutorado em Educação pela Unicamp – As Relações Étnico-raciais e o Juízo Moral no Contexto Escolar (2001).
ENSINO	Desde 2013 é professora bolsista Parfor da PUC-Campinas.
PESQUISA	Núcleo de Estudos e Pesquisa Raça/Etnia e Geração (NEPGREG).
EXTENSÃO	Gestão Participativa.
Candidato 2	Francy Rodrigues da Guia Nyamien
FORMAÇÃO	
Graduação	Pedagogia pela UFC
Artigo NE 1	NP – As representações dos docentes acerca da diversidade étnico-racial na escola.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFC – Ser negro nas vozes da escola (1999).
Doutoranda	Doutoranda em Educação pela UEM – Educação e diversidade étnico-

<sup>32</sup> Se o artigo não foi publicado o campo referente ao artigo do CNE recebe a sigla NP que significa “Não Publicado”, porém o título do artigo mesmo que não publicado é acrescentado através de dados obtidos pelo RNFF e dos arquivos pessoais de Sônia Maria dos Santos Marques.

<sup>33</sup> Caso a candidata (o) não tenha cursado mestrado ou doutorado acrescentamos o pontilhado ao campo devido (-----). Se a candidata (o) estiver ainda cursando doutorado o campo receberá o nome de doutoranda (o). Sempre que tivermos acesso ao ano de conclusão do curso de mestrado e doutorado o mesmo é informado ao final do campo preenchido entre parênteses.

	racial: construindo as teias de significados dos saberes e fazeres docente,
ENSINO	Desde 2001 é professora da UNIOESTE, PR.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 3</b>	<b>Fátima Machado Chaves</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	História pela UFMG
Artigo NE 1	NP – Os “quadros negros” de escolas públicas: trabalho e saúde do funcionário negro
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFF – O Trabalho de Serventes e Merendeiras de Escolas Públicas da Cidade do Rio de Janeiro (1998).
Doutorado	Doutorado em Saúde Pública pela FIOCRUZ – Vidas negras que se esvaem: Experiências de saúde das funcionárias escolares em situações de trabalho (2004).
ENSINO	Atualmente é docente de História no sistema de ensino municipal da cidade do Rio de Janeiro e professora tutora de educação à distância da UNIRIO.
PESQUISA	A docência do professor; PEPETELA: O pensamento político e social em um intelectual angolano;
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 4</b>	<b>Patricia Maria de Souza Santana</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	História pela UFMG
Artigo NE 1	Rompendo as barreiras do silêncio: projetos pedagógicos discutem as relações raciais em escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFMG – Professoras Negras, percursos de formação e de transformação (2003).
Doutoranda	Doutoranda em Educação pela UFMG – Modos de ser criança em uma comunidade quilombola de Minas Gerais - olhando o chão em que os/as meninos/as vivem.
ENSINO	Desde 2012 é professora da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.
PESQUISA	Modos de ser criança em uma comunidade quilombola de Minas Gerais olhando o chão em que as meninas e os meninos vivem.
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 5</b>	<b>Angela Ernestina Cardoso de Brito</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Serviço Social/ TCC – Nem preto nem branco: a ideologia do branqueamento e o medo de ser negro numa sociedade de contrastes.
Artigo NE 1	NP/ Famílias inter-étnicas e a educação informal dos filhos mestiços: perspectivas e dificuldades.
Mestrado	Mestrado em Educação UFSCAR – Educação de filhos em famílias inter-raciais (2003).
Doutoranda	Doutoranda em Política Social pela UFF – Tradição dos oprimidos? A velhice de negros catopês participantes da Festa de Agosto na cidade de Montes Claros/MG.
ENSINO	Desde 2007 é professora da UNIMONTES, MG.
PESQUISA	Tradição dos Oprimidos? Tradição dos velhos catopês quilombolas.
EXTENSÃO	Formação de Professores na Temática Cultura e Histórias dos Povos Indígenas.
<b>Candidato 6</b>	<b>Júlio Costa da Silva</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Ciências Sociais
Artigo NE 1	Raça e gênero na trajetória educacional de graduandas negras da Unicamp
Mestrado	Mestrado em História pela UNICAMP – A Exclusão do Negro no Ensino

	Superior Público: História Oral de graduandos Afro-Brasileiros da UNICAMP (2001).
Doutorado	-----
ENSINO	Desde 2002 seu <i>lattes</i> permanece desatualizado.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
Candidato 7	Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos
FORMAÇÃO	
Graduação	Economia
Artigo NE 1	NP – Desigualdade raciais e requerimentos de escolaridade no trabalho na região Metropolitana de Salvador.
Mestrado	Mestrado em Ciências Sociais pela UFBA – Desigualdades Ocupacionais entre brancos e negros na região metropolitana de Salvador (1987-1997) – (1998).
Doutorado	-----
ENSINO	Trabalha na Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia e na Faculdade Delta da Bahia (SEI). Desde 2007 seu <i>lattes</i> não é atualizado.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
Candidato 8	Marcus Vinícius Fonseca
FORMAÇÃO	
Graduação	Filosofia pela PUC-Minas
Artigo NE 1	As primeiras práticas com características escolares em relação aos negros no Brasil.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFMG – Concepções e Práticas educacionais em Relação aos Negros no Processo de Abolição do Trabalho Escravo no Brasil (1867-1889) – (2000).
Doutorado	Doutorado em Educação pela USP – Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX (2007).
ENSINO	Atua desde 2009 como professor da UFOP.
PESQUISA	Orientador no Curso de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Educação da UFOP; Sentidos e significados da escolarização para a população negra de Minas Gerais no século XIX.
EXTENSÃO	-----
Candidato 9	Maria Aparecida de Matos
FORMAÇÃO	
Graduação	Letras pela UFMT
Artigo NE 1	NP – Reminiscências africanas: se ligue erê no quariterê.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFMT – Grucon Ação Pedagógica Valandi ou Chilingú? (1999).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFC - Educação Literária e a Formação de Consciência Negra no ensino fundamental I e II (2004).
ENSINO	Desde 2008 é professora efetivo da UFT. Desde 2012 não atualiza seu <i>lattes</i> .
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
Candidato 10	Cristiana Vianna Veras
FORMAÇÃO	
Graduação	Direito
Artigo NE 1	Estudantes negros e a transformação das faculdades de direito em escolas de justiça: a busca por uma maior igualdade

Mestrado	Mestrado em Direito na França – Les conventions d'éducation prioritaire pour l'accès à l'Institut d'Études Politiques de Paris: un exemple de discrimination positive <sup>34</sup> na Universidade de Paris X- Nanterre (2004).
Doutoranda	Doutoranda em Sociologia e Direito pela UFF – A mediação no campo do Direito: sua regulação pelo conselho nacional de justiça e suas práticas nos centros judicial e pré-processual do tribunal de justiça do estado do Rio de Janeiro
ENSINO	Desde 2011 é professora assistente na UFF.
PESQUISA	Mapeamento da mediação de conflitos.
EXTENSÃO	Cajuff Oriximiná; Mediação Extrajudicial; Mediação e Conciliação no Cajuff;

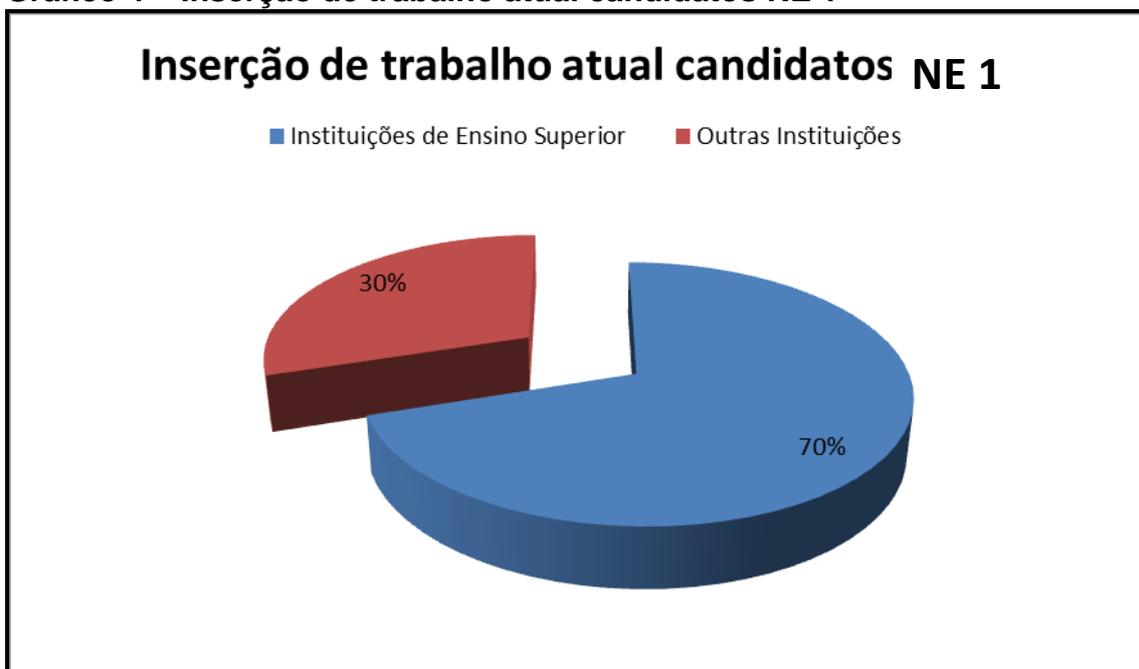
Fonte: A autora, 2014.

Terminando a relação dos participantes da primeira edição do NE é possível avaliar que a situação dos vários selecionados são bastante diferenciadas. Quanto à formação, temos duas candidatas com graduação em Pedagogia e duas em História, os demais candidatos apresentam formação em Ciências Sociais, Economia, Letras, Direito e Filosofia.

Dentre os dez candidatos, temos oito que desenvolvem suas práticas em espaços universitários, três cursam o doutorado. O candidato 8, que teve seu artigo publicado e analisado nessa dissertação, orienta no curso de pós-graduação *stricto sensu* em educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A candidata 10 desenvolve atividade de extensão de assistência jurídica gratuita à população ribeirinha, quilombolas e indígena do município de Oriximiná, Pará, o que mostra uma relação entre seus textos e a interação entre esses e o contexto que a circunda fazendo dessa uma prática social coerente com a pesquisa realizada. O gráfico abaixo demonstra que 70% dos candidatos selecionados atualmente estão inseridos em instituições de ensino superior em seu campo de trabalho.

<sup>34</sup> Políticas de educação prioritária para o acesso ao Instituto de Estudos Políticos de Paris: um exemplo de discriminação positiva.

**Gráfico 4 – Inserção de trabalho atual candidatos NE 1**



Fonte: A autora, 2014.

Para tanto, notamos que os candidatos trabalham em instituições de ensino superior é significativo, além disso atuam com a questão étnico-racial nas mais diversas áreas do conhecimento científico e utilizam do poder simbólico para em seus espaços desenvolverem suas práticas enraizada em dinâmicas de participação social. Na sequência verificamos as ações dos egressos do NE 2.

## 4.2 Ações em ensino, pesquisa e extensão dos egressos do NE 2

A segunda edição do NE teve 15 candidatos selecionados, dos quais 13 tiveram seus artigos publicados no livro do II NE<sup>35</sup>.

**Quadro 3 – Egressos NE 2**

NE 2	
<b>Candidato 1</b>	<b>Ana Beatriz Sousa Gomes</b>
FORMAÇÃO	
Graduação	Pedagogia
Artigo NE 2	NP – O movimento negro e a educação escolar: estratégia de luta contra o racismo.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFPI – A Prática Pedagógica Curricular e os alunos negros: um estudo de caso numa escola pública em Teresina (2000).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFC – A Pedagogia do Movimento Negro em Instituições de Ensino em Teresina, Piauí: as experiências do NEAB IFARADÁ e do Centro Afrocultural "Coisa de Nêgo" (2007).
ENSINO	Desde 2007 é assessora pedagógica do CEAD da UFPI.
PESQUISA	A Lei Nº. 10.639/2003 e a Formação Continuada de Profissionais da Educação Básica na UFPI;
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 2</b>	<b>Delcele Mascarenhas Queiroz</b>
FORMAÇÃO	
Graduação	Pedagogia
Artigo NE 2	O vestibular e as desigualdades raciais.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFBA – Mulher Negra: trabalho e educação (1996).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFBA – Raça Gênero e educação superior (2001).
ENSINO	Professora da UNEB desde 2008.
PESQUISA	Orientadora do Programa de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Educação e Contemporaneidade, mestrado e doutorado da UNEB; Raça, Educação Superior e Mercado de Trabalho: Para onde vão os cotistas?; RAÇA e EDUCAÇÃO: mapeando as desigualdades raciais e acompanhando as ações afirmativas
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 3</b>	<b>Maria Clareth Gonçalves Reis</b>
FORMAÇÃO	
Graduação	Pedagogia e Letras.
Artigo NE 2	Escola e contexto social: um estudo de processos de construção de identidade racial numa comunidade remanescente de quilombo.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFJF – Escola e contexto social: Um estudo de processos de construção de identidade racial em uma comunidade remanescente de quilombo (2003).
Doutorado	Doutorado pela UFF – Mulheres negras e professoras no ensino superior: as histórias de vida que as constituíram (2008).

<sup>35</sup> Não tivemos acesso ao relatório narrativo da Fundação Ford desta edição, mas contamos com os documentos do arquivo particular de Sônia Maria dos Santos Marques.

ENSINO	Desde 2011 é professora na UENF.
PESQUISA	Escola, infância e diversidade étnico-racial – PIBIC; Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI.
EXTENSÃO	Manifestações culturais em campos dos goytacazes: em foco danças populares afro-brasileiras; Infâncias e diversidade: a influência da escola no processo de construção de identidades étnico-raciais; Brinquedoteca: artes e manhas da aprendizagem lúdica.
<b>Candidato 4</b>	<b>Vanessa Regina Eleutério</b>
FORMAÇÃO	
Graduação	Pedagogia
Artigo NE 2	Um currículo multicultural: práticas inclusivas e a afrodescendência
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFMG – Currículo e Questão Racial nas Práticas Escolares (2002).
Doutorado	-----
ENSINO	Desde 2011 é professora da UFMG.
PESQUISA	Saberes, conhecimentos, práticas e metodologias do ensino de música para jovens em espaços formais e não formais: uma análise da produção acadêmica brasileira de Educação Musical.
EXTENSÃO	PIBID/UEMG As licenciaturas da UEMG e a educação básica: construindo saberes e práticas docentes.
<b>Candidato 5</b>	<b>Sônia Maria dos Santos Marques</b>
FORMAÇÃO	
Graduação	História
Artigo NE 2	Escola, práticas pedagógicas e relações raciais: o caso da comunidade remanescente de Quilombo de São Miguel.
Mestrado	Mestrado em Educação pela PUCRS – Professor de história: concepções e práticas (2000).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFRGS – Pedagogia do estar junto: éticas e estéticas no bairro de São Sebastião do Rocio (2008).
ENSINO	Professora desde 2002 na Unioeste.
PESQUISA	Orienta alunos de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unioeste; Memórias dos Povos do Campo do Paraná.
EXTENSÃO	Apoio às Licenciaturas no Sudoeste do Paraná: Cultura e Etnia; Educação Patrimonial: A constituição dos espaços da socialidade nas narrativas dos moradores "antigos".
<b>Candidato 6</b>	<b>Luiz Henrique da Silva Ramos</b>
FORMAÇÃO	
Graduação	História
Artigo NE 2	Na margem negra do Rio: um estudo numa escola do subúrbio carioca.
Mestrado	Mestrado em Educação pela PUC-Rio – Na margem negra do Rio: um estudo numa escola do subúrbio carioca (2002).
Doutorando	Doutorando em Educação pela PUC-Rio – Onde o Rio não corre para o mar: situações, experiências e construção de narrativas identitárias entre jovens do subúrbio carioca.
ENSINO	Desde 2008 é técnico em assuntos educacionais no IFRJ.
PESQUISA	
EXTENSÃO	
<b>Candidato 7</b>	<b>Kátia Schützer</b>
FORMAÇÃO	
Graduação	Sem informações.
Artigo NE 2	A questão racial e os cursos de formação de professores.
Mestrado	Sem informações.
Doutorado	Sem informações.
ENSINO	Na época do NE 2 era professora de história, geografia e ensino religioso, trabalhou sobre a questão do racismo. Não encontramos o <i>lattes</i> da

	pesquisadora.
PESQUISA	_____
EXTENSÃO	_____
<b>Candidato 8</b>	<b>Renato Emerson Nascimento dos Santos</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Geografia
Artigo NE 2	Agendas x agências: a construção do movimento PVNC.
Mestrado	Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ – O Porto de Sepetiba: Novos discursos para velhos projetos (1999)
Doutorado	Doutorado em Geografia pela UFF – Agendas & agências: a espacialidade dos movimentos sociais a partir do Pré-Vestibular para Negros e Carentes.
ENSINO	Professora da UERJ desde 2007.
PESQUISA	Orienta alunos de mestrado no Programa de pós-graduação em Educação da UERJ e está co-orientando uma aluna de doutorado da Universidade de Amsterdã; Cartografagens da Ação Social; Por uma Ecologia de Saberes: Produção e Desenvolvimento de Pesquisas na Faculdade de Formação de Professores da UERJ; A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia.
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 9</b>	<b>Jouberth Max Maranhão Piorsky Aires</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Ciências Sociais
Artigo NE 2	Identificações Indígenas e Negras no universo infantil tapeba.
Mestrado	Sem mestrado, foi direto para o doutorado.
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFC – As Escolas Diferenciadas dos Índios Tapebas (2005).
ENSINO	Professor adjunto da UECE desde 2005.
PESQUISA	Orientador no Programa de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade e está co-orientando um aluno de doutorado em Etnomúsica na Universidade da Califórnia, EUA; Povos e Comunidades Tradicionais: redes de mobilizações e políticas públicas;
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 10</b>	<b>Sales Augusto dos Santos</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Sociologia / Especialista em Relações Raciais e Cultura Negra.
Artigo NE 2	Ação afirmativa e mérito individual.
Mestrado	Mestrado em Sociologia pela UNB – A Formação do Mercado de Trabalho Livre em São Paulo: Tensões Raciais e Marginalização Social (1997).
Doutorado	Doutorado em Sociologia pela UNB – Movimentos Negros, Educação e Ações Afirmativas (2007).
ENSINO	Militante e pesquisador desde 2011 é professor efetivo na FAPRO.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 11</b>	<b>Maria Batista Lima</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Psicologia
Artigo NE 2	Repertórios Culturais, Identidades Étnicas e Educação em território de maioria afrodescendente: considerações teóricas.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UERJ – Mussuca Lugar de Preto mais Preto: Cultura e Educação nos Territórios de Predominância Afrodescendentes Sergipanos (2001).
Doutorado	Doutorado em Educação pela PUC-RIO – Práticas cotidianas e identidades étnicas: um estudo no contexto escolar (2006).

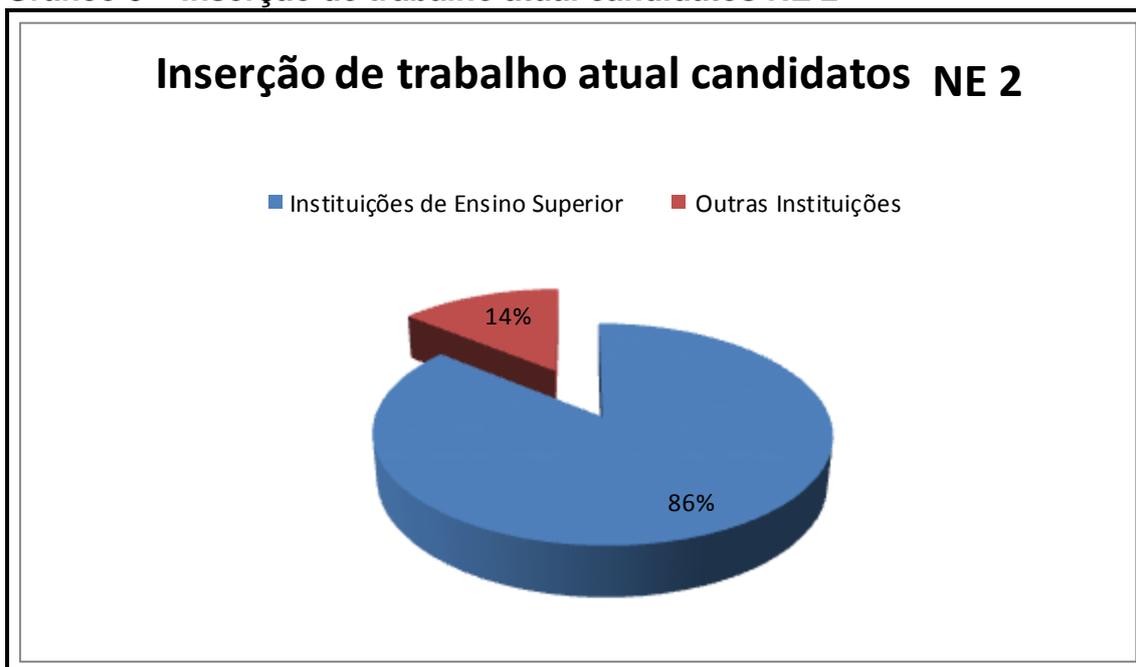
ENSINO	Professora na UFS desde 2006.
PESQUISA	Orientadora do Programa de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Ensino de Ciências e Matemática na UFS; Identidades e diferenças: diversidades etnicorracial, de gênero e de orientação sexual em diferentes contextos da educação sergipana; Saberes e práticas de matemática e ciências naturais nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo em diferentes contextos escolares da microrregião do agreste de Itabaiana-SE; Identidade e formação docente no contexto da universidade pública: dialogando com estudantes concluintes dos cursos de licenciatura; Construindo Uma Rede de Estudos sobre Etno-Desenvolvimento entre o Brasil e o Benin.
EXTENSÃO	Projeto compartilhando as diferenças e promovendo a equidade na educação sergipana.
<b>Candidato 12</b>	<b>Teodora de Araújo Alves</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Educação Física
Artigo NE 2	Coco de Zambê: práticas de saberes da cultura negra.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFPI – A Prática Pedagógica Curricular e os alunos negros: um estudo de caso numa escola pública em Teresina. (2000).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFRN – Heranças de corpos brincantes: os saberes da corporeidade/africanidade em danças afro-brasileiras (2003).
ENSINO	Desde 2004 é professora da UFRN.
PESQUISA	Orientadora de mestrado nos Programas de Pós-Graduação em Artes Cênicas e Educação. Está co-orientando um aluno de doutorado; A dança em trilhas potiguares: emergências investigativas;
EXTENSÃO	Circuito Cultural Universitário (UNE) Versos da arte; Grupo de Dança da UFRN; Encantos da Vila.
<b>Candidato 13</b>	<b>Jorge Manoel Adão</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Teologia e Filosofia
Artigo NE 2	Práxis Educativa do Movimento Negro no Estado do Rio Grande do Sul
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFRGS – O Negro e a Educação - Movimento e Política no Estado do Rio Grande do Sul (2002).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFRGS – Políticas Públicas de Ações Afirmativas (2007).
ENSINO	Professor da UEG desde 2010.
PESQUISA	Orientador no Programa de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> - Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias na UEG; Tecnologias contemporâneas e desenvolvimento cognitivo uma abordagem a partir de affordances e enação.
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 14</b>	<b>Angela Ernestina Cardoso de Brito</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Serviço Social/ TCC – Nem preto nem branco: a ideologia do branqueamento e o medo de ser negro numa sociedade de contrastes
Artigo NE 2	Entre negro e branco – socialização de filhos mestiços por famílias inter-raciais.
Mestrado	Mestrado em Educação UFSCAR – Educação de filhos em famílias inter-raciais (2003).
Doutoranda	Doutoranda em Política Social pela UFF – Tradição dos oprimidos? A velhice de negros catopês participantes da Festa de Agosto na cidade de Montes Claros/MG.
ENSINO	Desde 2007 professora da UNIMONTES, MG.
PESQUISA	Tradição dos Oprimidos? Tradição dos velhos catopês quilombolas.

EXTENSÃO	Núcleo de Estudos Afro Brasileiro-NEAB.
Candidato 15	Elisabeth Fernandes de Souza
FORMAÇÃO	
Graduação	Sem informações.
Artigo NE 2	NP – Entre o silêncio e a resistência: um estudo sobre as perspectivas acadêmicas de moças e rapazes negros em cursos pré-vestibulares de São Paulo
Mestrado	Sem informações.
Doutorado	Sem informações.
ENSINO	Não encontramos o <i>lattes</i> da pesquisadora. Ela atualmente trabalha na Secretaria da Educação da Cidade de São Paulo.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----

Fonte: A autora, 2014.

Após leitura do quadro dos egressos do NE 2 verificamos que atualmente seis pesquisadores são orientadores em programas de pós-graduação *stricto sensu*, 12 dos 15 candidatos estão inseridos como docentes em instituições de ensino superior, um candidato atua como técnico educacional em instituto federal e outro como assessor pedagógico em instituição de ensino superior . Três dos 15 selecionados cursam o doutorado e o candidato 9 é o único pesquisador, entre todos os candidatos dos NEs, que trabalha com questões indígenas. O gráfico abaixo mostra a situação atual da inserção desses candidatos no campo de trabalho educacional.

**Gráfico 5 – Inserção de trabalho atual candidatos NE 2**



Fonte: A autora, 2014.

A candidata 4 teve seu doutorado interrompido, mas continua inserida no ambiente universitário. Outro fator curioso é a dupla inserção no NE da candidata 14, Angela Ernestina Cardoso Brito, já participante da primeira edição do NE teve seu trabalho publicado na segunda edição *Entre negro e branco – socialização de filhos mestiços por famílias inter-raciais*. A pesquisadora foi contemplada duas vezes com dotação para a pesquisa pelo NE.

O estranhamento desta dupla seleção é o objetivo do NE que foi formar e dotar pesquisadores iniciantes, oportunizando àqueles que enviassem um bom projeto e que tivessem dentro dos movimentos ou instituições acadêmicas.

De modo geral, observamos que na segunda edição do NE houve mais candidatos selecionados, mais trabalhos publicados e mais inserção na formação de pesquisadores universitários da atualidade. Na continuidade do trabalho acessamos as ações dos egressos do NE 3.

### 4.3 Ações em ensino, pesquisa e extensão dos egressos do NE 3

Na terceira edição do NE dos 216 inscritos 20 candidatos foram selecionados e todos tiveram seus artigos publicados. De acordo com o RNFF as inscrições para o III NE foram “amplamente divulgadas por meio de cartazes e folders distribuídos por correio convencional e em meio eletrônico, e permaneceram abertas de 17 de março a 9 de maio de 2003”. Para acessarmos as informações acerca desses candidatos formamos o quadro abaixo.

**Quadro 4 – Egressos NE 3**

NE 3	
Candidato 1	Tatiane Cosentino Rodrigues
FORMAÇÃO	
Graduação	Pedagogia
Artigo NE 3	Embates e contribuições do movimento negro à política educacional nas décadas de 1980 e 1990.
Mestrado	Mestrado em Ciências Sociais pela UFSCAR – Movimento negro no cenário brasileiro: embates e contribuições à política educacional nas décadas de 1980 e 1990 – (2005).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFSCAR, com período sanduíche em North Georgia College & State University – A ascensão da diversidade nas políticas educacionais contemporâneas (2011).
ENSINO	Desde 2013 é professora da UFSCAR.
PESQUISA	Orienta no Programa de pós-graduação <i>stricto sensu</i> em Educação da UFSCAR; Ações Afirmativas: ensino, pesquisa e extensão na perspectiva da educação das relações étnico-raciais; Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN): a participação das pesquisadoras negras na produção do conhecimento científico; Educação e Sociologia da Infância no Brasil: uma genealogia em construção.
EXTENSÃO	Curso de Aperfeiçoamento em Educação das Relações Étnico-Raciais.
Candidato 2	Adlene Silva Arantes
FORMAÇÃO	
Graduação	Pedagogia
Artigo NE 3	A Colônia Orfanológica Isabel de Pernambuco (1874-1887).
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFPE – O papel da Colônia Orfanológica Isabel na educação e na definição dos destinos de meninos negros, brancos e índios na Província de Pernambuco (1874-1889) – (2005).
Doutoranda	Doutoranda em Educação pela UFPB – Grupos Escolares: espaços de educação e instrução para meninos e meninas negras? (Pernambuco 1911-1940).
ENSINO	Desde 2007 é professora efetiva na UPE.
PESQUISA	A construção de modos de participação nas culturas do escrito por novos letrados: instâncias, objetos e sujeitos; Grupos Escolares: espaços de educação e instrução para meninos e meninas negras? (Pernambuco 1911-1940).
EXTENSÃO	-----
Candidato 3	Claudia Regina de Paula
FORMAÇÃO	

Graduação	Pedagogia/ Especialista em Raça, etnias e Educação no Brasil.
Artigo NE 3	Trajetórias e narrativas de homens negros no magistério.
Mestrado	Mestrado em Política Social pela UFF – Trajetórias de homens negros no magistério: experiências narradas (2004).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UERJ – Pilares negros: Educação, fé e política na Diocese de Duque de Caxias (1988-2000) – (2012).
ENSINO	Desde 2007 é técnica em assuntos educacionais na UFRRJ e desde 2011 é professora nesta instituição.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 4</b>	<b>Fabiana de Oliveira</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Pedagogia
Artigo NE 3	Relações raciais na creche
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFSCAR – Um estudo sobre a creche: o que as práticas pedagógicas produzem e revelam sobre a questão racial? (2004).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFSCAR – A criança e a infância nos documentos da ONU: a produção da criança como 'portadora de direitos' e da infância como 'capital humano do futuro'. A pesquisadora fez parte de seu doutorado em Portugal na Universidade do Minho com a orientação de Manuel Sarmiento (2008).
ENSINO	Desde 2009 é professora da UNIFAL/MG.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	Brincar é coisa séria: a brinquedoteca enquanto um espaço lúdico-educativo; Contribuições da História Ibérica Medieval para o ensino Médio e Superior.
<b>Candidato 5</b>	<b>Joana Célia dos Passos</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Pedagogia.
Artigo NE 3	Escolarização de jovens negros e negras
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFSC – A escola do movimento e o movimento pela escola: um estudo sobre a escola do assentamento “conquista 5 de maio” (1997).
Doutorado	Doutorado pela UFSC – Jovens negros na EJA: os desafios de uma política pública (2010).
ENSINO	Desde 2012 é professora da UNISUL.
PESQUISA	Orientadora no Programa de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Educação na UNISUL; Ações Afirmativas: Ensino, Pesquisa e Extensão na perspectiva da educação das relações étnico-raciais; Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN): a participação das pesquisadoras negras na Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), na produção do conhecimento científico em geral e em relações raciais e de gênero.
EXTENSÃO	Acolher: Acolhimento e inserção de estudantes cotistas na cultura acadêmica da Ufsc; A pedagogia multirracial e popular: experiências de formulação e implantação em municípios catarinenses.
<b>Candidato 6</b>	<b>Rosângela Souza da Silva</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	História.
Artigo NE 3	Racismo e discriminação racial no cotidiano de uma escola pública de nível médio
Mestrado	Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela UNEB – Racismo e discriminação racial no espaço escolar: dizeres e fazeres de professores/as de uma escola pública de nível médio em Feira de Santana (2005).

Doutorado	-----
ENSINO	Desde 2011 é professora na UFRB.
PESQUISA	Linguagens, Literatura e Diversidade: Identidades, Memórias Literárias e Culturais do Vale do Jequiçá em Foco.
EXTENSÃO	Universidade para Todos.
<b>Candidato 7</b>	<b>Adriane Álvaro Damascena</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	História.
Artigo NE 3	O caráter formativo da congada
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFG – Tradição e modernidade em Goiânia (2000)
Doutorado	Doutorado em Geografia pela UFG – A cidade a juventude e a festa: estudo das trajetórias dos jovens congadeiros em Goiânia (2012).
ENSINO	Desde 2010 trabalha na assessoria técnica do Governo do Estado de Sergipe.
PESQUISA	Trajetos Lugares e Territórios Congadeiros: práticas socioespaciais, relações raciais e de gênero nas congadas e festas do Rosário em Goiás; Pró-cultura:A dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial nos estudos de Goiás, Ceará e Sergipe.
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 8</b>	<b>Edileuza Penha de Souza</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	História / Especialista em Psicologia Social.
Artigo NE 3	Tamborizar: a formação de crianças e adolescentes negros.
Mestrado	Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela UNEB – Tamborizar - Histórias e afirmação da auto-estima das crianças e adolescentes negros e negras através dos Tambores de Congo (2005).
Doutoranda	Doutoranda em Educação pela UCB/DF – Cinema na panela de barro Mulheres Negras e suas narrativas de amor, afeto e identidade.
ENSINO	-----
PESQUISA	Pesquisadora temporária UNESCO.
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 9</b>	<b>José Barbosa da Silva Filho</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	História/, Especialista em Raça, etnias e educação pela UFF com a monografia <i>A Questão Racial na História do Brasil</i> .
Artigo NE 3	A questão do negro no curso de Serviço Social.
Mestrado	Mestrado em Política Social pela UFF – A questão do negro no curso de graduação em Serviço Social da UFF (2005).
Doutorado	-----
ENSINO	Desde 1994 é professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.
PESQUISA	Pesquisador do PENESB desde 1997.
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 10</b>	<b>Marilena da Silva</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	História.
Artigo NE 3	O ensino de história da África e cultura afro-brasileira em Goiânia.
Mestrado	Mestrado em Educação pela PUC-Goiás – África, Afrodescendência e Educação - desafios e possibilidades para o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira na disciplina de História - Lei 10.639/2003 – (2009).
Doutorado	-----
ENSINO	-----
PESQUISA	-----

EXTENSÃO	Desde 1993 é coordenadora geral da Associação Pérola Negra.
<b>Candidato 11</b>	<b>Marluce de Lima Macêdo</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	História.
Artigo NE 3	Tradição oral afro-brasileira e escola: um diálogo possível?
Mestrado	Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela UNEB – A Tradição Oral Afro-Brasileira e Escola: (Des)Encontros na Encruzilhada: Uma Reflexão a partir de Santa Bárbara (2004).
Doutoranda	Doutoranda em Educação e Contemporaneidade pela UNEB – <i>Intelectuais negros, memória, tradição e insurgência: diálogos possíveis para uma educação anti-racista.</i>
ENSINO	Desde 2005 é professora da UNEB.
PESQUISA	Produção de História em Quadrinhos.
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 12</b>	<b>Regina Marques Parente</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Ciências Sociais.
Artigo NE 3	A invenção do cidadão negro.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFRGS – Maçambique de Osório: exílio de um reino negro na diáspora (2000).
Doutorado	-----
ENSINO	-----
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	Participa do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UFSCar), desde 2008.
<b>Candidato 13</b>	<b>Maria Alice Garcia dos Santos</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Arquivologia – UFSM.
Artigo NE 3	Educação em um centro de tradições gaúchas: o caso de um CTG de negros
Mestrado	Sem informações.
Doutorado	-----
ENSINO	-----
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	Não encontramos o <i>lattes</i> . Atualmente é secretária de Cultura e Turismo da cidade de Caçapava do Sul, RS trabalha com as questões culturais afro-brasileiras.
<b>Candidato 14</b>	<b>Assunção José Pureza Amaral</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Ciências Sociais.
Artigo NE 3	Etnologia, educação e ambiente nos quilombos da Amazônia.
Mestrado	Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA/UFPA – Da Senzala à Vitrine: Relações Raciais e Racismo no Mercado de Trabalho em Belém (2001).
Doutorado	Doutorado em Ciência: Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA/UFPA – Da Senzala ao Quilombo: Práticas Educativas e uso de Recursos Naturais entre os Quilombolas do Médio Amazonas Pará (2008).
ENSINO	Desde 2010 é professor efetivo na UFPA.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 15</b>	<b>Ronald dos Santos Oliveira</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Ciências Sociais.
Artigo NE 3	Raça e política pública de formação profissional.

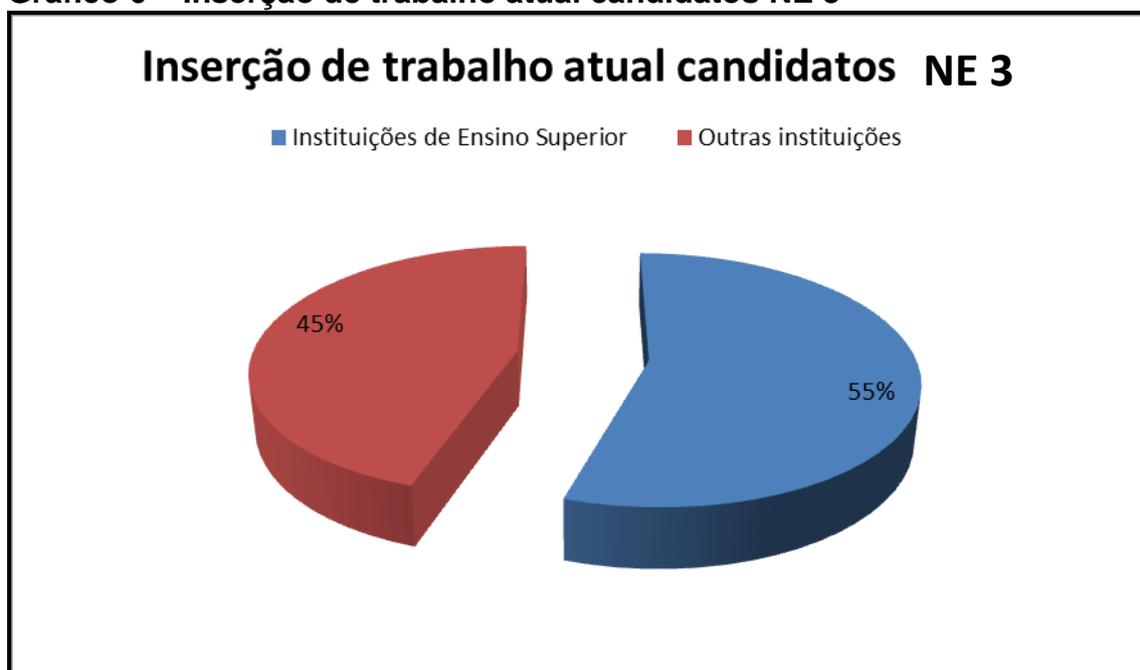
Mestrado	Mestrado em Ciências Políticas pela UFPE – Raça e Política Pública de Educação Profissionalizante (2003).
Doutorado	-----
ENSINO	Desde 2010 é professor na FASE.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Arquitetura e Urbanismo/ Especialista em Culturas Africanas e Relações Interétnicas na Educação pela Faculdade Integrada Espírita, monografia O Candomblé de Angola em Florianópolis: suas falas e identidades no universo afro-brasileiro.
Artigo NE 3	Pedagogia Interétnica: uma proposta do movimento negro em Salvador (1974-1990).
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFSC – Uma proposta pedagógica do Movimento Negro no Brasil: pedagogia interétnica, uma ação de combate ao racismo (2004).
Doutorado	As propostas pedagógicas do Movimento Negro no Rio de Janeiro e Santa Catarina: implicações políticas e teóricas para a educação brasileira (2009).
ENSINO	Professor da UFPA desde 2011.
PESQUISA	Desde 2013 é orientador no Programa de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia da UFPA; Ações Afirmativas: ensino, pesquisa e extensão na perspectiva da educação das relações étnico-raciais; Núcleo de Estudos Pesquisa, Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação - N'UMBUNTU; Identidades negras no sul e sudeste do Pará: processos organizativos, culturais e Educação; Identidades negras no sul e sudeste do Pará: processos organizativos, culturais e Educação.
EXTENSÃO	Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisa em Relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação- N'UMBUNTU.
<b>Candidato 17</b>	<b>Olga Vieira</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Sem informações.
Artigo NE 3	Irmãs negras Missionárias de Jesus Crucificado: pedagogia religiosa e política institucional.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFRGS – A caminhada das Irmãs Negras no interior da Instituição Religiosa (2001).
Doutorado	Sem informações.
ENSINO	Atualmente continua atuando como freira, assistente social do Grupo de Irmãs Negras Missionárias de Jesus Crucificado.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 18</b>	<b>Piedade Lino Videira</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Educação Artística.
Artigo NE 3	Fazendo arte e educação pela dança do Marabaixo
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFC – Marabaixo, Dança Afrodescendente: Significando a Identidade Étnica do Negro Amapaense (2005).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFC – Batuques, folias e ladainha: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação (2010).
ENSINO	Desde 2011 é professora efetiva da UFCG.
PESQUISA	A cura de doenças pela força do axé estudo de caso no ilê axé runtô rumbôci em Cajazeiras/PB.
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 19</b>	<b>Ana Paula dos Santos Gomes</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	

Graduação	Biblioteconomia.
Artigo NE 3	Trajatória de pesquisadores negros: educação patrimonial e cultura afro-brasileira.
Mestrado	Mestrado pela UFSCAR – Memória oral e escrita de intelectuais negros/negras: uma contribuição à cultura afro-brasileira (2008)
Doutorado	-----
ENSINO	Não atualiza o lattes desde 2011.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 20</b>	<b>Valdimarina Santos Cerqueira</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Sem informações.
Artigo NE 3	A construção da auto-estima da criança negra no cotidiano escolar.
Mestrado	Sem informações.
Doutorado	Sem informações.
ENSINO	-----
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----

Fonte: A autora, 2014.

Nesta edição temos a maioria dos candidatos com graduação nos cursos de Pedagogia e História. Entre os 20 candidatos, temos 11 atuando em instituições de ensino superior, dos quais dois orientam em cursos de pós-graduação *stricto sensu*. O gráfico abaixo mostra a situação do campo de trabalho desses candidatos atualmente.

**Gráfico 6 – Inserção de trabalho atual candidatos NE 3**



Fonte: A autora, 2014.

A partir do gráfico observamos que o número de egressos que estão em instituições de ensino superior é maior do que àqueles que estão em outras atividades profissionais. Isso demonstra, de certa forma, o impacto do processo de formação em relação às práticas sociais que os egressos desenvolvem em relação às atividades que tem como temática as relações étnico-raciais.

Destes profissionais, dois orientam em programas de pós-graduação *stricto sensu*. Dos 20 selecionados, três cursam o doutorado e três trabalham como servidores públicos (o governo do estado e município). Outros pesquisadores estão envolvidos em atividades de extensão e associações. A candidata 17 atua em instituição religiosa. Entre as narrativas de uma das candidatas disponibilizadas para essa dissertação temos que uma de suas práticas resultou em recente contribuição no livro de comemoração dos 10 anos do GT21 e do edital dos egressos. Segue o trecho em que Adlene Arantes (01/08/2013) diz que,

por tudo que foi dito anteriormente, afirmo que o suporte teórico e metodológico foi sólido. Posso dizer que aprendi a fazer pesquisa em uma área diferente da minha de formação (história da educação) e isso tem me possibilitado atuar na extensão universitária na minha instituição de trabalho (Universidade de Pernambuco – UPE Câmpus Petrolina).

A ANPEd foi um dos espaços de formação inicial e hoje permanente que participo (o GT 21 foi criado na época do *Concurso* e é meu espaço de formação na ANPEd). Não posso esquecer dos livros e vídeos que adquirimos gratuitamente quando era bolsista, materiais que até hoje me auxiliam como pesquisadora e professora. Para concluir a questão, gostaria de ressaltar que também fui umas das egressas do negro e educação e posteriormente (o que resultou em um CD), participei do projeto SECAD (o que resultou em um livro) – (ARANTES, entrevista, 01/08/2013).

Assim, a partir do quadro formado para os egressos do NE 3 temos uma grande parte dos pesquisadores que continuam atuando na área de pesquisa étnico-racial e suas práticas contribuem de certa forma para o debate em instituições de ensino superior.

#### 4.4 Ações em ensino, pesquisa e extensão dos egressos do NE 4

No NE 4 houve 216 projetos inscritos dos quais 16 foram selecionados. Nesta edição, assim como na terceira, todos os artigos elaborados a partir das pesquisas desenvolvidas pelos candidatos foram publicados.

**Quadro 5 – Egressos NE 4**

NE 4	
<b>Candidato 1</b>	
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Letras
Artigo NE 4	Adolescentes negros e não-negros na escola: identificando estereótipos.
Mestrado	Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC/SP – Pátria, Nação e Povo Brasileiro na produção didática de Manoel Bomfim e Olavo Bilac (2010).
Doutorando	Doutorando em Educação pela USP – A FEUSP e seus intelectuais: itinerários políticos, trajetórias acadêmicas, redes de sociabilidades, disputas e aproximações na conformação do departamento de filosofia da educação e ciências da educação (1970-1990).
ENSINO	Desde 2010 é formador associado do CEDAC e desde 2013 é secretário adjunto de educação da SMECEL-FR.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 2</b>	<b>Eugenia Portela de Siqueira Marques</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Letras/ Pedagogia/Ciências Jurídicas/ Especialista em Metodologia de Ensino e Direito Processual Civil.
Artigo NE 4	Programa Universidade para todos: Política de ação afirmativa para negros na educação superior?
Mestrado	Mestrado em Educação pela UCDB – A pluralidade cultural e a proposta pedagógica na escola - um estudo comparativo entre as propostas pedagógicas de uma escola de periferia e uma escola de remanescente de quilombos (2004).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFSCAR – O Programa Universidade para Todos e a Inserção de Negros na Educação Superior: a experiência de duas instituições de educação superior de Mato Grosso do Sul - 2005 – 2008 – (2010).
ENSINO	Desde 2011 é professora efetiva da UFGD.
PESQUISA	Política de Educação Superior no Brasil pós-LDB/1996: impactos na Região Centro-Oeste; Políticas de expansão da educação superior e seus efeitos no acesso e na permanência de estudantes nesse nível de ensino (2003-2010); Política de Educação Superior no Brasil pós-LDB/1996 - impactos na Região Centro-Oeste; Políticas de Expansão da Educação Superior, no período 2003-2010, e suas implicações para o acesso e a permanência de estudantes; Políticas da Expansão da Educação Superior no Brasil; Observatório da Educação - Expansão da educação superior; Políticas públicas para a educação das relações étnico-raciais: as possibilidades abertas pela Lei 10.639/2003 nas redes municipais ensino de Dourados e Campo Grande – MS.
EXTENSÃO	VI colóquios sobre avaliação e qualidade do ensino e III seminário de gestão e monitoramento da educação: políticas públicas de inclusão; VI Semana de Educação e VI Seminário de Pesquisa: Desafios para a Educação no século XXI - Política, História e Diversidade.

<b>Candidato 3</b>	<b>Assunção de Maria Sousa e Silva</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Letras
Artigo NE 4	Estudantes negros como leitores de literatura afro-brasileira e a identidade racial.
Mestrado	Mestrado em Letras pela UFRJ – Imagens femininas na escrita pós-moderna de Elisa Lucinda uma leitura de “O semelhante” (1999).
Doutoranda	Doutoranda em Letras pela PUC-MG – Nação e identidade nas literaturas africanas e afro-brasileira de autoria feminina.
ENSINO	Desde 2003 é professora da UFPI.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	Coordenadora do NEPA – Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro da Universidade do Piauí-Brasil.
<b>Candidato 4</b>	<b>Cláudia Rocha da Silva</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Letras
Artigo NE 4	Variação lingüística e leitura de quilombolas na Bahia: o caso de Barra do Brumado.
Mestrado	Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela UNEB – Vozes do silêncio: a linguagem quilombola e o preconceito linguístico-racial em rio de contas na Bahia (2008).
Doutorado	-----
ENSINO	Desde 1997 é professa efetiva da UNEB.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 5</b>	<b>Larissa Santos Pereira</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Letras / Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais pela UESC – Mestiçagem e racismo: uma análise do discurso sobre cotas raciais enunciado por estudantes da Universidade Estadual de Santa Cruz (2007).
Artigo NE 4	Mestiçagem, racismo e identidade: uma análise do discurso sobre cotas raciais enunciado por estudantes da Universidade Estadual de Santa Cruz
Mestrado	Mestrado em Estudo da Linguagem pela UNEB – Afinal, raças existem ou não? Uma análise do discurso sobre cotas raciais enunciado por professores universitários (2010).
Doutorado	-----
ENSINO	Desde 2007 é professora do Colégio da Polícia Militar de Itabuna, Bahia.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 6</b>	<b>Ione da Silva Jovino</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Letras
Artigo NE 4	Imagens de criança e infância negras na iconografia do século XIX.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFSCAR – Escola: as minas e os manos têm a palavra (2005).
Doutorado	Doutorado em Educação pela UFSCAR – Imagens de Crianças Negras na Iconografia do Século XIX (2010).
ENSINO	Desde 2007 é professora da UEPG.
PESQUISA	Orientadora no Programa de pós-graduação <i>stricto sensu</i> nível de mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade na UEPG; Discurso e relações Raciais.
EXTENSÃO	Voz Ativa: Juventude, Cidadania e Práticas Culturais na Comunidade do Sutil; Ensino de Espanhol, Gêneros Textuais e Africanidades; Equidade na Pós-graduação: Formação Pré-acadêmica; Educação das Relações

	Étnico-raciais; Programa Desenvolvimento Educacional – PDE; Núcleo de Relações Étnico-raciais, Gênero e Sexualidade.
<b>Candidato 7</b>	<b>Kassandra da Silva Muniz</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Letras
Artigo NE 4	A contribuição dos estudos da linguagem para o debate sobre as ações afirmativas para negros no Brasil.
Mestrado	Mestrado em Linguística pela UNICAMP – Piadas: Conceituação, Constituição e Práticas (2004).
Doutorado	Doutorado em Linguística pela UNICAMP – Linguagem e Identificação: uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil (2009).
ENSINO	Desde 2010 é professora da UFOP.
PESQUISA	A força da palavra: discurso, memória e performatividade em manifestações culturais tradicionais de matriz africana na América Latina; Coordenadora do Projeto Mídias e Identificação: Práticas Discursivas e Sociais.
EXTENSÃO	GERAIS: Gênero, relações raciais e linguagens em diferentes contextos e abordagens.
<b>Candidato 8</b>	<b>Márcia Luiza Pires de Araújo</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Pedagogia.
Artigo NE 4	A escola primária da Frente Negra Brasileira em São Paulo (1931-1937)
Mestrado	Mestrado em História da Educação e Historiografia pela USP, 2008, com a dissertação <i>A escola da frente negra brasileira na cidade de São Paulo</i> .
Doutorado	Doutora em História da Educação e Historiografia pela USP – <i>A escolarização de crianças negras paulistas (1920-1940)</i> . – (2013).
ENSINO	Desde 2007 é professora e diretora acadêmica do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, SP.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 9</b>	<b>Claudilene Maria da Silva</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Pedagogia.
Artigo NE 4	A questão étnico-racial na sala de aula: A percepção das professoras negras.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFPE – Professoras Negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar (2009).
Doutoranda	Doutoranda em Educação – Práticas pedagógicas escolares de valorização da identidade, da memória e da cultura negra.
ENSINO	Desde 2011 é professora da FASNE.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 10</b>	<b>Itacir Marques da Luz</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Pedagogia.
Artigo NE 4	Compassos letrados: profissionais negros entre a instrução e o ofício em Pernambuco (1830-1860).
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFPB – Compassos Letrados: profissionais negros entre instrução e ofício em Pernambuco (1840-1860) - (2008).
Doutorando	Doutorando em Educação pela UFM – Laços da Diáspora: associacionismo e educabilidade entre a população negra de Pernambuco na primeira metade do século XIX.
ENSINO	Desde 2010 é técnico educacional na Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco (SEDUC-PE).

PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 11</b>	<b>Flávia de Jesus Damião</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Pedagogia, tem No NE 4 publicou o artigo
Artigo NE 4	Primeira infância no arraial do Retiro.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFC – Primeira Infância, Afrodescendência e Educação no Arraial do Retiro (2007).
Doutoranda	Doutoranda em Difusão do Conhecimento pela UFBA.
ENSINO	Desde 1997 é professora efetiva da UFBA.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 12</b>	<b>Edinalva Moreira dos Santos</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Economia.
Artigo NE 4	Raça e classe no ensino superior: revisando as relações Raciais no Brasil para entender as desigualdades de acesso do negro à universidade pública.
Mestrado	Sem informações.
Doutorado	Sem informações.
ENSINO	-----
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 13</b>	<b>Isabele Pires Santos</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Educação Física/ Especialista em metodologia do Ensino da Educação Física.
Artigo NE 4	Identidade, relações étnico-raciais e a capoeira: os olhares de uma escola.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UNEB – A Construção da Identidade Étnico-Racial: educação em grupos de capoeira de Salvador (2002).
Doutorado	-----
ENSINO	Desde 2000 é professora na UESB.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	-----
<b>Candidato 14</b>	<b>Elane Carneiro de Albuquerque</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Artes Visuais.
Artigo NE 4	Cheiros e batuques do museu: construindo conceitos poéticos no quilombo do Curiaú.
Mestrado	Mestrado em Educação pela UFC – Vejo um museu de grandes novidades, o tempo não para: Sociopoetizando o museu e musealizando a vida (2008).
Doutorado	-----
ENSINO	Desde 2011 trabalha no Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável no Amapá, Amazônia. Desde 2010 é professora no curso de design e arquitetura do CEAP.
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	Projeto Design é isso aí!
<b>Candidato 15</b>	<b>Marcilene Garcia de Souza</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Ciências Sociais, especialização em Culturas Africanas e Relações Inter-Etnicas na Educação.
Artigo NE 4	Movimento hip-hop e educação: impactos sociais da atuação dos rappers

	na trajetória escolar de jovens negros em Curitiba (1999-2005).
Mestrado	Mestrado em Sociologia pela UFPR – Juventude negra e racismo: o movimento hip hop em Curitiba e a apreensão da imagem de "capital européia" em uma "harmonia racial"(2003).
Doutorado	Doutorado em Sociologia pela UFPR Ações Afirmativas e inclusão de negros por "cotas raciais" nos serviços públicos do Paraná (2010).
ENSINO	-----
PESQUISA	-----
EXTENSÃO	Desde 2013 é coordenadora de Ações afirmativas da SEPIR/SP. De acordo com o sítio do Instituto de Defesa dos Direitos Humanos (IDDHA) a pesquisadora “é a primeira mulher negra formada em Ciências Sociais na cidade de Curitiba a se tornar Doutora em Sociologia”. Marcilene foi homenageada no dia 11 de março de 2011 na Câmara de Vereadores de Curitiba na passagem do Dia Internacional da Mulher.
<b>Candidato 16</b>	<b>Anderson Paulino da Silva</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	
Graduação	Ciências Sociais
Artigo NE 4	As determinações da variável “cor” no acesso à Universidade Federal Fluminense.
Mestrado	Mestrado em Política Social pela UFF – Mérito, mobilidade e raça: uma abordagem das relações entre negros e brancos na universidade.
Doutorado	-----
ENSINO	-----
PESQUISA	Desde 2009 é pesquisador na FIOCRUZ.
EXTENSÃO	-----

Fonte: A autora, 2014.

Nesta edição, sete candidatos tiveram sua graduação no curso de Letras, quatro candidatos cursaram Pedagogia, dois formaram-se em Ciências Sociais e os demais graduaram-se em Economia, Artes Visuais e Educação Física. Dos 16 pesquisadores, uma é orientadora em curso de pós-graduação *stricto sensu*. Os candidatos dessa edição têm em suas práticas sociais diversidade de atuação: a candidata 15 é coordenadora da Seppir/SP; o candidato 16 é pesquisador da FIOCRUZ; a candidata 14 desenvolve atividades em museu e docência; a candidata 5 é professora em Colégio Militar. A candidata 12 utiliza seu conhecimento em uma comunidade religiosa. Abaixo segue uma parte de seu depoimento que encontramos no jornal “Eis o Cordeiro de Deus”<sup>36</sup>.

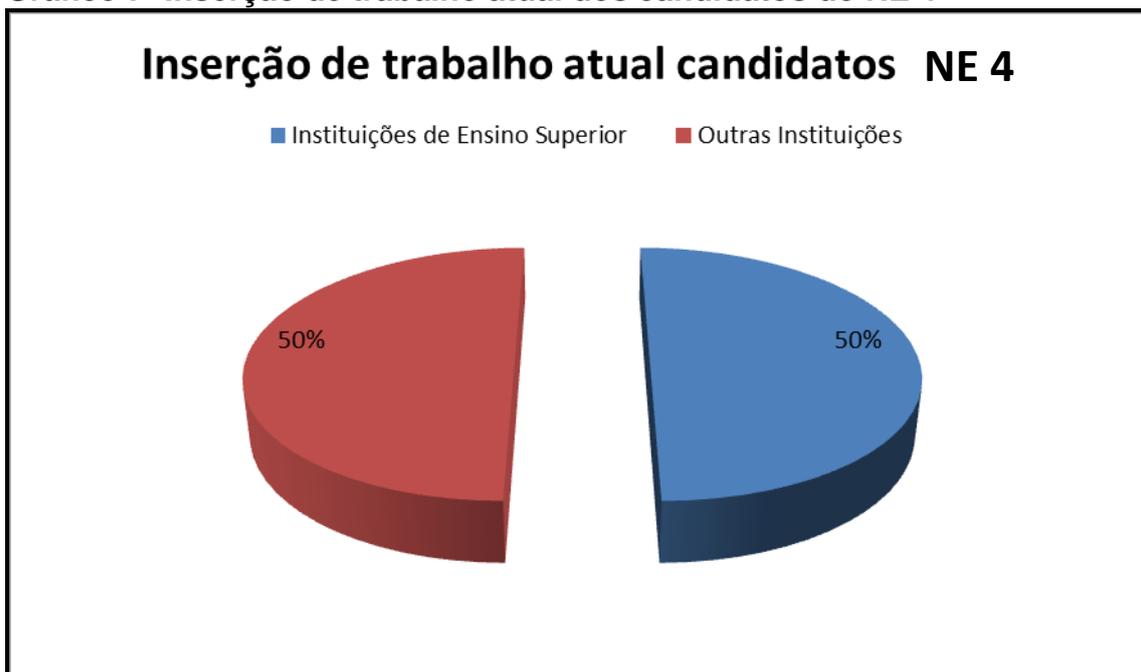
[...] No ano de 2004, havia terminado minha graduação no curso de economia pela Universidade Federal de Mato Grosso, e logo em seguida, Deus me concedeu a providencia de cursar o meu mestrado e trabalhar no estado do Rio de Janeiro. Durante dois anos estudei na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, e trabalhei em um escritório de consultoria

<sup>36</sup> <http://www.eisocordeirodedeus.com.br/testemunhos/edinalva.html>

de empresas e perícias judiciais, na cidade de Rio de Janeiro. As realizações profissionais iam chegando de forma abundante. Na universidade, com o término do mestrado, recebi a proposta de desenvolver o meu trabalho de pesquisa em um doutorado, no Brasil ou em outro país, à minha escolha. No escritório, havia recebido uma promoção profissional e na vida afetiva eu estava namorando com um rapaz muito legal... Hoje tenho cinco anos e meio na comunidade e exerço aqui tudo que Deus me concedeu, mas de uma maneira nova e restaurada, como Deus deseja. Minha profissão de economista é útil para o Senhor, pois sou da parte financeira e administrativa da Comunidade. A arte da oratória para as salas de aula, que eu iria executar com o doutorado, me proporciona anunciar como trombeta o evangelho de Cristo ao mundo, e o sonho de me casar hoje transborda em um amor que será eterno, pois em breve darei o sim totalmente a Deus através dos votos de Virgindade Consagrada.

Para observarmos a atuação dos candidatos temos o gráfico abaixo que mostra que 50% dos egressos encontram-se trabalhando em instituições de ensino superior.

**Gráfico 7- Inserção de trabalho atual dos candidatos do NE 4**

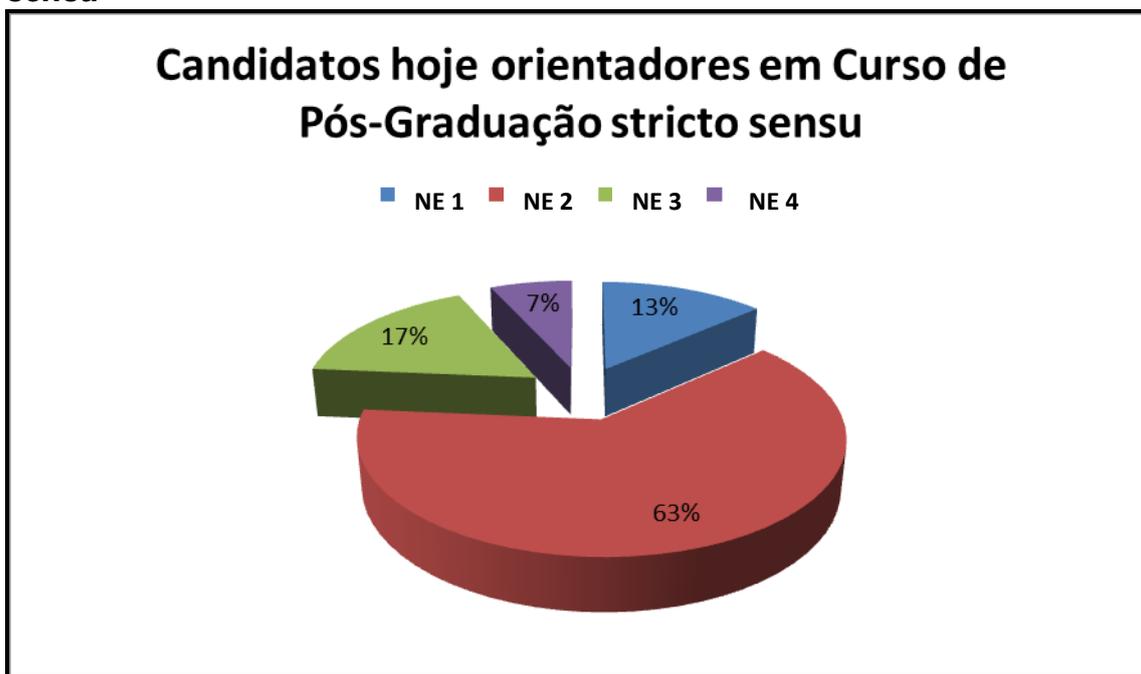


Fonte: A autora, 2014

Outra questão a ser apontada é a singularidade da situação que encontramos na candidata 15, primeira mulher negra formada em Ciências Sociais na cidade de Curitiba a se tornar Doutora em Sociologia. Nesse sentido, a edição 4 do NE possibilita várias práticas sociais que direcionam ações na academia e em outros espaços. Para relacionarmos o destino dos egressos a partir da ação NE nas quatro edições relacionamos elementos que centralizam as práticas sociais desses pesquisadores como segue a próxima parte do capítulo.

Ao observarmos as 4 edições do NE notamos que 18% do total de 61 selecionados atualmente orientam em programas de pós graduação *stricto sensu* como mostra o quadro abaixo detalhado por edição.

**Gráfico 8- Candidatos do NE que orientam em cursos de pós-graduação *stricto sensu***



Fonte: A autora, 2014

Ao analisarmos os percursos formativos e a atuação profissional observamos que o maior número de orientadores atualmente está concentrado nos egressos do NE2, que não desenvolveu pesquisas na área da história da educação. Na sequência, encontram-se os egressos do NE 3 com 17%, egressos do NE 1 com 13% e NE4 com 7%. Um fato curioso é que o NE 4 foi a edição com maior número de bolsas e no entanto poucos são os egressos que encontram-se orientando em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, vale lembrar que isso talvez tenha relação ao fato de estar relacionado ao tempo que esses egressos estão distanciados da última edição em relação às outras edições.

#### 4.5 O poder e o discurso: redes de pesquisadores

Van Dijk (2008a, p.85) em sua obra 'Discurso e Poder' traz a seguinte colocação:

O poder é tanto exercido quanto reproduzido no e pelo discurso. Sem comunicação – escrita e fala - o poder na sociedade não pode ser exercido ou legitimado. O poder pressupõe conhecimento, crenças e ideologias a fim de sustentar-se e reproduzir-se. O discurso mostra e comunica estruturalmente essas condições cruciais da reprodução para todos os níveis, dimensões e contextos sociais.

Assim, o discurso formulado nas edições do NE empoderaram na atualidade vários debates e práticas sociais em instituições cujo poder é exercido pela elite simbólica dos professores e pesquisadores em exercício. Nesse sentido é possível compreender o destino dos egressos respeitando suas formas de lidar com a contribuição do NE em suas trajetórias.

Ainda assim, Oliveira (2010) afirma que as políticas públicas firmadas na década de 90 em diante auxiliaram no estabelecimento das problemáticas afrobrasileiras na lista de assuntos e discussões nacionais. A autora também afirma que

as repercussões destas políticas são hoje visíveis em todos os espaços de atuação humana: no nosso cotidiano, na sociedade civil e nos meios acadêmicos, mas ainda muito distantes no que se refere à igualdade racial nos setores sociais, cujos dados comprovam que as disparidades raciais são ainda muito perversas (OLIVEIRA, 2010, p.215-216).

Portanto ao verificar a rede de pesquisadores formada a partir do NE reflexões como as de Oliveira (2010) permitem afirmar o significado das ações afirmativas, mas se orienta para outras alternativas e políticas justamente pela dívida histórica que começa a ser discutida e concretamente articulada para que progressivamente ocorram mudanças efetivas na sociedade. Como afirma Cunha Jr (2003, p.3-4),

o caminho para o mercado de trabalho para pesquisadores afrodescendentes é de imenso potencial, mas é um mercado que precisa ser desenvolvido pela criação de programas específicos, departamentos de concentração de esforços interdisciplinares, núcleos e centros de pesquisas, acervos e museus.

Nesse sentido, o NE proporcionou o desenvolvimento de um espaço de abertura para a pesquisa afro-brasileira realizada por pessoas que atualmente estão engajados profissionalmente nos mais diversos espaços dos vários estados brasileiros. O quadro abaixo nos mostra que dos 38 candidatos presentes nas instituições de ensino superior os mesmos estão distribuídos regionalmente da seguinte forma<sup>37</sup>,

**Quadro 6 – Instituições de ensino superior em que candidatos atuam no momento por região brasileira**

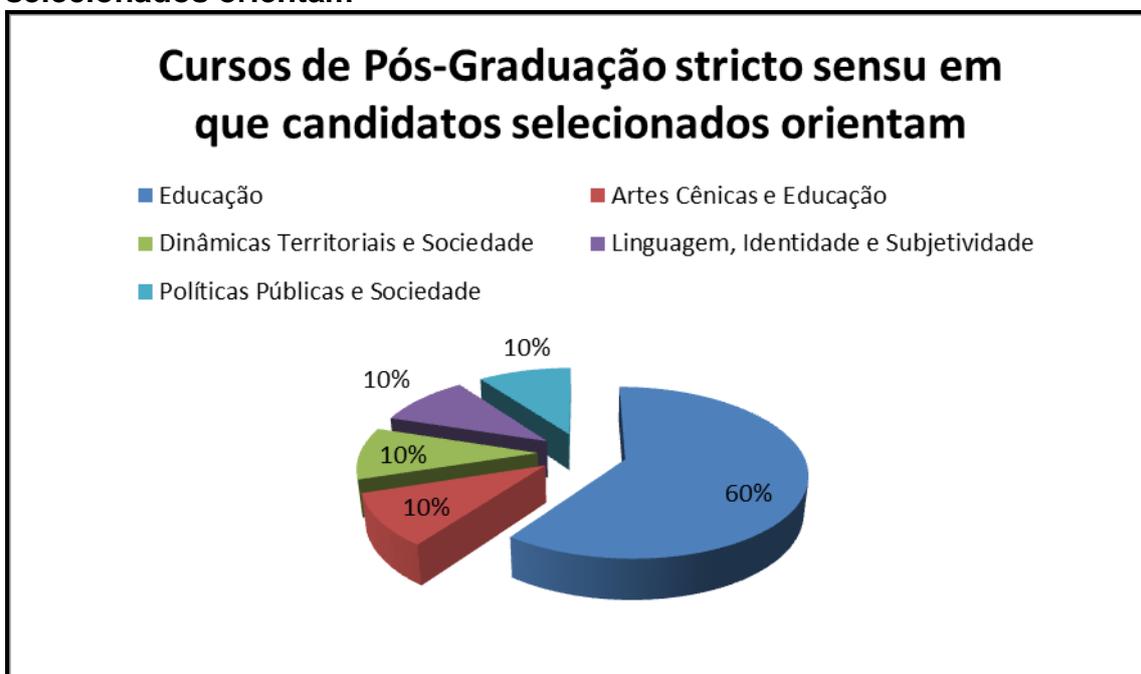
<b>INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR EM QUE CANDIDATOS ATUAM NO MOMENTO POR REGIÃO BRASILEIRA</b>	
<b>REGIÃO</b>	<b>INSTITUIÇÕES</b>
Região Sul	Unioeste, PR(2); Uepg,PR(1); Unisul, SC(1).
Região Sudeste	Unimontes, MG(2); Ufop,MG(2); Ufmg, MG(1); Unifal,MG(1); Puc-Campinas,SP(1); Ufscar,SP (1); Unirio,RJ(1); Uff,RJ(1); Uenf,RJ(1); Ifrj, RJ(1); Uerj, RJ(1); Ufrj,RJ(1); Ufrrj, RJ(1).
Região Centro-Oeste	Ufgd,MS(1); Fapro,DF(1).
Região Nordeste	Uesb, BA(1); Ufba,BA(1); Uneb,BA(3); Ufrb,BA(1); Upe,PE(1);Ufcg,PE(1); Fasne,PE(1); Ufpi,PI(2); Uece,PI(1); Ufrn, RN(1); Ufs,SE(1).
Região Norte	Ufpa,PA(2); Uft,TO(1).

Fonte: A autora, 2014

Podemos observar que a região de maior impacto é a sudeste com 15 profissionais vindos do NE e logo depois está a região nordeste com 14. Embora as outras regiões estejam mais timidamente representadas ainda sim apresentam sujeitos que fizeram parte do NE atuantes em IES. Ainda é importante notar a distribuição de orientadores nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em que orientam. O gráfico abaixo sustenta os espaços que esses sujeitos ocupam atualmente.

<sup>37</sup> O número entre parênteses corresponde ao número de candidatos selecionados no CNE e hoje servidores nessas instituições.

**Gráfico 9 – Cursos de pós-graduação *stricto sensu* em que candidatos selecionados orientam**



Fonte: A autora, 2014.

Assim, fica evidente que a maior parte, 60% deles atuam na pós-graduação *stricto sensu* em Educação, enquanto 10% encontram-se nos cursos de Artes Cênicas e Educação, outros 10% no curso de Linguagem, Identidade e Subjetividade, 10% atuam no curso de Dinâmicas Territoriais e Sociedade e os 10% restantes encontram-se orientado no curso de Políticas Públicas e Sociedade. Essa é uma amostra momentânea, pois ao constatarmos o grande número de sujeitos já atuando em IES e suas trajetórias, é possível que outros venham a orientar em cursos de pós-graduação *stricto sensu* e contribuir para discussões e pesquisas na área étnico-racial.

Nesse sentido, ao verificarmos as relações estabelecidas entre as edições do NE e o poder exercido pelas elites simbólicas vindas dessa ação afirmativa nos encaminhamos para as conclusões em que discutiremos possibilidades e lacunas deixadas para futuras pesquisas e que assim, o “brilho do olhar” dos que chegam e saem dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, como afirma Jaci Menezes na epígrafe do capítulo, possa ser uma constante quando nos referirmos aos pesquisadores afrodescendentes e à temática étnico-racial.

## CONVERSAS FINAIS

Na medida em que as minorias ganham acesso à universidade os representantes dos respectivos movimentos e organizações devem ter a prerrogativa de propor as ações que são necessárias em cada momento e para cada setor. O debate e a reflexão avançaram muito nas últimas duas décadas no Brasil e já existem estudos e diagnósticos que podem fundamentar essas ações e orientar a revisão e a continuidade dos programas já existentes nos diversos níveis do governo (Maria Malta Campos, entrevista em 11/09/2012).

Considerando as palavras de Maria Malta Campos o NE teve esse papel de inserir no final dos anos 90 a discussão e concretização de uma ação que abriu espaço para afro-brasileiros elaborarem pesquisa de qualidade sobre a temática étnico-racial. Nesse sentido é importante demarcar a representação da prática social nos discursos desses sujeitos que pesquisaram e escreveram artigos sobre a história da educação no NE. Por isso, ao retomarmos o que foram os quatro artigos devemos lembrar sobre a importância da história da educação no NE. No primeiro artigo analisado: *“As primeiras práticas educacionais com características modernas em relação aos negros no Brasil”*, temos uma pesquisa de caráter histórico em que Marcus Vinícius Fonseca, sob orientação da professora Cynthia Greive Veiga, percebe a Lei do Ventre Livre como possibilidade de discutir a educação para as crianças afro-brasileiras.

O autor-pesquisador verifica que embora, existisse a consciência da necessidade do processo de escolarização para as crianças afro-brasileiras, essa não foi adequada e efetivamente concretizada. Dessa forma, o artigo insere no contexto acadêmico outra versão para o debate da Lei do Ventre Livre, viabilizando alternativas de pensar a educação formal dos afro-brasileiros a partir desse momento histórico. Porém o texto embora se proponha a examinar práticas educacionais para afrodescendentes não faz o detalhamento das experiências apresentadas, o que tira um pouco a viabilidade de um texto mais rico em informações educacionais para afrodescendentes nas instituições apresentadas.

Marcus Vinícius Fonseca escreveu obras a partir de suas pesquisas, dentre as quais destacamos: *A educação dos negros: uma nova face do processo de*

*abolição do trabalho escravo; População negra e educação: um perfil racial das escolas mineiras no século XIX; Relações étnico-raciais e educação no Brasil; Entre o Seminário e o Grupo Escolar: a história da educação em Mariana (XVI-XX).* Além disso, desenvolveu projetos de pesquisa e extensão e se comprometeu com a orientação na pós-graduação *stricto sensu*, e colaborou em pesquisas como essa, de forma pronta, o que demonstra envolvimento em motivar pesquisadores que também se interessem pela história da educação e a temática étnico-racial.

Importante lembrar que para Marcus Vinícius Fonseca o processo de formação como pesquisador não foi simples, como ele mesmo afirma,

tinha limitações do ponto de vista teórico, porque eu vinha de uma experiência de graduação em filosofia, e fui para a área de educação [...] a formação como pesquisador eu não tinha, eu senti uma dificuldade muito grande em relação a isso, porque não tive experiência de pesquisa na graduação (FONSECA, entrevista, 28/05/2013) .

Assim, o ingresso desse autor-pesquisador no NE possibilitou seu fortalecimento e autonomia em pesquisa, já que como formação ele tinha essa lacuna como mostra declaração acima.

O segundo artigo que analisamos tem como título “*A Colônia Orfanológica Isabel de Pernambuco (1874-1887)*”, nele Adlene Arantes, sob orientação de Ana Maria Galvão, demonstra preocupação em descrever e discutir como foi a educação para as crianças dessa colônia, nesse sentido a autora-pesquisadora relata as normas do funcionamento da Colônia, retrata como foi a educação profissional, quais materiais escolares foram utilizados, o sistema disciplinar, assim como os possíveis locais que as crianças que lá estavam pudessem ir quando saíssem da Colônia Isabel de Pernambuco. Desse modo, o artigo demonstra processo de educação afro-brasileira em um tempo histórico em que poucos registros documentais da história da educação evidenciam essa temática. Assim, tanto para a academia como para a comunidade que é beneficiada com os projetos dessa natureza, a reflexão sobre a educação dos afro-brasileiros nas colônias orfanológicas possibilita a reelaboração das versões sobre o processo educacional brasileiro.

Adlene Silva Arantes participou da edição da obra comemorativa dos dez anos do GT21 intitulado *Relações étnico-raciais, educação e produção do conhecimento: 10 anos do GT 21 da Anped*, escrevendo o capítulo: *Henrique Dias: um herói negro representado em livros escolares de leitura utilizados nas escolas primárias pernambucanas em meados do século XIX*. Também colaborou escrevendo capítulos para as seguintes obras: *Instituições Escolares e Escolarização no Nordeste*; *Educação, escolarização e identidade negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/UFPE*; *Educação e Diversidade: estudos e pesquisas; programa de pós-graduação em educação da UFPE: 30 anos de uma história (1978-2008)*; *História da Cultura Escrita: estudos de caso nos séculos XIX e XX*. A autora-pesquisadora também coordena as seguintes pesquisas: A construção de modos de participação nas culturas do escrito por novos letrados: instâncias, objetos e sujeitos e Grupos Escolares: espaços de educação e instrução para meninos e meninas negras? (Pernambuco 1911-1940). Nesse momento não coordena projetos de extensão, envolvida em sua pesquisa de doutorado, no ano de 2014 defenderá sua tese na mesma linha de pesquisa, história da educação cujo título provisório é: Grupos Escolares: espaços de educação e instrução para meninos e meninas negras? (Pernambuco 1911-1940). Vale lembrar que tanto Marcus Vinícius Fonseca como Adlene Arantes participaram também da edição de egressos do NE, que teve por objetivo reunir egressos para uma nova oportunidade de pesquisa nos moldes dos NEs anteriores, o que acrescentou orientação em pesquisa e experiência para ambos.

Para Adlene Arantes (01/08/2013), participar do NE a fez pesquisadora em história da educação, já que graduada em pedagogia sentia a necessidade de orientação para essa área de pesquisa. Outra questão que a pesquisadora observa são os materiais recebidos durante o NE, como livros e CDs, os quais auxiliam suas práticas até o presente momento.

Itacir Marques da Luz, egresso do NE4, sob a orientação de Ana Maria de Oliveira Galvão e intitulado *“Compassos letrados: profissionais negros entre a instrução e o ofício em Pernambuco (1830-1860)”* discute a experiência da educação não formal de afro-brasileiros no Liceu de Artes e Ofícios: a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco (SAMLPE). Nesse trabalho, foi possível

comprovar a participação dos afro-brasileiros na cultura dos homens detentores do conhecimento de leitura e escrita, além da matemática e da resistência e esforço empreendido por esses sujeitos para acessar tais conhecimentos. Apesar do autor-pesquisador ainda utilizar em seu texto palavras como escravo ao invés de escravizado, questão discutida no capítulo três, o artigo apresenta informações importantes para a história da educação. Outro aspecto trazido nas discussões do artigo foi a escolha de um único sujeito para formular hipóteses sobre possíveis formas de escolarização dos afro-brasileiros adultos daquela associação da época. Nesse aspecto o texto apresenta o silenciamento de outros sujeitos envolvidos nesse processo de escrita e leitura.

O autor-pesquisador colaborou escrevendo capítulos de livros para as seguintes obras: *História da cultura escrita: séculos XIX e XX* e *Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03*. Sua tese está em fase de término com título provisório *Laços da Diáspora: associacionismo e educabilidade entre a população negra de Pernambuco na primeira metade do século XIX*. Membro editorial da Revista Pro-Professor desde 2012, também colabora com o Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, além de atuar no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFRPE e Programa de ações afirmativas da UFMG. Além disso participa de organizações não-governamentais.

Itacir Marques da Luz, autor-pesquisador desse artigo experienciou um processo difícil até tornar-se pesquisador, sua entrevista diz,

quando resolvi fazer a seleção de iniciação científica não foi no sentido fundamentalmente de fazer a carreira acadêmica. Foi no sentido de viabilizar a permanência na universidade, porque via que era complicado e ao mesmo tempo via que o público que ocupava a iniciação científica tinha um perfil sócio-econômico mais privilegiado do que o meu, na maioria dos casos. Eu achava aquilo socialmente injusto e resolvi ser o azarão, a falha do sistema, aí eu entrei na iniciação científica. Mas o que me definiu como pesquisador, foi fundamentalmente o Negro e Educação, foi ali que produzi uma pesquisa, porque até então eu era assistente de pesquisa, mas quando chegou no Negro e Educação que eu tinha um cronograma, que eu tinha que fazer, foi aí que eu caí em campo, foi aí que eu comecei a escrever, então foi uma exigência que eu fiz a mim mesmo tão grande que eu acabei fazendo uma dissertação praticamente inteira em um ano (LUZ, entrevista, 05/06/2013) .

A partir desse relato verificamos que as condições materiais do sujeito motivaram uma postura reativa na qual o autor-pesquisador tomou aquele momento de iniciação científica como suporte para desenvolver seu curso de graduação em situação mais favorável. Em outro trecho o autor-pesquisador narra e reforça a importância da ação afirmativa do NE para a entrada desses sujeitos no universo da pesquisa o que os posiciona em espaço de elite simbólica,

E aí como diz o Marcus Vinícius Fonseca, o Negro e Educação tinha esse caráter de ser uma política de ação afirmativa e que foi fundamental para nos tornar pesquisadores porque tanto no caso dele como no meu e de outros, ele foi fundamental para gente ingressar no mestrado e dar conta do mestrado, por conta do próprio caráter que tinha o Programa Negro e Educação, que era um programa de pesquisa (LUZ, entrevista, 05/06/2013).

Nessa parte da entrevista subentende-se que Itacir Marques da Luz (2013) tinha conhecimento de outros candidatos selecionados que precisavam de condições específicas como as oferecidas pelo NE para desenvolverem suas potencialidades.

O último artigo analisado foi “*A escola primária da Frente Negra Brasileira em São Paulo (1931-1937)*”, escrito por Márcia Luíza Pires de Araújo e sob orientação de Maurilane de Souza Bicas, discute a importância e a existência da Escola da Frente Negra Brasileira, para tanto detalha o funcionamento e a organização da escola considerando o tempo histórico e atividades da associação da Frente Negra Brasileira enquanto movimento social e entidade afro-brasileira. Esse artigo ao apresentar uma iniciativa articulada pela Frente Negra Brasileira consolida a positividade em ser afrodescendente. Embora a autora-pesquisadora não traga para seu artigo outras iniciativas de escolas como essa em outros locais do Brasil, esse é um indicativo bastante importante para a história da educação brasileira.

Márcia Luíza Pires de Araújo escreveu um capítulo no livro *História da Educação do Negro e outras histórias*, cuja frente do livro reproduzimos na capa dessa dissertação reunida com outras imagens de capas de livros totalmente elaborados ou com colaborações dos egressos do NE. Essa autora-pesquisadora que defendeu sua tese em 2013 intitulada *A escolarização de crianças negras*

*paulistas (1920-1940)* em sua competência como pesquisadora relata que o caminho nem sempre foi simples, fala sobre suas dificuldades no cotidiano, que assim como Hall (2003) foi marcada pelo fato de ser afro-brasileira.

Eu sou negra, eu me formei em Pedagogia no ano de 96, no período de 2000 eu trabalhei e no mesmo período me chamou a atenção a necessidade de trabalhar com essa temática. Pessoalmente, porque na escola, enquanto professora negra, a gente tem algumas dificuldades que são inerentes ao preconceito, ao racismo que ainda existe na educação e também academicamente eu achei que fosse um caminho muito bom de trabalhar, numa área de pesquisa que ainda é pouco explorada (ARAÚJO, entrevista, 05/06/2013).

Assim, ao pesquisar sobre as questões da história da educação afro-brasileira e ao vivenciar as ações de racismo em seu cotidiano Márcia Luíza Pires de Araújo (2013) além de pesquisar desenvolve um papel de militância em seu entorno o faz na pesquisa. Tais atividades indicam outras possibilidades de ação e luta a partir da forma como o sujeito lê e interage no mundo .

Da mesma forma que esses candidatos, outros selecionados aliaram suas pesquisas à militância da luta contra o racismo ou outras questões que diminuem os afro-brasileiros.

Nesse sentido, Silva (2011, p.156) retrata sua experiência pessoal dizendo que tem “aprendido a ser professora, pesquisadora, militante, tratando de fazer da produção de conhecimento e da docência instrumentos e formas de luta contra o racismo e qualquer sorte de discriminações”.

Desse modo, embora apenas quatro artigos tenham sido elaborados nas quatro edições do NE partindo da temática História da Educação, estes já sinalizaram e motivaram outros trabalhos nessa linha de pesquisa, o que torna o trabalho pioneiro desses autores-pesquisadores relevante para o NE e para as pesquisas na academia brasileira sobre história da educação, especificamente com enfoque nas relações étnico-raciais.

Corroborando com as práticas discursivas dos selecionados, Silva (2011, p.144) afirma que

O sofrimento de crianças negras diante do tratamento recebido em escolas, a discriminação sofrida por homens negros confundidos com malfeitores, a dor de mulheres negras quando reduzidas a símbolo sexual, e tantas outras formas de desumanizar nossa negritude, foram mostrando o quanto se fazia urgente buscar nossa fortaleza nas raízes africanas, na história de nossos antepassados.

Desse modo, a prática social representada nos artigos analisados através dos estudos críticos do discurso contribui para a possibilidade de apresentar à comunidade científica outras leituras acerca da participação afro-brasileira na história da educação. Através das análises foram percebidas versões contra hegemônicas da história da educação e uma relação dessas pesquisas com a atualidade dos sujeitos autores-pesquisadores que, através das entrevistas narrativas, revelaram partes de suas trajetórias mostrando as dificuldades materiais e de pesquisa que enfrentaram para tornarem-se os atuais pesquisadores-professores e militantes.

Assim, os resultados das análises mostraram que ações como o NE são essenciais porque mesmo pesquisadores centrados na temática étnico-racial ainda carregam 'ranço ideológico' em seus discursos a favor de uma causa que não defendem. Van Dijk (2008a, p.15) afirma que os "estudos críticos do discurso também podem, a partir das experiências dos (membros de) grupos dominados serem usados para avaliar o discurso dominante". Dessa maneira, além de dar visibilidade ao discurso dos artigos sobre história da educação elaborados no NE, também foi possível nessa pesquisa observar traços do discurso dominante e elementos de um discurso mais contemporâneo sobre a participação dos negros no processo de escolarização brasileiro.

Compreendemos que a carga discursiva eurocêntrica que envolve o ambiente acadêmico impregna também pesquisadores que se posicionam contra o discurso vigente. Sobre a questão, Van Dijk (1993, p.158-159) afirma que

se conhecimento é poder, então o conhecimento de outras pessoas pode ser um instrumento de poder sobre outras pessoas. Essa verdade é especialmente relevante ao examinarmos o discurso acadêmico sobre raça e etnias. A história desse resultado anda em paralelo com a história do racismo. Desde a antiguidade grega e romana, e especialmente desde a Renascença até hoje, intelectuais

européus têm sido envolvidos em estudos de outras pessoas não-europeias. Suas ideias e ideologias tem tido um enorme impacto nas relações públicas, políticas, econômicas e sociais entre povos e religiões do mundo.

Nesse sentido buscamos fontes também de autores brasileiros, o que ainda é tão pouco utilizado por nós já que ainda temos muito para estudar sobre nós mesmos e nossa constituição étnica diversidade. Dessa maneira, trabalhamos na solução do problema de pesquisa que esteve centrado na seguinte pergunta: Como está representada a prática social nos discursos pronunciados nos artigos sobre história da educação no NE? Utilizando a afirmação de Fairclough (1989, p.37) sobre prática social temos que,

a relação entre discurso e estruturas sociais não é uma relação que vai apenas em uma direção, determinada por estruturas sociais, o discurso tem efeito nas estruturas sociais e contribui para a continuidade ou mudança social.

Através das entrevistas narrativas e semi-estruturadas, dos relatórios da Fundação Ford, artigos, obras e relatórios encomendados para avaliar o NE tivemos acesso ao contexto de produção das pesquisas do NE. Nesse sentido, reconstituímos o processo histórico do NE a partir das memórias, o que sistematizou uma possibilidade de leitura ainda não contada por esse viés.

Nesse sentido o NE foi uma ação que reuniu pesquisa de qualidade orientada por bolsistas competentes, vindo de processos competitivos, em sua maioria afro-brasileiros, fato novo para a história da educação até o momento. NE foi um programa de formação de pesquisadores negros em sua maioria que lidou exclusivamente com a temática educacional e negra e contou com o apoio de pesquisadores orientadores e tutores que eram acadêmicos e também militantes, o que potencializou a formação de pesquisadores comprometidos com as práticas teóricas e sociais relacionadas à questão educacional e afro-brasileira. Isso pode ser visualizado se nos reportarmos aos gráficos do capítulo quatro que mostram a porcentagem dos egressos que atuam em IES e outras. No NE1 70% dos participantes atualmente encontram-se profissionalmente envolvidos em IES. Já dentre os egressos da segunda edição 86% trabalham em IES. Dos egressos do NE3 55% encaminharam-se para IES enquanto os outros 45% estão exercendo

profissão em outros espaços. O último NE, ou seja, a quarta edição, dividiu os egressos por igual, 50% encontram-se atualmente em IES enquanto os outros 50% ocupam outras instituições de trabalho.

Outro fator que merece ser lembrado é o quadro seis apresentado no último capítulo, o qual reúne os egressos que atuam em IES na atualidade por região brasileira, mostrando que todas as regiões foram beneficiadas com as produções de pesquisadores nos NEs, o que indica maior visibilidade das questões étnico-raciais nas IES brasileiras, fato este detalhado e reforçado no espaço do mesmo capítulo quando nos debruçamos sobre o tripé ensino, pesquisa e extensão de cada egresso.

Convém lembrar Cunha Jr. (2003, p.2) ao falar sobre o preconceito nos programas de pós-graduação quando afirma que

é abusiva a falta de preparo ético, humano e crítico dos corpos de decisão sobre os programas de pós-graduação com relação a desigualdade étnica nos programas, nas preocupações destes programas, e nas universidades e centros de pesquisas do país. Os despreparos éticos, as persistências étnicas de minorias, os preconceitos encobertos, as discriminações e os racismos, formam um bloco de similaridades e de resultados práticos que despotencializam os afrodescendentes para estes programas, processo cuja superação aponta para a necessidade de um programa de formação de pesquisadores (as) negros(as).

Para avançarmos em mais uma representativa colaboração dos NEs nos espaços das IES brasileiras é interessante enfatizarmos o gráfico nove do capítulo quatro em que são apresentados a porcentagem de egressos que orientam hoje em cursos de pós-graduação *stricto sensu* por área de conhecimento. Nesse sentido verificamos que a maior porcentagem, 60% dos egressos, estão em cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Educação, logo após, todas as outras quatro áreas, que são: Dinâmicas territoriais e sociedade; Linguagem, identidade e subjetividade; Artes cênicas e educação e Políticas públicas e sociedade estão representadas com 10% dos egressos cada.

Nesse sentido, várias egressos aliam pesquisa e temas afro-brasileiros. Oliveira (2010, p.217) ao ser entrevistada sobre as articulações entre academia e movimento negro nos anos 2000 declarou que

pressionada pelos ganhos principalmente do movimento negro junto ao poder público, a universidade timidamente se transforma, ao inserir no seu interior atividades e programas que tratam da questão negra em suas diferentes funções, mas a articulação entre a universidade e o movimento negro ainda é muito incipiente. O professor Kabengele Munanga salienta, em uma de suas produções, que universidade e movimento negro devem ter uma relação como “vasos comunicantes”. Entretanto, a despeito dos avanços, a relação academia/ movimento negro e vice-versa ainda está muito distante do desejável. Percebe-se, por exemplo, o significativo crescimento das produções acadêmicas sobre o negro, o aumento de espaços para tais discussões como: NEABs, ABPN, GT 21 da Anped, as quatro edições do concurso Negro e Educação, a criação de cursos e de linhas de pesquisa sobre a questão negra os cursos de pós-graduação *stricto sensu*, mas o acesso e a disseminação dos conhecimentos produzidos sobre a questão ainda são muito restritos, o que compromete a apropriação de tais conhecimentos de parte da população que não é iniciada na linguagem acadêmica e que necessita da mediação do movimento negro em relação a este aspecto, para fortalecer as suas reivindicações e participar mais efetivamente das decisões públicas que afetam as suas vidas.

Então, ao explicitar concretamente as articulações desempenhadas pelos candidatos selecionados e envolvidos na análise dos artigos que elaboramos no capítulo 3 podemos enumerar algumas: Marcus Vinícius Fonseca escreveu obras a partir de suas pesquisas, desenvolveu projetos de extensão e se comprometeu com a orientação na pós-graduação *stricto sensu*, além de colaborar em pesquisas como essa, de forma pronta, o que demonstra boa vontade em motivar pesquisadores que também se interessem pela história da educação e a temática étnico-racial.

Itacir Marques da Luz, militante, ainda graduando foi selecionado no NE, participa de ações étnico-raciais na comunidade do município e do estado de PE, participou da criação do NEAB da UFPE, além de ser membro colaborador do NEAB da UFRPE. Atualmente doutorando na área da história da educação, trabalhando ainda com a questão étnico-racial é um exemplo de prática teórica e social dos egressos selecionados do NE que trabalharam com história da educação. Márcia Luíza Pires de Araújo (2013), além de atuar como professora e diretora de instituição de ensino superior continua a pesquisar na área da história da educação de afro-brasileiros, recém doutora tem realizado projetos e pesquisas na área étnico-racial.

Esse tipo de inserção é fundamental, pois como afirma Hall (2011, p.329) ao citar uma entrevista de Isaac Julien<sup>38</sup>, diz que “a negritude enquanto signo nunca é suficiente. O que aquele sujeito negro faz, como ele age, como pensa politicamente, o ser negro realmente não me basta: eu quero conhecer as suas políticas culturais”. Assim, ao verificarmos que políticas culturais têm sido desenvolvidas para as questões afrodescendentes através da Fundação Palmares, corroboramos com o que Hall ao posicionarmos a sociedade negra como agente na construção dessas políticas.

Na mesma direção temos a afirmação de Santos (2011) quando declara a importância do crescente empenho dos movimentos negros, ONGs negras, parlamentares e intelectuais negros para ampliar as formas de luta afro-brasileiras. Nesse sentido, os discursos pronunciados pelos intelectuais negros analisados nesse trabalho surgem como formas de luta além de pesquisa e inserção em espaços ocupados pela elite simbólica de professores e acadêmicos. Portanto, nesse universo de 53 textos acadêmicos publicados nos livros do NE ainda existe muito a ser analisado e discutido, trabalho que ficará para futuras investigações, dessa ou de outra linha de pesquisa. Assim, terminamos por hora, as discussões em torno do NE e sua importância em relação à produção acadêmica e as redes de pesquisadores formadas a partir dessa, além da reflexão sobre possibilidades de novas ações que possibilitem pesquisa envolvendo afro-brasileiros a partir da declaração de Maria Malta Campos quando afirma que para existirem novas edições do NE,

Seria necessário avaliar qual o formato que uma iniciativa desse tipo poderia assumir neste momento e quem poderia financiá-la e coordenar o programa. Talvez hoje, uma iniciativa desse tipo pudesse ter um formato diferente e ser assumida por um órgão oficial, como o CNPq, a CAPES ou a FAPESP (CAMPOS, entrevista, 11/09/2012).

Desse modo, deixamos em aberto sugestões e indicações da pesquisadora e professora Maria Malta Campos para que outros pesquisadores e gestores da política educacional das instituições brasileiras possam apoiar e desenvolver ações que envolvam afro-brasileiros e pesquisa.

---

<sup>38</sup> Instalador e artista inglês tem entre seus trabalhos em filme: Frantz Fanon, Black Skin White Mask (1996), Young Soul Rebels (1991).

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio; CARDIA, Nancy. **Das Análises Sociais aos Direitos Humanos**. In: Brooke, Nigel; Witoshynsky, Mary. (Orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 201-240.

AGUIAR, Gilberto Orácio de. **Negros malês: a religiosidade islâmica atualizada no instituto Cultural Steve Biko**. CiberTeologia ( São Paulo. Online), v. 13, p. 49, 2007.

AGUIAR, Márcia Angela da Silva. **A ANPEd e o Campo da Diversidade Cultural: Iniciativas e Contribuições Recentes**. Revista Múltiplas Leituras, v.2,n.1, p.9-20, jan./jul., 2009.

ALMEIDA, Silvia Capanema de. **Somos ou não somos racistas?** Historia Viva, São Paulo, p. 70 - 76, 06 nov. 2006.

ARANTES, Adlene Silva . **A Colônia Orfanológica Isabel de Pernambuco (1874-1887)**. In: Iolanda de Oliveira; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva; Regina Pahim Pinto. (Org.). Negro e educação:escola, identidades, cultura e políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa/ANPED, 2005, v.3, p. 14-28.

ARAÚJO, Marcia. A escola da Frente Negra Brasileira. In: Ação Educativa; ANPED; Fundação Ford. (Org.). **Negro e Educação 4: Linguagens, educação, resistências, políticas públicas**.1ed.São Paulo: Ação Educativa, 2008, v. 04, p. 39-55.

BARBOSA, Lucia Maria de Assunção ; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e ; SILVÉRIO, Valter Roberto . **De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil.** São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2003.

BAUER, Martin W; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: urn manual pratico** / tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

BHABHA, Homi K. ,**Nation and Narration.** London; New York: Routledge, 1990.

\_\_\_\_. **O local da cultura.** BH, Editora da UFMG, 1998.

BROOKE, Nigel; WITOSHYNSKY, Mary (Orgs.). **Os 40 Anos da Fundação Ford no Brasil: uma parceira para a mudança social.** Rdusp, São Paulo. , 2002.

BUTCHARD, Ronald E. **Schooling the Freed People:**Teaching, Learning, and the Struggle for Black Freedom, 1861-1876. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história;** tradução de Maria de Lourdes Menezes;\*revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. Historiador francês discute as práticas de leitura hoje. Entrevista. Revista de História. 1/11/2007. Disponível em <

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/entrevista-roger-chartier>>. Acesso em: 21/11/2013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

CIAVATTA, Maria ; SILVEIRA, Zuleide Simas da . **Celso Suckow da Fonseca**. 1. ed. Brasília: MEC/ FGN / MASSANGANA, 2010.

CRUZ, M dos S. **Uma abordagem sobre a história da educação dos negros (in) História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CUNHA JR, Henrique. **A Formação de Pesquisadores Negros no Brasil**. Revista Espaço Acadêmico, ano III, n.27, agosto/2003.

\_\_\_\_\_. **Nós, afro-descendentes**: História africana e afrodescendente na cultura brasileira. In: SECAD-Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - MEC. (Org.). **História da Educação do negro e outras histórias**. 1ed. Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO, 2005, v. 1, p. 249-273.

DI PIERRO, Maria Clara (org.) **Concurso Negro e Educação: Avaliação de Processo**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. **Language and power**. London, Longman, 1989.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 194.

FONSECA, Marcus Vinicius. **Apontamento em relação às formas de tratamento dos negros pela história da educação**. História da Educação (UFPel), v. 42, p. 29-59, 2009.

\_\_\_ As primeiras práticas com características escolares em relação aos negros no Brasil. In: Silva, Petronilha; Pinto, Regina Pahin. (Org.). **A presença do negro no sistema educacional brasileiro**. São Paulo: Anped/ ação educativa, 2001, v. 1, p. 11-36.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FUNDAÇÃO FORD. **Grant Status Report**. São Paulo, 2000.

FUNDAÇÃO FORD. **Grant Status Report**. São Paulo, 2004.

FUNDAÇÃO FORD. **IV Concurso Negro e Educação.** Relatório narrativo parcial 2005/2006, São Paulo, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira:** desafios, políticas e práticas. Livros ANPAE, v. 1, p. 1-13, 2010.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Tem alguém aí?** Revista de História (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, p. 16 - 19, 10 set. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et all. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E; SANTOS, A. R. **Sobre escravos e escravizados:** percursos discursivos da conquista da liberdade. In: III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012, Campinas. Dilemas e desafios na contemporaneidade. Anais do II Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Cultura. Campinas: UNICAMP, 2012.

LUZ, Itacir Marques da. **Compassos Letrados:** trabalhadores negros entre a instrução e o ofício em Pernambuco (1830-1860). In: OLIVEIRA, Iolanda; AGUIAR, Márcia Ângela; SILVA, Petronilha Beatriz; OLIVEIRA, Rachel de.. (Org.). **Negro e**

**Educação 4:** Linguagens, educação, resistências, políticas públicas. 1ed. São Paulo: Ação Educativa, ANPED, 2008, v. 4, p. 56-72.

MAGALHÃES, Izabel. **Introdução:** A Análise de Discurso Crítica. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 21, p. 1-9, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os anais de um evento no contexto do atendimento educacional especializado:** Gêneros, discursos e identidades. PAPIA 21 (Volume Especial), p. 65-81, 2011.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Educadores & alunos negros na Primeira República.** 1a. ed. Brasília, DF; Rio de Janeiro: Ludens; Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

\_\_\_\_\_ ; PEREIRA, Rosangela Saldanha ; SILVA, Maria da Anunciação . **Garantindo a Permanência de Jovens negros no Ensino Superior.** Livros NEPRE, v. 01, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil.** Entrevista. Revista, São Paulo, p. 11 - 17, 01 jan. 2004.

OLIVEIRA, Iolanda de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. (Orgs.) **Identidade Negra Pesquisas sobre o negro e a educação no Brasil.** São Paulo: Ação Educativa/ANPED, 2003.

\_\_\_\_; AGUIAR, Márcia Ângela da Silva; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; OLIVEIRA, Rachel de. (Orgs.). **Negro e Educação 4: Linguagens, educação, resistências, políticas públicas**. 1ed.São Paulo: Ação Educativa, ANPED, 2008.

\_\_\_\_; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; PINTO, Regina Pahim. (Orgs.). **Negro e educação: escola, identidades, cultura e políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa/ANPED, 2005.

\_\_\_\_. **Negros e educação no Brasil: uma entrevista com o coração de uma militante acadêmica**. Perspectiva, Florianópolis, v. 28, n. 1, 213-224, jan./jun. 2010

PENA, Sergio D.J. ; Bortolini, Maria Cátira. **Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações afirmativas?** Estudos Avançados, Brasil, v. 18, p. 31-50, 2004.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2. n.3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5. n.10, 1992, p. 200-212.

PRIORE, Mary Lucy Murray. **A História das Crianças no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica**: uma perspectiva transdisciplinar entre a Lingüística Sistêmica Funcional e a Ciência Social Crítica. In: 33rd International Systemic Functional Congress, 2007, São Paulo. Proceedings of the 33rd International Systemic Functional Congress. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006. p. 1069-1081.

\_\_\_\_ RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo Contexto, 2006.

RICOEUR, P. **Time and Narrative**, volume I, 1984.

ROCHA, José Geraldo da. **Avaliação Concurso Negro e Educação**: Relatório Final. Rio de Janeiro: s.ed., 2007.

\_\_\_\_. **De preto a afrodescendente**: implicações terminológicas. Almanaque CIFEFIL, v. XIV, p. 899-907, 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Ação afirmativa no ensino superior brasileiro**: pontos para reflexão. In: Ana Cristina de Souza Mandarino; Estélio Gomberg. (Org.). **Racismos: olhares plurais**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010, v. , p. 93-127.

SANTOS, Sales Augusto dos. **A Metamorfose de militantes negros em negros intelectuais**. Mosaico (Rio de Janeiro), v. 5, p. 1-25, 2011.

SILVA, J.M. **Entrevista com Michel Maffesoli**: O imaginário é uma realidade (entrevista). Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.15, p.74-81, agosto de 2001.

SILVA, Paulo Vinícius Batista da; ROSEMBERG, Fúlvia. **Brasil**: lugares de negros e brancos na mídia. In: Teun A. van Dijk. (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. 1ed.São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Afinal, qual é o pente que te penteia?** Jornal da Unicamp. Ano XV, n.165. Distribuição gratuita. Campinas, agosto de 2001.

\_\_\_\_. **Aprender a conduzir a própria vida:** dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In **De preto a afro-descendente:** trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2003.

\_\_\_\_. **Entre Brasil e África:** construindo conhecimento e militância. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

\_\_\_\_. **Formação continuada dos Bolsistas dos Concursos Negro e Educação.** In: 29a. Reunião Anual da ANPED - Sessão especial, 2006, Caxambu - MG. ANPED, 2006.

\_\_\_\_; PINTO, Regina Pahim . **Formação de pesquisadores no contexto do I Concurso Negro e Educação.** In: Maria M. Malta Campos; Petronilha B.G. e Silva. (Org.). **Negro e Educação:** Presença do negro no sistema educacional brasileiro. 1ed.São Paulo: Ação Educativa Assessoria Pesquisa e Informação, 2001, v. 1, p. 7-9.

\_\_\_\_; PINTO, Regina Pahim (Orgs). **Negro e Educação:** presença do negro no sistema educacional. São Paulo: Ação Educativa ANPED, 2001.

\_\_\_\_. **Negro e Educação:** temáticas, problemas, perspectivas de pesquisa. In: 24a. Reunião Anual da ANPED - Sessão especial, 2000, Caxambu - MG. ANPED, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SISS, A.; OLIVEIRA, I. **Trinta anos de ANPEd, as pesquisas sobre a educação dos afro-brasileiros e o gt 21: marcas de uma trajetória**. In: 30a R.A. da ANPEd, 2007, Caxambu. GT 21 - Trabalhos Encomendados, 2007.

SOWELL, Thomas. **Affirmative actions around the world**. Yale University Press. New Have & London, 2004.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008a.

\_\_\_\_. **Elite Discourse and Racism**. Newbury Park, CA: Sage, 1993.

\_\_\_\_. **Ideology and Discourse - A Multidisciplinary Introduction**. On website. Versão em inglês de um curso na internet para a Universidade Oberta de Catalunha (UOC) Julho de 2000. Disponível em <http://www.discourses.org/projects/ideology/>. Acesso em 18/11/2013.

\_\_\_\_. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008b.

\_\_\_\_. **Text and Context**. New York: Longman Linguistics Library, 1977.

WODAK, Ruth.; REISIGL, M. **Discourse and Racism: European Perspectives.** In **Annual Review of Anthropology**, Vol. 28, (1999), pp. 175-199.

\_\_\_\_\_. **La historia en construcción / la construcción de la historia.** *Discurso & Sociedad*, Vol. 5 (1) 2011, 160-195.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1 - FORMULÁRIO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Ponto de vista dos participantes do *Concurso Negro e Educação*

1) Como você entende a consequência do *Concurso Negro e Educação* na sua formação de pesquisador?

( ) Boa ( ) Satisfatória ( ) Fundamental ( ) Outro – explicita

Neste espaço você pode acrescentar algo que acredite ser importante para esclarecer a resposta 1.

2) Qual é o seu olhar em relação ao suporte que o *Concurso Negro e Educação* teve? Lembrando que os envolvidos foram: ANPEd, Ação Educativa e Fundação Ford.

3) Atualmente você tem algum projeto relacionado ao tema *Negro e Educação*?

( ) Não atualmente. – Explícite qual ou quais foram os projetos anteriores

( ) Sim, tenho. – Explícite qual ou quais são os projetos nos quais está envolvido.

Estou vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP onde desenvolvo pesquisas ligadas a esta área.

( ) Não. – Diga o motivo pelo qual não foi envolvido ou não se envolveu em algum projeto uma vez que participou do *Concurso Negro e Educação*.

4) Ainda se encontra na academia? Em qual instituição? Desempenhando qual função?

## APÊNDICE 2 – ROTEIRO ENTREVISTA NARRATIVA

Entrevista Narrativa a ser realizada por telefone acoplado a um gravador cassete *Marantz* PMD-222 ou via *Skype* com o auxílio do *software MP3 Skype Recorder 3.1.*, de acordo com as possibilidades da entrevistada ou do entrevistado.

Olá,

Sou mestranda em Educação e meu objeto de estudo é o Concurso Negro & Educação. Como já agendamos gostaria que falasse sobre sua trajetória no Concurso Negro e Educação. Caso seja necessário ao final da entrevista farei perguntas sobre questões que ainda tenham que ser esclarecidas.

Muito obrigada por sua colaboração.